



# A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Díaz • Dilma Rousseff •  
Fernando Haddad • Frei Betto  
• Izabella Teixeira • João Manuel  
Cardoso de Mello • Luis Nassif  
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •  
Marilena Chaui • Paulo Betti  
• Rogério Cerqueira Leite •  
Silvio Almeida • Tereza Cristina



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

“O sistema público de gestão ambiental federal está comprometido.”

***Izabella Teixeira***

“A questão racial está no centro das desigualdades.”

***Nilma Gomes***

“O que temos hoje é uma política de desmonte e destruição.”

***Fernando Haddad***

“A gente tem que pensar mais em política, parar com isso de que não se discute futebol, religião e política.”

***Teresa Cristina***

“Qualquer projeto de governo progressista e popular tem que incluir, necessariamente, um retorno ao trabalho de base.”

***Frei Betto***

“A palavra é resistência. Continuar registrando, interpretando e tentando refletir. É nossa função.”

***Chico Díaz***

“Muita coisa foi abandonada na área da cultura, da ciência e da educação. Recuperar é sempre muito difícil.”

***Rogério Cerqueira Leite***

“O golpe não só corroeu a democracia, como a gente está vendo, mas é responsável pelo aumento extraordinário da miséria.”

***Dilma Rousseff***

# **A LUTA CONTRA O FASCISMO**

# **A LUTA CONTRA O FASCISMO**

Organização:  
Alberto Cantalice  
Pedro Camarão

## **Fundação Perseu Abramo**

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

### *Diretoria:*

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Elen Coutinho

Jéssica Italoema

Alberto Cantalice

Artur Henrique

Carlos Henrique Árabe

Geraldo Magela

Jorge Bittar

Valter Pomar

### *Conselho editorial:*

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo,  
Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz Dulci, Macaé Evaristo,  
Marcio Meira, Maria Rita Kehl, Marisa Midori Deaecto, Rita Sipahi, Silvio Almeida,  
Tássia Rabelo, Valter Silvério

### *Coordenador editorial:*

Rogério Chaves

### *Assistente editorial:*

Raquel Costa

### *Revisão:*

Angélica Ramacciotti

Claudia Andreoti

### *Diagramação:*

Antonio Kehl

### *Ilustrações gentilmente cedidas por:*

Nathalie Nascimento

---

A luta contra o fascismo / Alberto Cantalice  
L991 e Pedro Camarão, orgs. – São Paulo : Fundação  
Perseu Abramo, 2022.  
206p.

ISBN 978-65-5626-016-7

Ebook

I. Título II. Questão racial III. Mídia - Brasil IV. Operação  
Lava Jato V. Política – Brasil VI. Fascismo 1. Cantalice,  
Alberto(org)2. Camarão, Pedro (org)

---

Fundação Perseu Abramo  
Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana  
04117-091 São Paulo – SP  
Fone: (11) 5571 4299  
[www.fpabramo.org.br](http://www.fpabramo.org.br)

## Sumário

Apresentação .....	7
<i>Olímpio Cruz Neto</i>	
Genealogia do fascismo no Brasil .....	11
<i>Alberto Cantalice</i>	
Por uma democracia emancipatória: a questão racial nos governos progressistas brasileiros .....	21
<i>Nilma Lino Gomes</i>	
Fascismo, mídia e operação Lava Jato.....	31
<i>Pedro Camarão</i>	
Entrevistas .....	41
Fernando Haddad .....	43
<i>Por Pedro Camarão</i>	
Izabella Teixeira .....	51
<i>Por Pedro Camarão</i>	
Teresa Cristina.....	61
<i>Por Pedro Camarão</i>	
Paulo Betti .....	71
<i>Por Pedro Camarão</i>	
Frei Betto .....	81
<i>Por Pedro Camarão e Alberto Cantalice</i>	

Chico Díaz.....	95
<i>Por Olímpio Cruz Neto</i>	
Dilma Rousseff.....	109
<i>Por Olímpio Cruz Neto</i>	
Rogério Cezar de Cerqueira Leite.....	121
<i>Por Pedro Camarão</i>	
Marilena Chaui .....	130
<i>Por Pedro Camarão e Alberto Cantalice</i>	
João Manuel Cardoso de Mello.....	142
<i>Por Bia Abramo e Pedro Camarão</i>	
Luiz Carlos Bresser-Pereira.....	153
<i>Por Pedro Camarão</i>	
Luis Nassif.....	164
<i>Por Olímpio Cruz Neto e Pedro Camarão</i>	
Silvio Almeida.....	178
<i>Por Alberto Cantalice e Pedro Camarão</i>	
O pêndulo da história e a direção do Brasil e da América Latina .....	197
<i>Aloizio Mercadante</i>	
Sobre os organizadores e a ilustradora .....	203

## Apresentação

*Ólímpio Cruz Neto*

O Brasil vive uma distopia perigosa desde 2016, quando Dilma Rousseff (PT) foi deposta da Presidência da República num golpe travestido de impeachment. Sem crimes de responsabilidade, deputados e senadores cassaram uma presidenta honesta e rasgaram 54,5 milhões de votos dos brasileiros que a haviam reconduzido ao Palácio do Planalto.

Desde então, sucessivos retrocessos civilizatórios acometeram o país, com a ascensão de Michel Temer (MDB), que em ritmo alucinante atacou direitos sociais e fez erodir políticas sociais importantes para o combate à desigualdade secular brasileira. A agenda neoliberal derrotada por quatro vezes nas urnas, conseguiu chegar ao coração do poder central, esmagando as vozes populares.

Em seguida, essa mesma agenda promoveu a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, em outro golpe liderado pelo ex-juiz Sérgio Moro, aquele mesmo que havia colaborado para o impeachment de Dilma ao cometer grampear ilegalmente a presidenta em 2016 na perseguição a Lula. Moro condenou e prendeu ilegalmente e sem provas um ex-presidente da República.

A operação Lava Jato, desencadeada em 2014 por Moro e procuradores da República – com amplo apoio da mídia oligopolista



nacional – abriu espaço para a eleição de Jair Bolsonaro (eleito pelo PSL, atualmente no PL), um extremista de direita que rapidamente cooptou amplos setores políticos, empresariais e o próprio Moro. O ex-juiz foi premiado pela prisão de Lula com o Ministério da Justiça, num convite desmoralizante feito pelo novo mandatário.

E aí veio o caos, com a caixa de Pandora sendo aberta para o espanto do mundo. Assim, o Brasil da cultura e do futebol, da música e da alegria, do exemplo de combate à fome e à miséria, passou a ser visto como a terra do mal e da devastação ambiental, a Nação onde se mata mais negros, jovens e pobres – aos montes – graças à polícia mais letal do mundo.

O país vem sendo corroído pelo bolsonarismo. As instituições passaram a ser sugadas pela extrema-direita, a ponto de os alertas aos riscos do atraso imposto pela agenda ultraliberal e ultraconservadora guiados por Bolsonaro e Paulo Guedes serem normalizados.

Em nenhum momento da história do Brasil, o ódio a negros, índios, jovens, intelectuais, artistas e ativistas dos movimentos sociais foi política de Estado. Mesmo a ditadura militar, que se impôs em 1964 e perseguiu e torturou opositores durante seus 21 anos de existência, jamais assumiu ostensivamente o rancor como uma expressão aberta e direta de sua política. Nenhum general-presidente defendia o fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF), como o extremista que ocupa o Planalto.

Em pleno ano de 2022, o que o país vivencia é a tentativa do neofascismo bolsonarista de expelir e acabar com qualquer resquício de política social ou luta institucional contra a desigualdade. Mas não sem o grito e alarme daqueles que se debatem contra o mal liderado por Bolsonaro.

Este livro traz algumas das vozes de personalidades da vida política brasileira que têm alertado, desde 2021, sobre os riscos que vivemos. São 13 brasileiros comprometidos com a defesa da democracia, da soberania nacional e da luta por um Brasil mais fraterno

e solidário. Todos atacam os retrocessos com a manutenção desse projeto de poder que está levando o país ao século XIX.

Esses 13 brasileiros reunidos nesta obra são a expressão da resistência dos sonhadores que lutam contra o fascismo bolsonarista: Fernando Haddad, Izabella Teixeira, Tereza Cristina, Paulo Betti, Frei Betto, Chico Diaz, Dilma Rousseff, Rogério Cerqueira Leite, Marilena Chaui, João Manuel Cardoso de Mello, Luiz Carlos Bresser-Pereira, Luis Nassif e Silvio Almeida.

As entrevistas foram colhidas pela equipe da revista Focus Brasil, editada pela Fundação Perseu Abramo (FPA), ao longo de 2021 – em plena pandemia da covid-19, que tirou a vida de mais de 500 mil brasileiros pela omissão criminosa e irresponsável de Jair Bolsonaro. É hora de tomar o alerta das vozes desses 13 brasileiros como um trunfo político para restabelecer a vontade popular e derrotar o atraso.

Brasília, 25 de abril de 2022

## Genealogia do fascismo no Brasil

*Alberto Cantalice*

**H**erdeiros do escravagismo, da tentativa permanente do apagamento dos povos originários, do mandonismo, do autoritarismo, do fundamentalismo religioso de cuja matriz surgiu as insígnias que os mantém: Deus, pátria e família. O que hoje convencionamos chamar de fascismo à brasileira, tem profundas raízes históricas.

Colônia de exploração e não de povoamento, o Brasil veio ao longo de sua trajetória se constituindo como entreposto de mercadorias: primeiramente de Portugal e, posteriormente, da Inglaterra. Desenvolvendo-se tardiamente, foi só com a transferência da Corte portuguesa em 1808, fugindo de Napoleão que chegava às portas de Lisboa, que o Brasil e mais especificamente a sede da Coroa, o Rio de Janeiro, começa a ganhar ares de nação.

Talvez, dado ao seu extenso território – cujo primeiro jeitinho, ou jabuticaba foi a distribuição das “capitanias hereditárias” –, o país, ao longo de sua história, jamais enfrentou um conflito de natureza mudancista como foram a guerra de secessão nos Estados Unidos (EUA) ou a Revolução Francesa. Uma miríade de conflitos localizados deram a tônica da formação brasileira. As guerras de Canudos e o desmonte do Quilombo dos Palmares são exemplos cristalinos

do uso do aparato de um Estado ainda incipiente e totalmente capturado pelos interesses do latifúndio em “guerras” localizadas e não universalizadas. Sempre em defesa dos interesses colonizadores e da rapina do além-mar.

Esses feitos são cantados e decantados nos sermões do Padre Antônio Vieira e foram amalgamados sempre por interesses da pequena casta de senhores de engenho e agentes do Império colonial.

Surge, então, o desejo e a necessidade de consolidar e demarcar o espaço português na América e, para isso, precisa-se de gente.

A captura e escravização de africanos – mão de obra de exploração das riquezas do território, em substituição ao indígena – é a pedra de toque que faltava. Começa aí a formação do caldo de cultura que nos faz hoje a nação com o maior número de afrodescendentes no mundo, só perdendo em tamanho para a Nigéria – a maior população da África.

A exploração dos corpos negros; a tentativa de apagamento de suas culturas; a incidência dos castigos físicos; a criação de uma ideologia do branco como superior; a demonização do indígena rotulado como um ser preguiçoso e indolente; a transformação de mestiços e negros domesticados em capitães do mato, cuja função central era, em nome do “Senhor”, manter a disciplina e promover a captura dos rebelados e recalcitrantes, foi sendo constituído o germe da manta autoritária brasileira.

O negro está na gênese da formação social do Brasil. É parte preponderante da civilização tropical moderna que, malgrado as suas graves insuficiências, avanços e recuos, vamos nos constituindo. A imensa luta por direitos e pela visibilização surge em contraste com a superveniência do racismo estrutural. Chaga aberta na história do Brasil, o racismo é um dos pilares fundantes do fascismo à brasileira e será fruto de reflexões posteriores desse pequeno ensaio.

## O país dos conchavos

A série de deformações no processo constitutivo do Brasil nos transformou em *case* de resolução de conflitos e soluções pelo alto. Vem de longe!

Com exceção da Guerra do Paraguai, da disputa territorial com a Holanda no Nordeste e a participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, as chamadas forças de segurança do país se notabilizaram pela “guerra interna”. Isto é, o controle da população, e em especial dos pobres, e seus horizontes de conflitos, quando em jogo os interesses das Casas Grandes.

Garantidos pela instituição dessas forças – o que garantiria, em última instância, a permanência do *status quo* – os “senhores” foram moldando os interesses da nação atrelados aos interesses dos donos das terras, os donos do comércio, os donos do estado, os donos do dinheiro.

A grande massa da população foi, ao longo da história, mera espectadora dos pactos das elites. Inclusive na destituição do Império e a assunção da República, quando, segundo Aristides Lobo: “O povo assistiu aquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditaram seriamente estar vendo uma parada [militar]”.

O mesmo se deu um pouco antes, na independência, na famosa batalha de Itararé, “a batalha que não houve”. Onde, às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo, Pedro I teria dito a frase “Diga ao Povo que fico”, proclamando a separação da colônia Brasil da matriz Portugal.

Inicia-se o longo percurso da idealização de uma “casta superior”, brasileira, educada inicialmente em Lisboa e depois em Paris, letrada e possuidora de bens materiais e imateriais em contraposição a uma massa de incultos, coloridos e diferentes. O ideário central não poderia sedimentar democracia. Não há democracia com a exclusão da vida real da imensa maioria.

O que se gestou foi a cultura do autoritarismo. Do “puritanismo” canhestro e das ideias trazidas de fora. Já que o país foi um dos últimos na América Latina a contar com faculdades.

Essa “elite” é a espinha dorsal do exclusivismo e do apartamento do povo das decisões a ele inerentes.

Donos do poder contaram sempre com a captura do Estado e do direcionamento de suas ações, inclusive no seu braço jurídico, como elementos de controle social e de repressão àqueles que teimaram ou não se acomodaram com a sua própria condição.

Sedimentou-se a lógica do patronato. Dos serviços. As tarefas degradantes ou de baixa estratificação foram e são delegadas aos de baixo. Não à toa, a profusão de domésticas, auxiliares de serviços gerais e babás. Elevadores de serviços e entradas preferenciais nas residências e edifícios das classes médias e alta.

Qualquer movimentação no sentido de questionar a ordem dominante foi recebida pela mais cruel repressão e perseguição. Usando-se os órgãos de imprensa, alguns púlpitos e o sempre combustível – o dinheiro – como consolidador da ordem verdadeira.

Aplica-se de forma quase automática o simbolismo encarnado na *Microfísica do Poder*, de Foucault, sem tirar nem pôr.

Buscar as raízes do fascismo em nossas fronteiras é cavar fundo. É desentranhar e colocar a céu aberto a gênese da nossa formação. Está aí o abandono dos negros e negras ao Deus dará, quando da abolição da escravatura. E descendentes que hoje buscam, com a instituição da tardia política de cotas e ao esforço hercúleo de grande parte, por um lugar ao sol.

Vítimas do conservadorismo falso moralista, a comunidade LGBTQIA+ vem, a duras penas, lutando para garantir seus direitos básicos em um Estado democrático e sofrem, diuturnamente, a perseguição, o preconceito e até uma lógica de extermínio sem paralelo em outros países.

Golpeada em suas iniciativas de construir uma lógica igualitária, ou menos concentradora das rendas nacional, as forças democráti-

cas sempre tiveram suas iniciativas tolhidas pelas classes dirigentes. Aí estão o Estado Novo, a indução ao suicídio do Vargas democrata, a tentativa de emparedamento de Juscelino, o impedimento à posse de João Goulart e a sua deposição pelo golpe militar de 1964, que liberou as entranhas da fascistização do elemento brasileiro e cujo acobertamento pela Nova República levou a significativa parte do que hoje estamos vivendo.

Esse corolário de situações entorpecidas nos governos Sarney e Fernando Henrique Cardoso começou a despontar com a vitória de Lula, no pleito de 2002.

A mera expectativa de mudanças na trágica situação dos pobres colocou os setores dominantes em um constante jogo de tentativa e erro com o governo Lula. Aí pontifica uma certa “ilusão de classe” de setores da esquerda brasileira e a sua busca incessante por aceitação nos salões do poder.

A denúncia do “Mensalão” e o cerco que foi protagonizado contra o governo de Lula foi uma demonstração de que a velha Casa Grande estava ativa. A volta por cima operada a partir da reeleição de Lula em 2006 e o ciclo virtuoso de crescimento econômico do país fez diminuir o ímpeto golpista das elites econômico-financeiras e criou um ambiente de paz social que levou o então presidente a ter o patamar de 83% de aprovação popular.

Há que se destacar que, a despeito de “colocar o pobre no orçamento”, iniciativas que poderiam fortalecer o caixa do tesouro – como a manutenção da CPMF e a maior tributação de heranças – foram derrotadas no Congresso Nacional, o que demonstra que, mesmo tendo à frente do Executivo elementos progressistas, no Legislativo, manteve-se, durante todo o período, uma maioria de corte conservadora. Isto, sem dúvida, foi o dificultador da consolidação de políticas de viés estruturantes.

## A volta dos que não foram

A indicação de Dilma Rousseff para a sucessão de Lula suscitou, no imaginário político, uma série de indagações. Desde a mais pura misoginia até o puro preconceito pelo fato de a candidata ser uma ex-presa política, sem experiência no trato da política do dia a dia. Aversa aos colóquios e salamaleques da política tradicional, Dilma, desde o primeiro dia de campanha, foi vítima das depois notabilizadas *fake news*.

A campanha de 2010 foi a campanha da ficha falsa, da bolinha de papel e da demonização, tudo ancorado nas páginas e nos telejornais da mídia empresarial.

Nesse íterim, surgem as “marchas de 2013”. Nascida como uma justa reivindicação contra o aumento do preço das passagens de ônibus em São Paulo, sua posterior repressão pela PM paulista levou a sua capilarização pelo país e sua captura pelas forças de direita.

Em 2014, já sob o fogo cruzado da malfadada operação Lava Jato, a campanha de reeleição de Dilma foi sendo paulatinamente minada pelo reagrupamento de grande parte do *establishment* no entorno da candidatura de Aécio Neves e do descolamento de parte dos apoiadores do governo para o outro lado.

Vitorioso por pequena margem, o governo eleito não teve o devido reconhecimento pelo perdedor, ocasionando uma série de questionamentos nos tribunais superiores da validade do resultado eleitoral.

Eleito presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, logo de início, começa a conspirar. A aprovação das chamadas “pautas bombas”, o repique da crise de 2008 e os erros de condução da política econômica foram criando as condições para o golpe de 2016.

Fora do ambiente político, o juiz Sérgio Moro e os procuradores de Curitiba vinham sorratamente construindo as bases da perseguição a Lula e o descrédito e criminalização do Partido dos Trabalhadores.



Episódios de xingamentos à Dilma – como o uso de palavras de baixo calão no Itaquerao, na abertura da Copa do Mundo; o “não vai ter Copa”; e as marchas de 2013 – ajudaram a compor o caldeirão da desgraça nacional.

Amedrontados com o cerco midiático-judicial; descontentes com mais uma vitória das forças democráticas; estimulados pelos interesses do capital financeiro e do agronegócio, setores do governo, liderados pelo vice-presidente Michel Temer, começaram a conspirar.

Cavalgando a fajuta Ponte para o Futuro, Temer rearticula os setores dominantes com a promessa de “reformas”. Com o discurso de que essas ações tirariam o país da crise e o colocaria novamente na rota do crescimento, aplicou-se um dos maiores engodos políticos da nossa história republicana.

## O fascismo em ação

A busca e apreensão na casa de Lula, sua condução coercitiva e o fatídico “Power Point” de Deltan Dallagnol deram início à perseguição judicial que culminou com sua condenação pelo então juiz Sérgio Moro e confirmada, de forma acelerada, pelo TRF 4 – tudo com o intuito claro de obstaculizar sua candidatura ao pleito de 2018. O *lawfare* que se estabeleceu contra Lula teve o apoio entusiasmado dos grandes veículos da mídia brasileira. Todas as vezes que o Jornal Nacional, da Rede Globo, noticiava a Lava Jato, aparecia uma imagem de um duto de óleo jorrando dinheiro.

A mídia devidamente alimentada pelo juiz, pelos procuradores de Curitiba e com o auxílio luxuoso de parte da Polícia Federal e da Receita Federal foi montando o enredo que visava demonizar as forças progressistas, o PT, em particular, e sua maior liderança, Lula. O peso da imagética constituída foi de tal intensidade que conseguiu aglutinar e despertar os “demônios” da sociedade brasileira e sua face mais obscura e não transparente: as hordas de milicianos arma-

dos e desarmados que passaram a ocupar as ruas e as redes sociais propalando o discurso do ódio.

Substituindo a candidatura de Lula, Fernando Haddad, em curto espaço de tempo, começa a despontar. Sua candidatura é bombardeada inicialmente pela mídia empresarial e em seguida por um esquema clandestino de *fake news*, gestados no exterior e disseminado por uma rede articulada de forma profissional pelo WhatsApp. Daí a “mamadeira de piroca” e o “kit gay”, para ilustrar.

Na arquitetura montada neste consórcio midiático-judicial vê-se os tentáculos do Departamento de Justiça norte-americano e suas *inside informations* abastecendo os procuradores e o juiz como relatado pela vaza jato.

No bojo desse movimento destampa-se a figura do capitão Jair Bolsonaro. Ultrarreacionário, viúva incontestado do golpe de 1964, admirador de torturadores e defensor da base mais truculenta das polícias estaduais, Bolsonaro coube com exatidão no figurino montado. Trazendo na garupa o general Hamilton Mourão, Bolsonaro – com a omissão de parte das elites e da classe média e com o apoio velado dos militares e do fundamentalismo evangélico neopentecostal – espalma a Presidência da República.

Frisa-se a valorosa contribuição da chamada “república de Curitiba” com seus vazamentos clandestinos e divulgação de delações na vitória de Bolsonaro no segundo turno.

Ainda está na memória recente o presente recebido por Sergio Moro por ocasião da vitória: o Ministério da Justiça.

Primando pela coerência – já que nunca disse o contrário – o presidente eleito começa seu governo impondo sua pauta regressiva. Governa como se um soberano fosse e desconsiderando todos os limites do Estado democrático de direito. Ao enfrentar a tragédia instalada com a pandemia da COVID-19, vêm à tona sua ausência total de empatia e seu desprezo pela ciência, que nos faz legatários de mais de 500 mil brasileiros mortos.

Vendo o buraco em que meteram o Brasil, parte da mídia começa a questionar o governo. O judiciário, que se omitiu na crise da Lava Jato, vê-se obrigado a reagir. Acuado, Bolsonaro propala o golpe.

Quanto mais se desmascara o véu do autoritarismo e da incompetência mais e mais Bolsonaro açula seus “radicais”. Ameaça as instituições com o emprego das forças militares, sem uma resposta à altura. Estimula a horda miliciana com a proposta de voto impresso – um recuo civilizatório, como uma cortina de fumaça de reação a uma possível e benfazeja derrota nas eleições de 2022.

Tal qual um Luís Bonaparte, sonha com a possibilidade de um golpe de caráter fascista – “para fazer o que o regime militar não fez”. Segundo o linguajar dele e de parte de seus apoiadores.

Bolsonaro e seus apoiadores estimulam a guerra cultural e a guerra de versões. Ataca um propalado comunismo, que nunca esteve na ordem do dia no país. Instiga os instintos primitivos de seus asseclas e, ao estilo Mussolini, faz “motociata” nas várias regiões do país.

Orientados pela parceria Steve Bannon-Olavo de Carvalho, são hoje a principal cidadela do conservadorismo negacionista do mundo.

Querendo fazer a história se repetir como tragédia ou farsa, como pontuou Marx, no seu 18 de Brumário.

O papel a ser desempenhado pelas forças democráticas, progressistas e de esquerda na resistência à necropolítica é o de fortalecer os vínculos com a saída democrática para a grave situação brasileira. Mobilizar os mais amplos setores em defesa da civilização e da vida no enfrentamento da barbárie bolsonarista.

## Por uma democracia emancipatória: a questão racial nos governos progressistas brasileiros<sup>1</sup>

*Nilma Lino Gomes<sup>2</sup>*

Espera-se que igualdade e democracia sejam um dos eixos organizadores de governos que defendem o progresso social e político, as transformações políticas, que entendem o progresso não de forma linear, mas com o rompimento de padrões sociais, de tradições conservadoras, de articulação da sociedade com o que de mais avançado existe nas lutas sociais. Essa ideia de progresso varia de acordo com o contexto histórico por nós vivido.

Esses governos entendem que esse rompimento é a forma de se alcançar justiça social, liberdade, igualdade, equidade, democracia, direitos humanos. Por isso, espera-se que eles considerem pautas relacionadas às lutas de classe e as desigualdades por elas geradas, e

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado da palestra “Igualdade e democracia nos governos progressistas”, proferida no dia 29/03/2022, durante o Encontro Internacional Democracia e Igualdade: para um novo modelo solidário de desenvolvimento, no Teatro Odylo Costa, UERJ- RJ.

<sup>2</sup> Professora titular emérita da UFMG, ex-ministra da Igualdade Racial e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos do governo da presidenta Dilma Rousseff (PT). Coordenadora do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas (NAPP) da Igualdade Racial da FPA.

que entendam que a diversidade está presente nessas lutas, mas não se dissolve nelas.

As questões das mulheres, dos povos indígenas, dos negros e negras, das comunidades quilombolas, da população LGBTQUIA+, das pessoas com deficiência, dos povos do campo possuem raízes históricas e estão, inexoravelmente, imbricadas nas questões de classe, mas não são epifenômenos destas. Elas têm uma operacionalidade própria, construída no passado colonial latino-americano e caribenho que não desapareceu. Permanece na estrutura social através da colonialidade, como apontam vários autores decoloniais.

Em determinados momentos e tensões umas se destacam mais do que as outras, mas isso não lhes retira a imbricação. Elas estão incrustadas na estrutura social dos países latino-americanos e caribenhos e podem ser melhor compreendidas se atentarmos para os lugares ocupados pelos sujeitos pertencentes a esses coletivos sociais diversos na economia, na estrutura, na educação, na saúde, na política dos nossos países.

Na América Latina vivemos oscilações entre governos conservadores e progressistas. Para além das diferenças ideológicas e políticas já sabidas entre os dois tipos de governos, quero destacar que é no contexto dos governos considerados progressistas que encontramos lugar – tenso e desafiador – para a realização de políticas públicas que visem, não somente, combater as desigualdades socioeconômicas, mas, também, as de raça, gênero, juventude, regional, entre outras.

Alerto que nem sempre esse lugar é hegemônico. Ele é um lugar de disputa política, por isso, muitas vezes tem que ser contra-hegemônico, mesmo dentro de governos com orientação progressista. Essa situação nos faz compreender o lugar ainda subalternizado dos sujeitos pertencentes aos coletivos sociais diversos em nossa história social, econômica e política. A diversidade, indaga a forma como as ações progressistas se realizam em nossos governos e o quanto,

de fato, eles tem ampliado e transformado a prática democrática e construído uma igualdade que não nega as diferenças. Antes, as considera como desafio para implementar a igualdade urgente e necessária no século XXI.

No Brasil, em especial, vivemos tempos em que a diversidade foi problematizada como ação de governo, como política de Estado. Falo dos governos Lula e Dilma, do Partido dos Trabalhadores (PT), no período entre 2003 a 2016. Como todas e todos sabem, o segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff, do qual tive a honra de ser ministra da igualdade racial, foi abruptamente interrompido pelo golpe parlamentar, midiático, empresarial, jurídico de 2016, que implantou uma ruptura conservadora e abriu caminho para um governo de extrema direita de cunho fascista. O momento que se instaurou após o golpe e a ascensão da extrema direita é o da democracia em risco. E quando a democracia está em risco, o lugar arduamente conquistado pelos coletivos sociais diversos transformados em desiguais na educação, saúde, trabalho, emprego, justiça e na política sofre grande risco. E é nesse cenário que faremos a disputa das urnas em outubro de 2022, no Brasil.

Mas como, no Brasil, as questões da diversidade ocuparam um lugar de visibilidade e passaram a fazer parte das políticas públicas nos governos petistas? As iniciativas são várias: do ponto de vista da organização política do governo basta lembrar que, pela primeira e, ainda, única vez, tivemos um ministério das mulheres, um ministério da igualdade racial, dos direitos humanos, uma secretaria nacional da juventude, um ministério do desenvolvimento agrário, um ministério de desenvolvimento social com orçamento próprio para realizar as suas políticas. Sim, esse é um ponto importante. Se vamos transformar e fazer rupturas transformadoras na política é preciso destinar recursos orçamentários para que as políticas da diversidade sejam implementadas. Caso contrário, serão políticas figurativas que nunca impactarão e transformarão as vidas sofridas

dos sujeitos diversos e tratados como desiguais que constituem as nossas sociedades.

No caso do orçamento, o Movimento Negro, junto com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e parlamentares negros elaboraram a proposta do Fundo Nacional de Combate ao Racismo (FNCR), uma forma de financiamento de ações de combate às desigualdades raciais. Os recursos seriam originados da arrecadação tributária da União. A ideia do Fundo articula a luta antirracista à questão tributária, algo inédito no campo das políticas públicas brasileiras. A proposta se transformou na PEC 33/2016, de autoria do senador Paulo Paim (PT do Rio Grande do Sul), ainda em tramitação no Senado Federal. Trata-se de uma proposta extremamente ousada e importante que merece ser retomada pelo campo progressista<sup>3</sup>.

Alguns desses ministérios foram ocupados por mulheres e mulheres negras e possuíam o caráter transversal na feitura de suas políticas junto aos outros considerados como estruturais. Essas mudanças não foram realizadas sem limites e tensões mas, o mais importante é que foram realizadas. Por mais desafiadora que tenha sido essa experiência política em um país conservador, como é o

---

<sup>3</sup> O texto da PEC 33/2016, de autoria do senador Paim (PT/RS), estabelece que os recursos do fundo serão originados da arrecadação tributária da União. A proposta aumenta em um ponto percentual os diversos repasses da União, previstos no texto constitucional, do produto da arrecadação dos impostos sobre renda (IR) de qualquer natureza e sobre produtos industrializados (IPI). Esse um ponto percentual seria direcionado ao Fundo de Promoção da Igualdade Racial. Também seriam destinados para a verba do fundo 3% da arrecadação decorrente das contribuições para o Programa de Integração Social (PIS) e para o Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep). A PEC ainda determina que o fundo contará com um conselho consultivo e de acompanhamento formado por representantes do poder público e da sociedade civil, a serem definidos por lei reguladora. A distribuição dos recursos, a fiscalização e o controle do patrimônio do fundo, bem como a organização do conselho consultivo, também serão definidos por lei. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/01/24/paim-apresenta-pec-para-criar-o-fundo-de-promocao-da-igualdade-racial>. Acesso em: 30 mar. 2022.

caso do Brasil, tudo isso significou muito. Abriu caminhos para uma maior compreensão de que o combate a fome e a miséria não pode caminhar separado do combate ao racismo, ao patriarcado, ao capacitismo, ao adultocentrismo, às históricas relações desiguais entre campo e cidade.

Ma,s como a temática da diversidade chegou a ocupar parte das preocupações de um governo progressista no Brasil? Devido a histórica ação dos movimentos sociais. Os movimentos sociais são educadores natos. Eles educam e reeducam a sociedade, o Estado, as instituições progressistas, os partidos políticos a reconhecer, conhecer e lidar politicamente com a diversidade. Foram os movimentos negro, quilombola, das mulheres, dos direitos humanos, dos povos do campo, das pessoas com deficiência, LGBTQUIA+, só para citar alguns, que têm tensionado historicamente a sociedade e o Estado por mais igualdade, mais direitos, por equidade. No diálogo político com o governo do PT, o qual tem na sua configuração vários militantes dos movimentos sociais, eles conseguiram introduzir as questões de raça, gênero, direitos humanos, LGBTQIA+, do campo, das pessoas com deficiência a um patamar político mais elevado, a ponto de serem transformadas em políticas públicas e, aos poucos, fazer parte de indagações que orientaram as políticas públicas desenvolvidas.

Os movimentos sociais, em especial, o movimento negro têm indagado e instigado os governos progressistas a dar respostas para várias questões importantes da nossa sociedade no tocante à luta antirracista, como por exemplo: quem deverá ter a titularidade da moradia no programa Minha Casa, Minha Vida? Por motivos óbvios já confirmados pelos dados de inúmeras pesquisas, a mulher. Para além de construir novas universidades públicas e interiorizá-las, como aumentar o número de negros e negras no ensino superior? Por meio da implementação de ações afirmativas para a população negra realizada na forma de Leis e projetos, como por exemplo, a Lei 12.711/12 que instituiu as cotas so-



ciais e raciais nas instituições públicas federais de ensino superior. Como ampliar a presença de negros e negras no campo do trabalho? Por meio de ações afirmativas voltadas para negros e negras nos concursos públicos federais, a saber, a Lei 12.990/12. Como superar a ignorância do brasileiro e da brasileira sobre a África? Por meio de uma ação afirmativa instaurada pela Lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas da Educação Básica. Como tornar a questão racial o eixo central das nossas políticas? Com a criação de um ministério, a SEPPPIR (2003) e do Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/12 que orientaram as políticas de igualdade racial a serem implementadas em todas as áreas no Brasil<sup>4</sup>. Como o Brasil poderá estreitar mais laços com o continente africano? Por meio de uma política de relações exteriores de reconhecimento da importância histórica, social, cultural e econômica desse continente, estreitando laços, renegociando dívidas, com a presença do presidente Lula em vários países africanos, abrindo embaixadas, ações que foram interrompidas a partir do golpe de 2016.

No caso da questão racial, faço questão de citar mais algumas iniciativas:

- Programa Brasil Quilombola – coordenado pela então Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR), foi lançado em 12 de março de 2004 com o objetivo de integrar ações voltadas à melhoria das condições de vida e ampliação do acesso

---

<sup>4</sup> A SEPPPIR, no 2º mandato do governo Dilma Rousseff (2015-2016) passou a integrar um novo ministério, a saber, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Após o golpe de 2016, no governo Temer, ela perdeu totalmente o status de ministério e foi inserida no Ministério dos Direitos Humanos, à época, como uma simples secretaria. A partir de 2018, no governo Bolsonaro, ela passou a ter uma estrutura mínima a integrar o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, sem diálogo com o movimento negro, sem poder de decisão e sem orçamento próprio.

a bens e serviços públicos das pessoas que vivem em comunidades quilombolas no Brasil.

- A Agenda Social Quilombola instituída em 20 de novembro de 2007, através do Decreto 6.261. A Agenda funcionava por meio de um Comitê composto por representantes de 11 órgãos federais e sociedade civil. Tinha como objetivo garantir o acesso à terra, inclusão produtiva, infraestrutura, qualidade de vida e direito e cidadania a essas comunidades.
- Conferências Nacionais de Promoção da Igualdade Racial – CONAPIR (2005, 2009 e 2013).
- Decreto nº 6.040/2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.
- Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CINAPIR criado pela Lei 10.678 (23/05/2003) e regulamentado pelo Decreto 4.885 (20/11/2003), com alterações feitas pelo Decreto 6.509 (16/07/2008).
- Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009, que instituiu a Política Nacional de Saúde integral da População negra.
- Plano Juventude Viva – lançado em setembro de 2012, iniciativa que articulava ações de 11 ministérios, de governos estaduais e municipais para reduzir a vulnerabilidade de jovens negros a situações de violência física e simbólica.
- Decreto 8.136/2013 – Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial - SINAPIR –, instituído pelo Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010). Tinha como objetivo criar a sinergia entre governo federal, estadual, municipal e distrital na elaboração, fortalecimento e implementação de políticas de igualdade racial no Brasil.
- Criação da Reunião de Autoridades sobre os Direitos dos Afrodescendentes, no âmbito do Mercosul – Rafo, em 2015. A

criação da Rafro era uma demanda da Comissão Permanente Discriminação, Racismo e Xenofobia da Reunião de Altas Autoridades em Direitos Humanos e Chancelarias (RAADH), coordenada no Brasil pela SEPPIR e de grande importância internacional na construção de políticas de igualdade racial nos países do Mercosul.

Finalizando, no Brasil, a questão racial está no centro das desigualdades. Somos uma sociedade diversa, um país com muitas qualidades e possibilidades e ao mesmo tempo desigual. O economista Mario Theodoro (2022) nos faz um alerta: as sociedades desiguais são violentas, autoritárias, elitistas, medíocres. E não estamos sozinhos na América Latina, no Caribe e no mundo. Basta olhar para o passado escravista que todos tivemos, seja sendo metrópole ou colônia, e como vive a população negra hoje, no mundo<sup>5</sup>.

A convivência e a naturalização da desigualdade são eixos de sociedades e governos autoritários, conservadores, de extrema direita, fascistas. Por isso, tais eixos jamais podem fazer parte de governos progressistas. Muito pelo contrário, os governos progressistas têm que se contrapor e desnaturalizar as desigualdades e violências para alcançar igualdade e democracia.

Concordo com Mario Theodoro (2022) quando afirma: o racismo é a negação da alteridade. De se colocar no lugar do outro.

Por isso, ao implementarmos políticas públicas de combate ao racismo é preciso que nos auto-indaguemos e nos coloquemos no lugar do povo negro que luta e sofre em nosso país: como se sentem as mães negras que perdem seus filhos para o genocídio da juventude negra? Como vivem as mulheres negras, chefes de domicílio, desempregadas? Mulheres que perderam seus filhos e familiares para a pandemia devido à Covid-19? O que a violência doméstica resulta na vida das mulheres brasileiras e, particularmente, das mulheres

---

<sup>5</sup> Theodoro, Mario. *A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil*, Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

negras? Como podemos conviver com a baixa representatividade negra nos lugares de poder e decisão em um país com 56% de população negra, como é o caso do Brasil? Como lidar com as estatísticas oficiais que reiteradamente comprovam que negros e negras são aqueles que mais sofrem toda sorte de desigualdade? O que é estudar em universidades majoritariamente brancas em uma América Latina que é sobretudo indígena e afro-latino-americana?

Caminhando em uma perspectiva que articula igualdade e democracia, os nossos governos progressistas precisam formular perguntas mais fortes que nos coloquem no lugar do outro e da outra, para reorientarmos as políticas públicas que melhor contemplem a diversidade e combatam as desigualdades. Essas políticas precisam ser urgentemente rearticuladas e/ou reconstruídas.

Não se trata de subjetivar a política. Trata-se de entender que, no Brasil, a questão racial possui um peso demográfico devido a nossa história colonial, ao grande contingente de africanos e africanas escravizados, pela forte miscigenação racial e por sermos, hoje, negros e negras, um total de 56% da população. O movimento negro transformou esse peso demográfico em peso político, a ponto de a questão racial ser transformada em política de Estado nos governos progressistas, o que trouxe desconforto e ainda mais violência da classe média e das elites brancas golpistas.

A história dos afro-latino-americanos e caribenhos se difere em peso demográfico e na construção de políticas de igualdade racial em outros países da América Latina, nos quais a presença indígena é mais intensa. Mas isso não a torna menos importante. A situação do racismo e da desigualdade racial persiste e está no mundo. Cabe aos nossos governos, junto com os movimentos sociais, dar-lhes o peso político devido.

Igualdade e democracia não caminham sozinhas quando pensamos contextos diversos e desiguais. Elas precisam também, caminhar junto com a equidade, a justiça social e a justiça cognitiva. Esse

para mim, é um dos grandes desafios dos governos progressistas do século XXI.

E não se trata apenas de garantir direitos, mas também de reconhecer saberes. Sem reconhecer os saberes dos povos subalternizados não haverá justiça social. Enquanto houver racismo não haverá democracia. E sem democracia não haverá igualdade racial.

Governos progressistas não podem compactuar com a cultura do genocídio dos indígenas e negros e nem com a violência que assola a vida das mulheres negras. Não podem compactuar com um Estado que implementa a necropolítica.

Governos progressistas não podem ficar em silêncio diante da articulação perversa entre desigualdade, racismo, patriarcado. Eles precisam implementar uma democracia radical: anticapitalista, antipatriarcal, antirracista, antiLGBTQUIA+fóbica e antifascista.

Essa democracia radical também é necessária para a integração latino americana e para a construção de um modelo solidário de desenvolvimento.

## Fascismo, mídia e operação Lava Jato

*Pedro Camarão*

**S**im, Jair Bolsonaro (PL) é um fascista seja lá qual for esse fascismo. O reacionarismo fundamentalista presente no conjunto social brasileiro se inseriu no bolsonarismo – nome dado ao movimento que apoia a liderança do beócio que se senta na cadeira de presidente –, e fez dele a sua trincheira na guerra cultural. Quanto a isso, não há dúvidas. São fatos. Para além desse grupo, cabe lembrar que é bem maior a parcela da população brasileira que o elegeu para governar o país. E é através da reflexão sobre como se deu a possibilidade do apoio a ideias tão absurdas que será feita a análise da ligação entre o discurso fascista, a mídia e a operação Lava Jato.

Os entrevistados que aparecem neste livro apresentaram algumas das semelhanças desse movimento político com o fascismo europeu. Para além das comparações com o passado, Jair Bolsonaro tem conexões com grupos neonazistas, como mostra a descoberta feita pela antropóloga da Universidade de Campinas (Unicamp), Adriana Dias [concedeu entrevista à *Focus Brasil* na edição nº 23], que encontrou uma carta de agradecimento enviada por Jair Bolsonaro para internautas, no entanto, essas cartas só foram publicadas em três sites no ano de 2004 – quando a internet tinha outro funciona-

mento –, os três tinham conteúdo neonazista. É possível que a conexão seja apenas um ato de oportunismo do político sem escrúpulos, mas considero mais provável que o pensamento medíocre seja o que gera a aproximação dos neonazistas com Bolsonaro.

Essa conexão é apenas mais um dos traços do obscurantismo bolsonarista. Podemos lembrar que muito antes de ser presidente, Jair Bolsonaro homenageava e defendia os integrantes de milícias cariocas e também de outros estados. Ele sempre defendeu o revisionismo histórico, negou o racismo, negou até que as condições de vida da maioria do povo negro, no Brasil, seja resultado dos séculos em que a escravidão de africanos e dos seus descendentes foi o grande motor da economia brasileira.

Em 2018, ano da campanha eleitoral que o elegeu, o extremismo das ideias de Jair Bolsonaro durante as décadas em que atuou como parlamentar foi denunciado. A imprensa alternativa compartilhava vídeos de discursos, entrevistas e palestras de Bolsonaro nos quais dizia absurdos como promover uma guerra civil no Brasil, assassinar 30 mil pessoas, caçar os “vermelhos”, ou ainda um dos seus atos que mais se tornou conhecido, a homenagem a Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos mais odiosos torturadores da história da [violência] política desse país<sup>1</sup>. Todas essas declarações datam de quando Bolsonaro ocupava cargos eletivos. Antes de entrar para a política, tentou planejar um atentado terrorista no Rio de Janeiro<sup>2</sup>. Em paralelo às denúncias feitas pela imprensa alternativa, nos canais de comunicação que atingem a maior parte do Brasil, imperou um

---

<sup>1</sup> É possível localizar muitos endereços que reproduzem esses vídeos na internet. Em 2016, Bolsonaro dedicou seu voto pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) à memória do torturador Brilhante Ustra (1932-2015), ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos da repressão durante a ditadura militar no Brasil. [N.E.]

<sup>2</sup> Ver detalhes a respeito no link: <https://www.conjur.com.br/2021-ago-10/stm-fez-vista-grossa-planos-terroristas-bolsonaro-anos-1980>. Acesso em: 15 fev. 2022. [N.E.]

silêncio constrangedor. Como, por exemplo, quando Bolsonaro foi proibido pela Justiça de mencionar o tal *kit gay* que ele inventou e até apresentou em transmissão “ao vivo” no *Jornal Nacional*. Nenhum telejornal deu destaque a essa proibição, ou seja, ao fato de que estava mentindo descaradamente.

O fenômeno que leva o bolsonarismo a governar o país não é momentâneo. Claro que as condições que possibilitaram essa ascensão fizeram parte de um período curto e único, mas o que leva uma parcela da sociedade brasileira a apoiar esse tipo de discurso violento, essa figura que se porta como um jagunço dos mais ricos, obrigando os mais pobres a aceitarem a realidade precária, é muito mais antigo.

Vale mencionar uma pequena passagem da obra de Oswald de Andrade, *O Rei da Vela*, escrita em 1933. Um dos personagens, um agiota chamado Abelardo I, afirma que diante de uma crise no país, a burguesia abandonaria a velha máscara liberal, se declararia cansada de carregar nos ombros os ideais de justiça da humanidade e se organizaria como classe. Policialmente. A burguesia apelaria para a violência por meio do Estado. Pois foi exatamente o que ocorreu no Brasil, a partir de 2014. Diante da ascensão dos mais pobres e de um aumento inesperado das oportunidades para os que antes não as tinham, todos aqueles que se identificam com essa essência da burguesia brasileira, mencionada pelo escritor há tantas décadas, decidiram apelar para a violência do Estado, obrigando os mais pobres a ficarem “em seu lugar”. O primeiro passo foi o Golpe de 2016. Por fim, ocorreu a eleição do jagunço. O Estado, sob o comando de Jair Bolsonaro, colocou em curso ações violentas para acabar com a garantia de direitos e fazer valer a lei do mais forte. A tirania foi tanta, tão desproporcional para os dias atuais em que até o mercado tem adotado práticas politicamente corretas, que agora o jagunço já não é bem querido por quem antes o apoiou.

É bem verdade que nesse momento, nos primeiros meses de 2022, Jair Bolsonaro ainda mantém apoio de uma parcela significativa da



população, mas dentre esses são muitos os que enxergam o mundo de forma totalmente distorcida. A questão é se esse tipo de perspectiva sobre a realidade é algo realmente surpreendente, ou se era mais do que esperado em um país que continuou negando o seu passado, mesmo com a popularização de meios de comunicação de massa como o rádio e a TV.

Podem soar estranho voltar à popularização do rádio, ocorrida entre as décadas de 1930 e 1940, e a da TV, ocorrida a partir dos anos 1970 com o patrocínio da ditadura militar, para falar do fascismo bolsonarista e do lavajatismo. Mas, o fato é que esses meios de comunicação conectaram o país de Norte a Sul e Leste a Oeste e não proporcionaram um debate sequer sobre as raízes da pobreza, do racismo, da violência ou da injustiça. Ao contrário, as emissoras sempre foram usadas para que a negação de qualquer possibilidade de debate fosse perpetuada.

O Brasil sempre esteve “congelado” pelos meios de comunicação que “envenenaram” o sistema de informação tal como se coloca veneno em um rio que abastece toda uma comunidade (no caso, um país). A informação que chega ao público parece clara, mas oferece apenas uma forma de pensar. Foram poucas as ocasiões em que houve pluralidade de discursos em coberturas jornalísticas. Não por acaso, durante a ditadura, grupos revolucionários tentavam, e por vezes conseguiam, invadir emissoras de rádio e transmitir mensagens que contrariavam a realidade imposta pela censura. Era uma das únicas formas de tentar quebrar a “narrativa” estabelecida pelas classes dominantes: em que o pobre deve abaixar a cabeça e se submeter. A referência aqui é mais ao rádio e à TV porque os jornais e revistas impressos sempre tiveram um público muito reduzido diante do tamanho do país. Ao falar em público, é preciso mencionar a TV Globo como o único canal de comunicação com potencial para atingir mais de 200 milhões de habitantes no Brasil, simultaneamente. Além disso, nos anos 1980 e 1990, a Globo tinha

praticamente 100% dos televisores sintonizados no canal durante o horário nobre. Isso ocorria em um período no qual a popularização da internet estava mais do que longe de ocorrer, ou seja, a narrativa construída pela Globo foi quase imbatível por algumas décadas.

As poucas famílias proprietárias<sup>3</sup> dos grandes veículos de comunicação no Brasil formam o que se convencionou chamar de “grande mídia”, uma espécie de grupo político que domina o 4º poder e a programação de entretenimento pela qual somos atingidos diariamente. No entanto, cabe fazer um comentário importante. Essa expressão “grande mídia” distorce o sentido de mídia, uma tradução pobre do termo com o mesmo som em inglês. *Media* vem do latim e é o plural de *médium*, ou seja, um coletivo de canais por onde passa algo. A distorção mencionada provoca a ideia de que o canal é a emissora. E, na verdade, a emissora é a empresa operando no determinado canal que chega a tantos milhões de pessoas em tempo real. Por isso, é fundamental batalhar pela pluralidade de discursos em absolutamente todos os canais de comunicação. Eles acessam as pessoas, sem estes a comunicação não acontece, a mensagem não chega ao seu destinatário. Pois bem, feito o comentário, podemos tratar da seleção dos discursos reproduzidos nesses canais de comunicação. Como demonstrado por este autor no livro *Os donos do dinheiro: o rentismo no Brasil*<sup>4</sup>, os proprietários das empresas que operam nos canais de comunicação são rentistas, especuladores imobiliários e, apesar de não necessariamente serem oriundos da burguesia, eles se fiam aos valores burgueses, a essa visão de país. Os proprietários controlam as linhas editoriais dos seus produtos com “mão de ferro”. A liberdade para praticar jornalismo não é uma realidade no

---

<sup>3</sup> Vale a pena conferir o link <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>. Acesso em: 15 fev. 2022. [N.E.]

<sup>4</sup> Disponível para baixar no link <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2019/05/Os-donos-do-dinheiro-web.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022. [N.E.]

Brasil. Prova disso é que a ONG internacional Repórter sem Fronteiras – que publica estudos anuais sobre liberdade de imprensa – já se referiu ao Brasil como o país “dos trinta Berlusconi”<sup>5</sup> em uma alusão ao enorme número de políticos eleitos que são proprietários ou ligados a veículos de imprensa. No ranking<sup>6</sup> de liberdade de imprensa elaborado pela entidade no ano de 2021, o Brasil aparecia na posição nº 111. A ascensão do bolsonarismo fez o Brasil cair posições, mas a censura dentro das próprias empresas de jornalismo já era um dos fatores que deixava o país tão para trás.

A censura imposta pelas empresas que dominam os canais de comunicação semeou o desconhecimento ou, no mínimo, muitas dúvidas sobre os mais variados temas, do comunismo ao que é esquerda, qual é a função do mercado financeiro que ora está preocupado ou satisfeito, os motivos para a existência de injustiças sociais no país etc., essa falta de entendimento sempre permitiu que os veículos de comunicação criassem a ideia de tensão social quando os seus interesses e os dos seus parceiros (anunciantes) eram contrariados. O cenário descrito até aqui é o que imperou no Brasil até 2012, 2013, (exceto pela falta de liberdade de imprensa que ainda existe) anos em que as redes sociais online, mais especificamente o Facebook, chegaram com força ao país<sup>7</sup>. As jornadas de junho de 2013 que cobravam mais e melhores serviços públicos foram resultado dessa nova forma de comunicar e de organização. O que convocava milhares de pessoas para os protestos ocorridos em 2013, 2014 e 2015 não eram movimentos organizados que faziam assembleias e apresentavam uma leitura da conjuntura, a convocação era

---

<sup>5</sup> Referência a Silvio Berlusconi, um bilionário empresário de comunicação e político neoliberal italiano. Foi presidente do Conselho de Ministros da Itália entre 1994 e 1995, de 2001 a 2005, entre 2005 e 2006 e de 2008 a 2011. [N.E.]

<sup>6</sup> Ver em <https://rsf.org/pt/classificacao%20>. Acesso em 15 fev. 2022. [N.E.]

<sup>7</sup> A popularização do Facebook significou uma nova forma de conexão entre os indivíduos que passaram a ser reunidos através de interesses em comum os quais eram, e são ainda, rastreados por algoritmos.

feita através de eventos no Facebook e a participação independia do pertencimento a qualquer movimento, bastava clicar em “confirmar presença” e comparecer para expressar a sua insatisfação. Esse fenômeno, ainda não muito compreendido, se repetiu em dezenas de outros países, e aqui surpreendeu também os media que dominavam a comunicação até aquele momento.

Diante dos protestos organizados pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da passagem, a Globo e os jornalões vinham mantendo a postura de sempre, dando apoio à repressão dos atos pelas polícias militares e criticando o que chamavam de ação de vândalos protagonizada pelos manifestantes, uma tentativa de minar a legitimidade dos atos. A cobertura mudou no dia 14 de junho de 2013, quando a PM lançou bombas contra a imprensa e contra pessoas que não tinham nada a ver com os atos. Nesse dia, jornais, rádios e emissoras de TV falaram em “repressão” da PM. Algo raro. O fato de jornalistas terem ficado feridos fez com que a crítica à repressão aumentasse e os canais de comunicação de massa passaram a exibir o apoio aos protestos por cidadãos que ficavam horas parados no trânsito causado pelos atos. Uma pesquisa realizada na época pelo Datafolha, mostrou que 55% dos moradores de São Paulo apoiavam as manifestações e que metade desses apoiadores não utilizavam o transporte público<sup>8</sup>. A partir daí, a solidariedade pela insatisfação cresceu no país de forma contagiante. Os protestos contra o aumento da passagem chegaram ao fim, mas os atos continuaram com novas pautas, as dos insatisfeitos com o que quer que fosse. Em comum, eles tinham o suposto desejo de mudar o Brasil. Esses manifestantes eram tratados nos noticiários com os termos “famílias”, “pessoas” e “brasileiros”. Os veículos de imprensa passaram a tratar os atos como gigantescos e valorosos, mas ignoravam

---

<sup>8</sup> Ver o link <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294919-maioria-da-populacao-e-a-favor-dos-protestos-mostra-datafolha.shtml>. Acesso em 15 fev. 2022. [N.E.]

completamente o entendimento (ou a falta de entendimento) que aqueles manifestantes tinham sobre o funcionamento da Constituição, das regras, das instituições e enalteciam que o hino nacional era entoado pelas multidões. O que interessava era o crescimento da insatisfação. Novamente, havia o objetivo de criar tensão social e pressionar os governantes. A diferença na forma de tratamento criou a ideia de que existiam dois tipos de protestos: os de vândalos militantes de esquerda e os dos cidadãos brasileiros que realizavam “atos pacíficos”. E esse é um dos principais pontos que relacionam as empresas de comunicação brasileiras com a mediocridade. A análise discursiva desse período foi realizada com mais detalhamento na dissertação<sup>9</sup> de mestrado *O impeachment de 2016 no Jornal Nacional - análise dos discursos antagonistas na polarização política*.

É nesse contexto de explosão da insatisfação que, em março de 2014, surge a operação Lava Jato. A prisão cinematográfica de grandes empresários faz aumentar o espírito nacionalista, a sensação de que havia em curso uma mudança, de que pela primeira vez todos os cidadãos seriam tratados da mesma forma perante a lei. Os veículos de imprensa noticiavam os detalhes das operações, das celas em que haviam sido colocados e qual a alimentação era dada aos mais novos presidiários. Esse “pontapé” inicial deu aos integrantes da Lava Jato e ao então juiz Sergio Moro a imagem de heróis que estavam em uma batalha contra a corrupção. A imprensa alimentou a criação desses sentidos e passou a conceder a promotores, delegados e ao juiz da primeira instância a condição de donos da verdade. O que quer que falassem era tratado como verdade absoluta, independente do funcionamento do sistema judiciário brasileiro. Mais uma vez, ficou evidenciada a mediocridade da imprensa brasileira

---

<sup>9</sup> A dissertação de Pedro Camarão foi apresentada à PUC-SP, em 2020, para obtenção do título de mestre em Comunicação e Semiótica. Está disponível no link [https://www.academia.edu/43224971/O\\_impeachment\\_de\\_2016\\_no\\_Jornal\\_Nacional\\_An%C3%A1lise\\_dos\\_discursos\\_antagonistas\\_na\\_polariza%C3%A7%C3%A3o\\_pol%C3%Adtica](https://www.academia.edu/43224971/O_impeachment_de_2016_no_Jornal_Nacional_An%C3%A1lise_dos_discursos_antagonistas_na_polariza%C3%A7%C3%A3o_pol%C3%Adtica). Acesso em: 18 fev. 2022. [N.E.]

que aceitou publicar trechos e trechos de delações premiadas não homologadas e muito menos comprovadas. O uso do *lawfare*<sup>10</sup> contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) só foi possível porque, durante anos, os veículos de imprensa propagaram a ideia de que era suspeito de envolvimento em corrupção. Agora, em 2022, após todas as acusações contra Lula terem sido anuladas, os mesmos jornalistas tentam alegar que o ex-presidente não é inocente e que a Lava Jato foi alvo de uma “vingança” do sistema. O que esses profissionais de jornalismo escolheram ignorar foi a total falta de provas em tantas acusações contra o ex-presidente.

Não poderia deixar de dizer que a operação Lava Jato, por seus valores e pela forma como seus líderes se apresentavam e construíam a narrativa do combate à corrupção, foi o movimento que abriu espaço para o ódio à política. É bem verdade que já existia uma insatisfação com a classe política, mas o ódio ao sistema político e a construção da ideia de que a corrupção era o principal problema do Brasil são os elementos que patrocinam o surgimento da ideia da necessidade de renovar a política completamente e, principalmente, aniquilar, criminalizar partidos e movimentos sociais de esquerda. Mais uma vez, toda a imprensa teve participação nesse processo e a TV Globo principalmente. Durante o ano de 2018, o Jornal Nacional exibia diariamente um quadro chamado “O Brasil que eu quero” em que pessoas comuns gravavam mensagens com seus aparelhos de telefone e diziam o que queriam para o Brasil. Todos os dias aparecia alguém afirmando que desejava um país livre da corrupção.

Desde a eleição de Jair Bolsonaro e da continuidade não apenas do discurso, mas da prática violenta contra indígenas, quilombolas, meio ambiente, contra o povo em geral, contra o país, os veículos

---

<sup>10</sup> O termo une a palavra law (lei) e o vocábulo warfare (guerra) que, em tradução literal, significa guerra jurídica. Nós o entendemos como uso ou manipulação das leis como um instrumento de combate a um oponente político, desrespeitando os procedimentos legais e os direitos do indivíduo que se pretende subjugar. [N.E.]

de imprensa se reposicionaram, mas continuam adotando a mesma prática de alimentar “fantasmas” e se aproveitarem destes para criar intriga, difamação e lutarem pela manutenção do poder de quem lhes interessar. Portanto, é preciso enfrentar os veículos de imprensa. Não basta proferir palavras de ordem afirmando que a Globo ou qualquer outra das empresas de comunicação manipula o seu público, a opinião pública. É necessário criticar o conteúdo jornalístico, mostrar a falta de apuração, incentivar a denúncia da censura empresarial, escancarar a falta de pluralidade e cobrar o espaço para que as demais vozes tenham abertura para falar com os públicos de cada um dos veículos. Claro, é preciso construir novos canais que tenham pluralidade como raiz e estrutura, mas esse processo leva tempo e tempo é algo que não temos na guerra da comunicação, na batalha da linguagem que é também cultural e política. Uma nova legislação que impeça a existência de oligopólios de comunicação também é importante. O problema é que os oligopólios brasileiros ficaram pequenos diante dos oligopólios bilionários como Facebook, Twitter, Google e outros.

# Entrevistas





## Fernando Haddad

*Por Pedro Camarão*

O número de mortes alcançado pela COVID-19 no Brasil é resultado do pensamento retrógrado e atrasado presente no governo Bolsonaro. Essa é a opinião do economista e advogado Fernando Haddad (PT) sobre o caos que toma conta do país. Ex-prefeito de São Paulo e o mais longo ministro da Educação na história do país, aos 58 anos de idade, Haddad permanece como observador atento da realidade política brasileira e se mantém na trincheira da oposição, de onde traça planos para a reconstrução do Brasil.

Ele está preocupado em ajudar a formular uma saída para o país, mergulhado na mais terrível crise política e institucional da história. Agora, diante da instalação da CPI da COVID, o professor universitário considera que o país ganha uma oportunidade para apurar as responsabilidades do governo e do presidente Jair Bolsonaro (PL) diante da carnificina que a nação atravessa, com mais de 400 mil mortos<sup>1</sup> na pandemia, óbitos crescentes que vem ocorrendo desde março de 2020.

---

<sup>1</sup> A entrevista foi originalmente publicada na edição da *Focus Brasil* de 3 de maio de 2021. [N.E.]

Haddad diz que a CPI da Pandemia instalada pelo Senado foi uma oportunidade para desbancar o negacionismo e forçar Bolsonaro e seus ministros a tomarem medidas para combater a pandemia. Mas ele acredita que essa hipótese, ainda que distante, não se repetirá em outras áreas cruciais para o país.

Em entrevista à *Focus Brasil*, Haddad fala sobre o quanto o Brasil está sendo prejudicado pelo pensamento neoliberal de Paulo Guedes [ministro da Economia] que, segundo ele, é atrasado. O desemprego, o desalento, a falta de um projeto de desenvolvimento social e crescimento econômico, o desrespeito aos direitos humanos e o descaso proposital para fazer avançar o desmatamento não apenas reforçam a posição do Brasil como um pária internacional, mas tornam cada vez mais longo o caminho para a construção de um país pujante e menos desigual. Apesar disso, Haddad diz que é possível tirar o país do buraco.

“Hoje, efetivamente, há dois projetos no país: o do Bolsonaro e o do Lula. Tem duas forças”, lembra. “O projeto de desenvolvimento que está na ordem do dia, quem representa esse projeto, é o presidente Lula”, aponta.

Sobre a crise econômica, Haddad faz uma comparação da agenda que está sendo aplicada pelo ministro Paulo Guedes com o projeto proposto pelo presidente Joe Biden para os Estados Unidos. Ele anunciou um plano que coloca o Estado como ferramenta para combater a desigualdade e alavancar o crescimento econômico. “Precisa distribuir renda para diminuir a desigualdade e fazer o país voltar a crescer. É isso que os Estados Unidos sob Biden pretendem seguir”, aponta.

Quanto ao cenário político eleitoral para 2022, o professor diz que ainda é cedo para desenhar os cenários, mas não descarta a possibilidade de ser candidato ao governo de São Paulo. “Ainda é cedo, mas acho que o mais importante é não descartar a estratégia nacional da estadual”, diz. “Isso vale para São Paulo, o Rio [de Janeiro],

Pernambuco, Minas Gerais... Vale para todos os estados. Devemos pensar na eleição presidencial, prioritariamente, e organizar os parlâques estaduais de maneira a garantir uma ampla aliança para derrotar o bolsonarismo”, aponta.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Focus Brasil – *Qual é a sua avaliação sobre o governo de Jair Bolsonaro diante desse caos que o país vive?***

**Fernando Haddad** – O governo Bolsonaro é uma combinação macabra de três vertentes de pensamento retrógradas que, por sua vez, geraram um projeto que dialoga com problemas históricos do Brasil muito mal resolvidos. A primeira é a autoritária, a segunda, a fundamentalista e a terceira, a vertente neoliberal.

O governo Bolsonaro é uma conjugação dessas três forças, expressas nos três núcleos do governo: o autoritarismo dos generais bolsonaristas, sempre ameaçando a sociedade; o [ministro da Economia, Paulo] Guedes que representa o neoliberalismo mais tosco que se possa imaginar; e aquele núcleo “olavista” de ministros como [Abraham] Weintraub, Damares [Alves], [Ricardo] Salles, [Ernesto] Araújo e Milton Ribeiro, que são pessoas que estão dialogando no que eles chamam de “guerra ideológica”.

O próprio Salles mencionou isso numa entrevista, dizendo que a Tereza Cristina cuida do arroz e feijão do Ministério. E quem cuida da parte ideológica é ele. Ou seja, mudando a maneira de se enxergar o meio ambiente ou – no caso da Damares – os direitos humanos.

O governo e essas pessoas trabalham para virar do avesso conceitos do iluminismo. Então, esta administração, desse ponto de vista, é pré-iluminista. E, por isso, que a guerra contra a ciência é uma coisa importante. Isso ficou absolutamente claro no combate à pandemia, quando essas três vertentes se encontraram. Guedes não querendo investir e o negacionismo científico e o autoritarismo sendo usados

contra prefeitos e governadores. É muito cristalizado isso que digo no enfrentamento à pandemia, como essas três engrenagens se combinam viciosamente gerando o caos que estamos vivendo.

*Nesse cenário de caos, no qual o Brasil ultrapassou a marca de 400 mil mortos pela COVID, aparece agora a CPI no Senado. O que você acha que a comissão pode representar e até onde pode chegar?*

Uma vez que não conseguimos fazer tramitar nenhum dos 100 pedidos de *impeachment* contra Bolsonaro, temos na CPI uma oportunidade para apurar as responsabilidades do que aconteceu. Mas, também, de tentar evitar de alguma maneira aquilo que vai acontecer: mais 200 mil mortes até agosto. E essa CPI é uma comissão de investigação de tipo novo. Ela vai funcionar em meio a uma crise e não pós-crise como a maioria. Por isso, espero que a CPI possa, efetivamente, constranger o governo a tomar as medidas que ele reluta em adotar. Estou preocupado porque tenho conversado com epidemiologistas e médicos. Se nada for feito, até agosto, teremos mais 200 mil mortes no país. Veja que já estamos em 2021 com número superior [de mortes] ao de 2020 e não mal começamos o segundo trimestre.

*A crise sanitária gerou uma série de problemas para a economia, mas as medidas que o governo tomou não parecem ser efetivas. O que o governo Bolsonaro e Paulo Guedes almejam com esse projeto econômico?*

Nada do que o governo está fazendo vai resolver o problema econômico do país. Absolutamente nada. Nada do que fizeram ou fazem implica na recuperação da economia. Alguém dirá: “Ah, a economia esse ano vai crescer, ano que vem vai crescer”. Existe uma coisa chamada inércia em economia. Como a capacidade instalada se mantém em recessão, dificilmente você tem destruição de capital no curto prazo e é possível recuperar o nível de atividade pré-crise. Isso é quase inercial. Agora, se formos pensar numa tendência de longo

prazo de crescimento, o governo não está fazendo absolutamente nada para que isso aconteça. Então, vamos ter um crescimento entre aspas. Na verdade, vamos recuperar o nível de atividade pré-crise que, a bem dizer, começou em 2015 com o [ex-deputado federal] Eduardo Cunha na Presidência da Câmara e a aliança entre PSDB e MDB em torno das chamadas “pautas-bomba” que descarrilharam o Brasil naquele ano. Então, estamos vivendo desde 2015 – estamos indo para o sétimo ano de turbulência político-institucional – com medidas absolutamente equivocadas para enfrentar. E isso vem desde o governo [Michel] Temer. É uma situação difícil mesmo. Se não tivermos um projeto de desenvolvimento na ordem do dia – e eu acho que quem representa esse projeto é o presidente Lula – teremos muita dificuldade em sair dessa crise.

Por isso, repito, vai haver, entre aspas, crescimento. Mas isso é efeito estatístico, é como a economia funciona. É a recuperação do nível de atividade pré-crise. Então, obviamente, ao recuperar o nível de atividade pré-crise, vai aparecer na estatística anual que crescemos. Mas isso não é crescimento. Crescimento é quando você toma as medidas necessárias para fazer com que a curva da atividade econômica mude de inclinação. Aí estamos falando de economia pra valer. É alterar a inclinação da curva de crescimento. Hoje, ela está quase paralela ao eixo. Precisamos torná-la mais inclinada. E aí a economia vai começar a crescer a taxas significativas como aconteceu nos governos do PT. Nós dobramos a taxa de crescimento do país.

### *E com distribuição de renda...*

Esse foi um dos segredos da mudança da inclinação. Lula percebeu e o PT, o Partido dos Trabalhadores, sempre disse isso: sem mercado interno não tem crescimento econômico. Então, é preciso distribuir renda para mudar a inclinação da curva. E reduzir as desigualdades para começarmos a fazer o país crescer de maneira socialmente justa.

*Bolsonaro está tentando criar algum diálogo com o novo governo dos EUA, sob administração de Joe Biden, que tem um plano econômico que vai em sentido oposto ao implementado por Guedes. Biden propõe um pacote muito mais próximo, por exemplo, ao que foi apresentado pelo PT, com o Plano de Reconstrução e Transformação do Brasil.*

O Brasil com Guedes está com uma cartilha antiga, dos 80. Estamos uns 40 anos atrasados em relação à teoria econômica contemporânea. Hoje, há uma produção acadêmica que segue todos os cânones da ciência econômica contemporânea. São modelos matematizados, testáveis, tudo o que eles gostam de dizer que fazem. Há inclusive a busca de evidência empírica e tudo mais. E temos uma série de modelagens hoje que apontam em outra direção. E a direção é usar o Estado para corrigir as distorções de mercado no plano nacional, doméstico e no plano internacional.

Por exemplo, há uma tendência de concentração da produção industrial geograficamente. Isso vale para um país, como era o caso de São Paulo até outro dia e é o caso do mundo. Toda a atividade industrial está migrando para o sudeste asiático. Se você ficar olhando, isso vai acontecer.

O governo Biden está procurando reagir a isso. Ele não quer que os EUA se desindustrializem. A Europa também reage a isso. E a pergunta é: a América Latina vai reagir a isso ou não? Veja, isso não tem nada a ver com a questão fiscal de curto prazo. Tem a ver com estratégias de desenvolvimento, parcerias, modelagens, transferência de tecnologia, compras governamentais, investimento em ciência. Tem a ver com outra coisa, com outro mundo.

O Guedes está no mundo... eu não vou dizer que ele está no mundo da lua porque precisa de foguete para chegar até a lua, e ele não pensa em ciência ou tecnologia. Ele está muito atrasado. Paulo Guedes está no pré-arado.

Isso é uma coisa, realmente, muito preocupante porque estamos perdendo tempo. Os cortes que o governo Bolsonaro está fazendo

na educação, na ciência e tecnologia, o desmonte das compras governamentais, o mais baixo nível de investimento em obra de infraestrutura, tudo isso revela uma falta de visão. O que temos hoje é uma política de desmonte e destruição.

*Temos, oficialmente, a volta de Lula ao cenário político. Como você analisa o tabuleiro eleitoral?*

O Lula organiza... pela força que ele tem, o prestígio que tem, os anos de estrada que tem. São 40, 50 anos de política com “P” maiúsculo. Então, Lula organiza o tabuleiro. Os partidos começaram a se movimentar em torno dessa realidade. Hoje, efetivamente, há dois projetos no país: o do Bolsonaro e o do Lula. Você tem essas duas forças hoje, representando, visões distintas e projetos distintos para o país. “Ah, é possível até o ano que vem surgir [nova força]?” Bem, tudo é possível em política. Agora, não há uma tendência para que isso aconteça. Não há nenhuma tendência. Porque as figuras que estão se apresentando são todas conhecidas e, diria, pouco sedutoras tanto do ponto de vista retórico quanto do ponto de vista programático. Uma coisa meio insossa. É difícil isso cativar a ponto de em um ano e meio mudar o quadro político.

*A Folha de S.Paulo menciona seu nome como candidato a governador. Você já se apresenta como candidato, realmente? Qual é a sua posição nesse momento?*

Eu acho que é muito cedo para falar em candidatura, mas eu acho que o palanque em São Paulo tem que, de alguma maneira, fazer sentido nacional. Nós não podemos descartar a estratégia nacional das estaduais. Isso vale para São Paulo, para o Rio, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul... Vale para todos os estados.

Na minha opinião, devemos pensar na eleição presidencial prioritariamente e organizar os palanques estaduais de maneira a garantir uma ampla aliança para derrotar o bolsonarismo. E isso tem que se refletir nos estados. Em São Paulo, defendo alternância no poder.

Acho que o PSDB já deu o que tinha que dar e nós temos que fazer uma aliança progressista. O bolsonarismo deve ter um candidato, os tucanos vão ter um candidato e o setor progressista tem que se unir em torno de uma estratégia para derrotar o chamado Bolso-Doria. Agora é a hora de construir essa aliança.





## Izabella Teixeira

Por Pedro Camarão

Servidora de carreira do Ministério do Meio Ambiente, Izabella foi uma das peças-chave para o Brasil no Acordo de Paris. Ela agora trabalha na Organização das Nações Unidas em diferentes projetos. Nesta entrevista, explica didaticamente porque o Brasil é importante para a segurança climática do mundo. Diz que, apesar da roupagem diplomática, a fala de Bolsonaro não passa de uma carta de apresentação e intenções, mas vazia. “Eu não acho que o Brasil tenha gerado credibilidade como teve no passado”, avalia.

Na visão da ex-ministra, a política ambiental brasileira está desenganada e não tem mais o respeito internacional como no passado. Tanto que, um dia depois de Bolsonaro ter declarado na Cúpula do Clima, sediada pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, o governo brasileiro anunciou um corte no orçamento do Ministério do Meio Ambiente. “É de uma incompetência política sem precedentes”, critica. Izabella afirma ainda que o simples fato de Biden ter convidado o governo brasileiro para a mesa de negociações já causou desconforto em *players* [negociadores/investidores] internacionais.

Ministra durante os governos de Lula e de Dilma, ela lamenta o desmonte do sistema público de gestão do meio ambiente, aprofun-

dado por Bolsonaro. E compara o processo que o Brasil está vivendo no setor com uma infestação de cupins que destroem a estrutura por dentro sem que seja possível perceber quão grande é o estrago.

A referência é feita não apenas sobre o IBAMA e o Instituto Chico Mendes (ICMBio), que sofrem com cortes de verbas e com o uso da burocracia para tornar impossível a fiscalização, mas sobre o sistema que está sem estratégia. É isso que está provocando o desmatamento crescente. “As orientações políticas do presidente são, de fato, para fragilizar o sistema de vigilância”, afirma a ex-ministra. E antevê que a deterioração da imagem do país no exterior será sentida na balança comercial, com a maior dificuldade para a venda no mundo – principalmente na Europa – dos produtos brasileiros.

Integrante na ONU de diferentes grupos de debate sobre as mudanças climáticas e o futuro do mundo e da humanidade, Izabella ainda aponta quais devem ser as preocupações do país e do planeta para o futuro. “O Brasil tem que entender que o futuro é hoje, ele não tem que esperar”, diz. Izabella cobra da sociedade e dos atuais governantes que o país precisa urgentemente de um choque de racionalidade. Leia os principais trechos da entrevista concedida à *Focus Brasil*.

**Focus Brasil – Em 2019 e 2020, o desmatamento na Amazônia foi de 10,7 mil km<sup>2</sup> e 9,8 mil km<sup>2</sup>, respectivamente. São os maiores níveis desde 2008. O ministro Ricardo Salles afirmou que, se o Brasil receber 1 bilhão de dólares de ajuda da comunidade internacional, o desmatamento ilegal poderia ser reduzido em 40%. Como tais contradições se tornam um entrave para o país?**

**Izabella Teixeira** – A primeira questão é que o Brasil é um país importante para a equação climática global. E é importante avançar com soluções de baixo carbono. Isso é bom para o Brasil. Temos alternativas e soluções – o Brasil precisa resolver passivos históricos de desigualdades sociais e de *gaps* [lacunas] de desenvolvimento. Essa agenda está modelando o novo mundo. Entenda: a agenda de cli-

ma é a agenda de desenvolvimento. Estamos disputando como nos desenvolver, como crescer economicamente, como ser competitivo nesses mercados. Então, para um país que tem alternativas é uma agenda importante. Tais escolhas, o Brasil fez lá atrás nessa direção em um alinhamento com o que é o mundo contemporâneo. Então, é importante para o Brasil porque confere caminhos, alternativas boas, robustas. O país sabe caminhar e deveria ambicionar cada vez mais caminhar nessa trajetória de baixo carbono.

### *Por que a questão climática depende também do Brasil?*

Em função do papel das nossas florestas tropicais. Notadamente, a Amazônia. Não podemos esquecer que o Brasil já destruiu uma floresta tropical que é a Mata Atlântica. Sobraram 10%. Então, nós precisamos agora nos desenvolver a partir de uma nova visão onde a floresta fique em pé e onde o desenvolvimento científico seja um provedor de caminhos e soluções de natureza política também para o Brasil. Isso é geopolítica. A ciência, que o Brasil também tem um arcabouço robusto e importante, é extremamente importante e relevante para termos soluções não só para a Amazônia, que não pode se desenvolver com base no desmatamento porque não tem nenhum ganho de desenvolvimento, de economia ou social.

A Amazônia tem os menores indicadores de desenvolvimento humano do país e tem a menor participação no PIB brasileiro. E já desmatou quase 20% do seu território. Se isso agregasse riqueza, a gente até estaria discutindo em novas bases porque o desafio climático é o carbono associado a uma economia que precisa ser substituída por novas tecnologias. É isso o que o mundo está dizendo, eu tiro uma planta de térmica de carvão e coloco uma de energia solar ou eólica. É uma conta: emprego tantas pessoas e dou mais competitividade abrindo aqui. O desmatamento, não.

Como o desmatamento é predominantemente ilegal, ele tira, não agrega. É um carbono não econômico. Esse é um segundo as-

pecto. O Brasil precisa resolver a equação da segurança climática global, mas também tem que remover por imperativo moral, ético e legal. Porque é crime. Nossa lei diz que é crime. O país tem que acabar com isso porque esse desmatamento do passado está contaminando o presente e o futuro.

*A pergunta que se faz: quais são as emissões da Amazônia fora o desmatamento?*

Essa é a equação do desenvolvimento. Se tirar o desmatamento, quanto a Amazônia emite? Qual é o papel da Amazônia nas trajetórias de desenvolvimento do Brasil nesse mundo que se avizinha de *Net-Zero Emissions* [emissão de carbono nula]. Essas questões não aparecem porque você está preso a uma agenda de desmatamento que o Brasil sabe combater, tem lei, instrumentos, mas apostou no retrocesso por uma equação política que aí está.

A segunda questão pela qual o Brasil é importante: equacionar a Amazônia significa equacionar um aspecto de segurança climática do mundo. E significa exercer um papel de pautar o mundo em torno de novos caminhos. Se o Brasil deixa de desmatar, passa a ser o país que oferece segurança climática, que discute cooperação internacional, alianças e parcerias de outra maneira. Em vez de ser pária do mundo, estaríamos pautando nossos interesses nacionais de uma outra maneira.

*Mas não é isso que vem ocorrendo...*

Aí vem a terceira questão: quais são os interesses do Brasil? O que o presidente do Brasil fez com essa declaração, usou os artifícios diplomáticos. Ou seja, sugere uma influência do Itamaraty naquele discurso sem precedentes, porque antes o Brasil era negacionista, contra a agenda multilateral... E depois oferece um discurso que busca indicar um realinhamento com os interesses internacionais. E o faz em três situações. Primeiro, quando fala sobre uma intenção política de 2050 e fizeram uma leitura equivocada disso de que o

Brasil antecipou 10 anos. Não é verdade. Quando fez a atualização da sua MDC em dezembro do ano passado, foi mencionado que poderia ter em 2060 uma meta de *Net-Zero Emission* porque a China tinha colocado isso. Tinha uma discussão internacional de que os países desenvolvidos colocavam 2050 e os países em desenvolvimento iriam pra 2060 porque a China colocou isso. Não tem estratégia, não tem nada escrito que diga que o Brasil vai fazer aquilo. Essa imagem de dezembro foi reforçada com o ministro do Meio Ambiente [Ricardo Salles] dizendo que poderia fazer mais com dinheiro internacional.

*O compromisso do Brasil, então, não se sustenta.*

Quando o presidente vai para a cúpula do [Joe] Biden e determina um compromisso político com 2050, não os condiciona a recursos internacionais. Do ponto de vista da leitura política, essa é a reação positiva observada por muitos atores da “diplomacia do clima”. A segunda coisa que ele afirma é que reitera o compromisso de acabar com o desmatamento até 2030, mas é um compromisso nosso de 2015, quando o Brasil estava diminuindo o desmatamento, não aumentando. Nós colocamos isso porque havia um combate ao crime. Quando você assume compromissos internacionais, que são mensuráveis, não é só intenção, você tem que ter todas as salvaguardas para afirmar um compromisso como esse. O atual presidente, não. A fala dele é só uma intenção política, não tem números, nada que explique.

*Fez um discurso vazio para a comunidade internacional?*

Olha, a terceira coisa que ele fala na direção do que o mundo quer ouvir é que ele buscará entendimento com a sociedade civil, com direitos humanos, populações indígenas e tradicionais. Então, pega as grandes críticas internacionais ao Brasil e faz uma fala política dizendo que se dispõe a resolver. Então, é um discurso diplomático. Mas é vazio e inconsistente. É um discurso feito para a audiên-

cia internacional, para que as pessoas ouçam o que precisam ouvir para continuar conversando com o Brasil por conta da COP 26. Todo mundo precisa de consenso para ter o livro de regras porque a decisão na COP 26 é por consenso global. Mas Bolsonaro não oferece nada concretamente. Por exemplo, dizer que embora tenha um compromisso até 2030, entende que temos condição de trazer isso para 2025. Eu não acho que o Brasil tenha gerado credibilidade como teve no passado, mas o discurso não fechou portas. É um discurso que abriu espaço para os *political rooms* [negociações].

*Mas, logo depois do discurso, Bolsonaro sancionou o Orçamento cortando 33% da verba do Ministério do Meio Ambiente, comprometendo o trabalho de fiscalização. Qual a sua avaliação?*

Isso mostra uma profunda incompetência política. O presidente de um país não pode fazer uma declaração e no dia seguinte estar sujeito a ser desmentido internacionalmente. Isso não pode acontecer. Isso esvazia. O novo presidente dos EUA poderia não ter convidado o Brasil, mas o chamou. Isso causou um desconforto internacional para muitos *players*. O que fizeram logo depois é de uma incompetência política sem precedentes. Isso cai numa pergunta importante que ninguém fez no Brasil: quem toma decisão política e decisão econômica sobre clima no Brasil e como? Porque as estruturas não existem mais, o Brasil não tem uma governança montada nem transitória, tem uma insuficiência institucional profunda, um desconhecimento profundo da agenda.

*Há sinais contraditórios.*

Isso reflete possivelmente a grande disputa interna de poder no curto prazo, com outros atores querendo defender a expressão de poder de médio e longo prazo. De que é preciso preservar os espaços do Brasil independente do governo. Na comunidade internacional, de tudo o que eu ouvi das pessoas, é de que o discurso de Bolsonaro não durou 24 horas. Este é o tamanho da credibilidade hoje,

para alguns atores internacionais, do atual governo. Ficou claro que quem toma decisão hoje sobre clima, natureza, política e econômica no Brasil não é uma pessoa que priva da melhor inteligência climática. Isso nem do ponto de vista da geopolítica nem dos interesses do país. Pegou mal lá fora. As reações foram de profundo desconforto e de desconfiança.

*Em discurso para criadores de gado, Bolsonaro disse que reduziu a aplicação de multas ambientais em seu governo para optar pelo “aconselhamento” e gerar “paz e tranquilidade” para produtores rurais. Como avalia essa posição do governo? O prejuízo pode ser recuperado? Estamos mais perto de um ponto de não retorno?*

Tudo depende de como se enfoca o problema. O que está desmatado, está desmatado. Todo o caminho que o Brasil trilhou nos últimos anos para enfrentar o desmatamento, desde o fim da década de 1980, está fragilizado. Esse governo passa a ideia de que pode desmatar que não tem problema – “se for pego, daremos um jeito de contornar isso”. O IBAMA não exerce mais a coordenação da estratégia de combate ao desmatamento. O que disseram foi “vamos cortar as asas do IBAMA”.

Agora, essa estratégia não é eficiente. É só ver que o desmatamento está aumentando. O sistema público de gestão ambiental federal está comprometido. Essa é uma coisa que as pessoas não prestam atenção. O IBAMA e o Instituto Chico Mendes são federais, têm competências federais e lidam com ativos da União, inclusive no licenciamento porque é de competência estadual. Excetuando-se situações, o IBAMA é quem cuida. Quando você fragiliza isso, está fragilizando o papel da coordenação federativa, que é também um papel nacional.

*O governo está descumprindo a Constituição?*

A dimensão da fragilização fere o conjunto de proteção ambiental do país que está desenhado na Constituição, que está desenhado na Lei Nacional de Meio Ambiente. Eu chamo isso de “cupinização”.

*Como assim?*

É como se tivesse um cupim comendo por dentro. Você não tem a dimensão da fragilização. E me parece que as pessoas que estão lá não têm prática na gestão pública [a ex-ministra se refere aos policiais militares nomeados para gerir os órgãos fiscalizadores]. São pessoas erradas nos lugares errados. E me parece que as orientações políticas são de fato para fragilizar. A ponto de os funcionários denunciarem que perderam a capacidade de fiscalizar. Isso é um absurdo. Fiscalização precisa de autonomia. O que está sendo dito é que além de passar a boiada, pode dormir que ninguém vai te incomodar.

*Ou seja, o desmatamento continua e sem sinais de repressão...*

Isso terá consequências. Inclusive para a União, com sonegação tributária. Não reclamem depois ao quererem vender seus produtos que gente lá fora se recuse a comprar porque é de área embargada. Quando se tira a credibilidade do sistema de fiscalização, o comprador tem todo o direito de reclamar porque não há mecanismo de controle. Na real, na hora do vamos ver, o governo Bolsonaro entrega o aumento do desmatamento. Essas são medidas que aumentam o desmatamento.

*Após esse caos sanitário que o mundo vive passar, mas que paralisa o Brasil de muitas formas, o que a senhora entende como essencial enquanto medidas para preservação do mundo e qualidade de vida das pessoas no futuro?*

Tenho discutido muito isso internacionalmente por causa dos grupos que eu participo na Organização das Nações Unidas. O mundo está num momento de mudança de era, não é geracional. Toda a economia do mundo, tudo o que vai acontecer vai ser orientada pela questão climática e vai ser orientada pela pós-COVID.

A questão da crise da COVID vai passar, mas se olhar os novos cenários da Organização Mundial da Saúde, eles mostram quão vulne-



ráveis estamos a uma sucessão de novas pandemias. Estamos vivendo um momento de ruptura da relação humanidade com a natureza. E é exatamente aí que as pessoas estão começando a entender. O problema não é só aqui “no meu quintal”. É no do outro também.

O que a COVID nos mostrou é que o mundo está interconectado, que é uma humanidade e um planeta. Não é um ambientalista que está dizendo isso. Um vírus parou o mundo e vai determinar essa visão da saúde e clima. Sou agora membro de uma nova iniciativa global que chama Pathfinder. É exatamente sobre essa questão de como vai andar clima e saúde. Se permitirmos o desmatamento, mais estaremos expostos a microrganismos que estão naquele ecossistema. E isso é exatamente o processo disruptivo.

*Há uma mudança de perspectiva sobre a questão ambiental e sanitária...*

O pós-COVID vai marcar processos. O mundo está vulnerável e há risco associado a isso. A questão climática é a mesma coisa. O risco climático hoje está no sistema financeiro internacional. A vulnerabilidade do sistema financeiro internacional hoje trata da questão climática. As pessoas vão viver a escassez de recursos naturais, as desigualdades serão exacerbadas, não é trivial reverter isso.

Haverá uma pressão dos povos no mundo para circularem porque vão ficar mais vulneráveis. Esse é um mundo possível, se não houver um olhar de projetar o futuro de uma maneira que não seja uma projeção linear do passado.

O Brasil está refém dessa dualidade. Tem gente aqui que já entende isso. Sabe que precisamos nos antecipar para prevenir e nos adaptarmos. Porque não se controla a natureza e tem gente que acha que vai conseguir do passado, do presente, o futuro. E isso não é verdade porque as incertezas são muito grandes.

Então, eu diria que é essencial que se tenha do passado, no Brasil, um aprendizado das boas coisas, do que o país foi capaz de fazer.

Mas a pergunta que tem que ser feita é: “o que o Brasil vai entregar da agricultura que é tão importante para a segurança alimentar no mundo, daqui a 30, 40 anos?”.

Essa discussão não é apenas sobre como chegamos aqui. É para onde queremos ir. E quais são as ameaças e os caminhos robustos que devemos empreender. As pessoas devem apostar em ciência regional, não apenas em ciência global. A ciência vai ganhar um papel político muito diferente do que tinha até hoje. É preciso pensar nas necessidades locais com os cobenefícios globais, não apenas o contrário.

O Brasil tem que entender que o futuro é hoje, ele não tem que esperar. As novas gerações já têm um entendimento de mundo nessa mentalidade, embora haja tolos. Infelizmente, a base política que dá sustentação a esse governo é ignorante. Mas o futuro vai exigir do Brasil algo que é fundamental na minha opinião: um choque de racionalidade sem precedentes. Precisamos disso imediatamente, inclusive na agenda verde. Portanto, a dona Maria, o seu Pedro, o seu José devem entender que precisam escolher um lado. Ou estão do lado de quem ameaça ou de quem se beneficia. É fundamental discutir qual a cidadania que vai sair desse processo todo, senão teremos mais desigualdades ainda.



## Teresa Cristina

Por Pedro Camarão

**T**eresa Cristina é um dos grandes nomes da música brasileira e durante a pandemia, esse período tenebroso que o Brasil vive, encontrou nas *lives* do Instagram uma forma de superar a triste realidade imposta pela crise sanitária e pela presença de uma figura como Jair Bolsonaro na Presidência da República.

Nos programas que já foram diários, ela recebe artistas da música e do teatro, conversa, canta, chora, ri e acolhe novos artistas, além de descobrir e redescobrir músicas de artistas do panteão da Música Popular Brasileira. O que Teresa Cristina faz é um ato de resistência através da valorização da cultura brasileira.

A programação de *lives* já foi batizada como “Noites de Teresa” e ela afirma que pretende seguir fazendo mesmo após a pandemia porque é algo que deve ser preservado. “Acho que o que conquistei sozinha eu tenho que preservar. É um lugar meu. Não tem interferência de ninguém. É a minha *live*, as minhas regras. Tudo que eu quero fazer ali, eu faço”, explica.

Teresa faz questão também de falar sobre política. A cantora critica abertamente o presidente Jair Bolsonaro, seu governo e seus apoiadores e não se exime sobre as próximas eleições. Para ela, o

ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é o nome para tirar Bolsonaro do poder.

“Não tem terceira via. É Bolsonaro de novo ou é Lula. Eu só falo em terceira via se for o terceiro mandato do Lula, aí tudo bem”, comenta. Mas o ex-presidente não é a única coisa necessária para o Brasil, na sua opinião. “Eu desejo que o brasileiro pare de pensar em atalhos. O brasileiro tem uma mania de achar que para tudo tem um caminho mais fácil e não existe caminho mais fácil na vida, nada é fácil na vida”, resume a sambista.

Na entrevista concedida à *Focus Brasil*, Teresa Cristina ainda relembra momentos de *lives* marcantes, falou sobre como está enfrentando a pandemia, cantou e se emocionou em uma conversa descontraída que pode ser lida a seguir:

#### **Focus Brasil – Tudo bem com você?**

**Teresa Cristina** – Eu nem sei mais como responder essa pergunta [rindo]. Eu não sei. Tem dia que estou bem, tem dia que não estou bem. [Tem dia que] Não consigo dormir. Tenho sono às vezes em horário que não é para ter sono. Meio-dia estou como sono, às vezes 4h da manhã não estou com sono. Eu passo raiva lendo notícia... Eu não sei. Todos os dias procuro um motivo para estar bem, para ficar bem. E aí eu faço *live* ou faço pesquisa, ou estou compondo.

#### ***É um pouco resultado da própria pandemia.***

Eu fico tentando fugir de vários assuntos, mas fugir estando presa dentro de casa também é complicado. Na verdade, eu fico tentando manter a minha sanidade mental. Então, eu acho que bem, bem, bem eu nunca estive durante a pandemia. Mas eu sempre procuro... [pausa] não pensar. Não pensar. Não pensar no Bolsonaro, não pensar nessa palhaçada que é essa CPI da COVID que não adianta para porcaria nenhuma. Não pensar que a gente poderia estar vacinado já e a gente não está.

Vamos para meio milhão de mortos. E desse meio milhão de mortos, pessoas importantes, catalisadoras. Toda vida é importante, vou deixar bem claro. E me dói muito ver pessoas que poderiam estar vacinadas e não estão, sabe? A gente está com cepas novas. O vírus aqui no Brasil está igual ao bolsonarismo, fazendo o que quer. Não está encontrando nenhum tipo de resistência.

*Falta consciência e campanhas de esclarecimento.*

Algumas pessoas nas ruas estão vivendo como se não tivesse pandemia. Onde eu moro, tem um campo de futebol e todo dia tem futebol, todo dia tem churrasco. Todo dia tem aquela porrada de homem, macho, ali sem camisa, sem máscara, levando COVID pra dentro de casa, sabe? Dependendo do ângulo é assustador. [pausa] [sorrindo] Eu acho que você nem merecia ouvir tudo isso. Você só me perguntou se eu estava bem.

*Mas no meio disso tudo, temos as suas lives. Elas são um acalento?*

Olha, não tenho feito todos os dias. Mas eu faço toda semana. Essa semana eu fiz segunda, fiz na terça porque era uma *live* sobre Nelson Cavaquinho e não deu para fazer em um dia só. Hoje [quarta-feira] estou fazendo outra que é “Tema de novela”, amanhã, faço com a Mônica Salmaso a Batalha [musical].

Ultimamente, tem sido muito importante pra mim, porque eu preciso ocupar o meu tempo com alguma coisa que realmente me distraia. As notícias estão muito cruéis. A realidade está muito cruel no Brasil. Eu nunca senti isso. Eu nunca tive vontade de não ser brasileira. Nunca. Nunca quis sair da minha cidade, carioca. E aí ver o governador do Rio de Janeiro abraçar esse monstro naquela obscenidade que foi aquele passeio de moto à la Mussolini, sabe? Muito triste.

*Música é arte...*

E poder passar uma tarde inteira pesquisando a obra do Nelson Cavaquinho, eu cataloguei 116 músicas, fiz uma *live* em que se deve ter

cantado 30. Tem uma porrada de músicas do Nelson Cavaquinho que eu preciso aprender a cantar. Isso sim me dá esperança, sabe? Fiz uma *live* sobre Roberto Ribeiro semana passada, sobre Wilson Moreira. Brasileiros que me deem orgulho. Brasileiros que eu olhe e fale “nossa, é brasileiro”. Alguns eu falo: “Eu conheci, estive perto”. Wilson Moreira uma pessoa importantíssima para minha carreira. Então, isso para mim vem sendo importante.

Todas as lágrimas que derramo nas *lives*, considero que são lágrimas de emoção. Então, eu estou trocando. Já que é para chorar, ao invés de chorar de tristeza vendo o noticiário, eu prefiro chorar de emoção com uma canção bonita, com uma letra bonita, lembrar de um artista que a gente gosta, que deixou uma obra bonita. Isso é o que tem me segurado.

*O ex-presidente Lula participou de uma live sua. Como você disse, sempre é muito intenso, mas você poderia contar de alguns dos momentos que surpreenderam você?*

Ah, tem muita coisa. Tem o dia que o Lula entrou, o dia que entrou o [Fernando] Haddad. A *live* do aniversário de 81 anos do Antônio Pitanga em que eu convidei o Chico [Buarque], Paulinho [da Viola], Caetano [Vieloso], o [Gilberto] Gil. Foi lindo. A *live* com o João Bosco, ele contando como entrou o Aldir, foi lindo. A *live* do [José Carlos] Capinam. A primeira vez que a Simone entrou na *live* eu fiquei muito emocionada porque eu ouço a Simone desde criança. Ter me tornado amiga da Joanna. A *live* do aniversário da Marisa, eu amei. A *live* do Realce que o [Gilberto] Gil entrou no final, foi a primeira vez que o Caetano entrou na *live*. A do Roberto Ribeiro foi muito bonita, emocionante. A *live* do Wilson Moreira...

Fiz uma *live* logo depois que o Paulo Gustavo faleceu. Eu nunca tive muita proximidade com o Paulo, mas a gente se conhecia e durante a pandemia ele falou de mim no programa. Ele mandou um áudio lindo para mim que eu vou guardar como um tesouro.

E eu percebi que os meus amigos que eram próximos dele estavam muito abalados. Uma tristeza sem fim. E eu resolvi fazer uma *live* para o [Luís] Lobianco. Ele começou com o Paulo Gustavo lá atrás, fizeram teatro juntos. E eu fiz essa *live* para agradar o Lobianco. Um amigo, uma pessoa que eu admiro muito, que eu amo. E ele começou chorando e no final da *live* todo mundo tirou a roupa – claro, ombros nus – bebendo e falando bobagem...

A *live* que eu fiz sobre a cena pop afro da Bahia com a Margareth Menezes. A Daniela Mercury já entrou várias vezes na *live*, entrou em “Tema de Novelas”. A *live* do Djavan durou cinco horas. Depois fiz outra *live* dele e ofereci para o Silvio Almeida que estava fazendo aniversário e o Djavan entrou e conversou comigo. A *live* que eu fiz com o Zeca [Pagodinho]. Foi sensacional. Se eu for elencar, vou estar sendo injusta, inclusive, com *lives* em que não entraram artistas, mas foram incríveis. As autorais que eu faço e conheço os compositores novos. São muitos momentos incríveis.

*O Instagram armazena tudo isso, mas é algo histórico. No momento em que vivemos aparecer essa valorização da cultura brasileira é importante. Você já pensou sobre o que vai fazer com todo esse material no futuro?*

Eu quero publicar isso. Já estou vendo como fazer, inclusive. Além de fazer parte da minha história, acho que é um belo retrato do que foi 2020, do que está sendo 2021. Mostrar um Brasil que não morre. Acho que a cultura brasileira, a música brasileira, a poesia, elas resistem. Resistem muito. Ou através da obra que ficou, ou através dos nossos intérpretes, ou da força de um compositor. Tem artistas que não morrem. Um Belchior não morre, um Gonzaguinha não morre, um Aldir Blanc não morre. E como um artista desse não morre, quando ele é lembrado, quando a obra dele é passada adiante para alguém que nunca ouviu falar daquela pessoa. Eu fico muito feliz quando eu encontro um jovem que fala: “Ah, quem foi Elis

Regina?”, [rindo] Dá vontade de agredir? Pode até dar, mas você fala: “Você não sabe quem é Elis Regina, então ouve isso aqui”. É legal.

Eu fiz a *live* do Roberto Ribeiro, algumas pessoas entraram e falaram que nunca tinham ouvido. Foi bom saber que estou sendo a primeira pessoa a apresentar o Roberto Ribeiro para alguém. Isso também tem uma graça, uma magia, apresentar um artista para alguém. Roberto Ribeiro é um artista muito importante para o samba. Uma pessoa muito dedicada. Ele gravou tudo, samba, bossa nova, MPB, ritmos brasileiros folclóricos e uma voz que depois que você ouve, nunca esquece.

*Você poderia escolher uma música que possa representar um pouco tudo isso que o Brasil está vivendo?*

Algumas, né. Acho que “De volta ao começo”, do Gonzaguinha, talvez seja uma das que eu mais cantei durante as *lives*. Toda hora eu dou um jeito de colocar essa música. Acho que tem a ver por causa dessa volta do Lula na política, esses valores tão caros que a gente tem e que estão sendo achincalhados por essa horda de gente feia, ignorante, cafona, malvada, corrupta. São monstros, né? Eu considero monstros.

Hoje, eu acordei e a primeira notícia que eu tive o desprazer de ver foi de um deputado, eleito aqui pela minha cidade, que criou um projeto pela extinção da UERJ... Extinção da UERJ [estarecida]. A UERJ foi a universidade em que eu estudei, foi a primeira universidade a implementar o sistema de cotas, ela tem um nível acadêmico altíssimo. É uma universidade que está o tempo todo sendo massacrada. Como a pessoa tem a pachorra de fazer um negócio desse?

A gente está no meio de uma pandemia com quase meio milhão de pessoas mortas e vem um espírito sem luz desse e coloca um negócio assim... Claro que isso não vai passar, mas só o fato de ser notícia como se isso fosse possível. É um lamaçal. A gente vai ter que tirar essas pessoas na vassourada. Sei lá o que a gente tem



que fazer pra varrer esse povo ignorante, burro, mal intencionado, corrupto. São muitas péssimas qualidades atribuídas a um grupo de pessoas que sempre estiveram à margem da sociedade, à margem da cultura, à margem de tudo o que prestasse. É aquele tipo de pessoa que a gente não dava voz porque era ignorante. O Bolsonaro nunca teve voz porque ele nunca foi nada, ele sempre foi um desastre. Ele sempre foi um zero à esquerda para o Exército, para qualquer lugar. Ele nunca fez nada. A família dele é toda suja. É todo mundo envolvido em algum tipo de falcatrua, os filhos bandidos, não para. A gente perde até o prumo. Não sei mais o que você me perguntou.

*Pedi que você indicasse algumas músicas que pudessem significar esse momento. Você indicou a “De volta ao começo”, do Gonzaguinha.*

Então, “O primeiro jornal” que também foi uma das músicas que eu mais cantei nas *lives*, que é da Sueli Costa com o Abel Silva. A música fala de uma mulher tentando agradar o homem que ela ama antes que ele leia a primeira notícia do jornal. É uma graça, uma música linda. Foi gravada pela Elis. Uma outra música, “Aos nossos filhos” também gravada pela Elis, do Ivan Lins e do Vitor Martins. Tem uma música que foi gravada pelo Chico com o MPB 4 chamada “Cara a cara”. [canta] “Tenho um peito de lata/ E um nó de gravata/ No coração/ Tenho uma vida sensata/ Sem emoção/ Tenho uma pressa danada/ Não paro pra nada/ Não presto atenção/ Nos versos desta canção Inútil/ Tira a pedra do caminho/ Serve mais um vinho/ Bota vento no moinho/ Bota pra correr/ Bota força nessa coisa/ Que se a coisa para/ A gente fica cara a cara/ Cara a cara cara a cara/ Com o que não quer ver”. É isso.

*Imaginando que a pandemia vá chegar ao fim, o que você deseja para o futuro próximo, para 2022?*

Eu desejo que o brasileiro pare de pensar em atalhos. O brasileiro tem uma mania de achar que para tudo tem um caminho mais fácil e não existe caminho mais fácil na vida, nada é fácil na vida. O

brasileiro acredita na *fake news* porque ele quer acreditar naquilo. E a gente tem uma coisa de ficar sempre esperando o próximo herói. Com esse pensamento se elegeu o Collor que lascou com a classe média, na verdade. Com essa coisa de confiscar a poupança, ele mexeu com a classe média e rapidinho foi deposto.

Só que o Bolsonaro não está lascando com a classe média. Muita gente está ganhando dinheiro com o governo dele. O Bolsonaro está matando pobre, preto, bicha, veado, sapatão, mulher, criança preta favelada. É esse nicho que ele está matando. Essas pessoas não têm tanto poder na mídia. Toda vez que eu ouço alguém dizer assim, “mas pra quê ficar gritando fora Bolsonaro, ano que vem ele sai, vamos esperar”. A pessoa que fala isso, está com uma quantidade de camadas de privilégios que não tem ideia do que está falando, ela não tem a noção do quanto está sendo caro manter esse cara no poder.

Só que ele foi eleito, ele teve gente que o elegeu. E as pessoas continuam cegas achando que ele é um herói. De herói ele não tem nada. Ele é um covarde, um belo de um covarde. Assim como aquele outro que foi lá dar depoimento e “borrou as calças”. O cara é uma alta patente do Exército e está indo trabalhar de “calça marrom”, sabe? Eu acho que a gente tem que pensar mais em política, parar com essa palhaçada de que não se discute futebol, política e religião. A gente está nessa merda por causa disso. Ninguém deixou de discutir futebol. O Brasil está entregue à Igreja Universal do Bispo Macedo porque a gente não discute religião. “Ah, não vamos discutir política”, aí elege um Bolsonaro, os filhos dele, um cara que quebrou a placa da Marielle, um cara que quer acabar com a UERJ, literalmente. A gente tem que parar com essa falsa discussão de que isso não se discute. Discute, sim. A problematização existe para a gente viver melhor, para um futuro melhor. Não adianta também o Bolsonaro ir embora e a gente ficar achando que vai vir mais um grande herói que vai acabar com alguma coisa. Não existe isso.

Você quer um herói real, olha aí o Lula. Esse cara foi demonizado desde antes de ele assumir Presidência pela primeira vez. Ele já foi preso antes de ser presidente. Ele foi eleito e nunca teve a mídia a favor dele. Mesmo depois de demonizado por anos, é um cara que pode ganhar do Bolsonaro no primeiro turno. Que pessoa é essa, que político é esse, o que esse cara tem que ainda está vivo? Ainda está falando em Brasil, preocupado com o Brasil. Pessoas sérias lá de fora quando querem falar de Brasil usam o nome dele, o governo dele. Então, para que esse olhar tão lunático procurando um herói?

Uma coisa que me irrita muito, “ah, não, vamos pensar em uma terceira via”. Não tem terceira via. É Bolsonaro de novo ou é Lula. Eu só falo em terceira via se for o terceiro mandato do Lula, aí tudo bem. Mas se não for, não me venha com esse papinho de terceira via, com esse papinho de Ciro Gomes 1%. Não quero. Não quero. Não acho que a gente possa brincar nesse momento. E esse “cara” [Bolsonaro] também não está morto, porque quem tem dinheiro não está morto. Ele não tem limite, não tem moral.

*Do que você mais está com saudade?*

[Longa pausa, pensando] Estou com saudade de gente, mas não é essa gente do Leblon, essa gente que está indo para festa durante a pandemia, não. Estou com saudade de gente, da minha gente. Estou com saudade de uma roda de samba. Da segunda-feira no Renascença. Toda segunda-feira eu me lembro [emocionada]. Dá uma dorzinha. Eu até evito de ficar falando isso com o Moacyr [Luz]. Ninguém merece. Se eu estou assim, imagina ele. Então, eu não falo, mas dói.

*Quando a pandemia acabar, vamos continuar tendo “Noites de Teresa” ou vai mudar?*

Não. Eu acho que foi uma conquista minha. E acho que o que conquistei sozinha eu tenho que preservar. É um lugar meu. Não tem interferência de ninguém. É a minha *live*, as minhas regras.

Tudo que eu quero ali, eu faço. Então, acho muito interessante ficar pesquisando e falando de artistas. Por exemplo, quando fiz a *live* sobre o Roberto Ribeiro, eu descobri que a mãe do filho dele também era compositora, fez vários sucessos dele. Então, agora estou à caça das músicas dela. Isso é uma coisa que eu não quero parar. É muito gostoso encontrar as pessoas, conhecer gente nova, um artista novo. É muito legal poder falar com gente que eu admiro, poder falar com Fausto Nilo, nunca tinha falado com ele na minha vida. Reencontrei também um compositor do Maranhão chamado Josias Sobrinho, que fez uma música que eu ouvia na minha infância, “Engenho de flores”, e o cara está lá no Maranhão e consegui falar com ele. Isso é muito bom. Eu também sou tiete, né? Eu sou artista, mas gosto de encontrar as pessoas que admiro, de saber como a pessoa é. E também gosto de trazer gente, de descobrir pessoas. Às vezes aquela pessoa é tão talentosa e ela só está esperando uma oportunidade para alguém conhecer, ouvir o que ela está fazendo. É tão ruim fazer uma canção e ninguém ouvir, ou trabalhar, trabalhar e só ouvir não. Às vezes conheço compositores novos, e você vê na *live* a beleza da pessoa aparecendo, o olho brilhando. É uma sensação muito boa que estou usando no lugar da minha libido. Pandemia, libido zero, então, isso é o que me dá tesão ultimamente. É ver gente feliz, tirar felicidade das pessoas. É uma coisa que me deixa acesa.



## Paulo Betti

*Por Pedro Camarão*

**P**aulo Betti enxerga a política sob os conceitos simbólicos dos espetáculos teatrais. É em função dessa perspectiva que o ator e diretor decidiu incentivar a utilização da bandeira do Brasil como símbolo das manifestações organizadas pelos movimentos sociais. “É um espaço que precisamos disputar”, afirma.

Imaginando como seria uma passeata que misturasse o vermelho ao verde-amarelo, Betti diz que não deve haver concorrência entre os símbolos. “Quanto mais bandeira vermelha tiver, e mais bandeira verde-amarela houver, mais elas vão aparecer ali no meio. Vai ser interessante porque vai criar um atrito de informação”, avalia.

Por outro lado, o ator reconhece que o uso insistente das cores da bandeira pela extrema direita faz com que seja mais complicado para a esquerda voltar a adotá-las. Essa preocupação com a valorização do símbolo nacional vem de muito tempo.

Paulo Betti se reconhece como militante de esquerda, afinado com ideais socialistas e conta que sempre levou a bandeira brasileira com pequenos adereços na cor vermelha. Avalia que, dessa forma, é possível passar um recado: “É esse Brasil aqui que a gente quer, para esse lado aqui [vermelho], para o lado do povo, do esclarecimento”.

Ele espera que o levante popular ajude a concretizar o afastamento de Jair Bolsonaro da Presidência. Ou, ao menos, colaborar para que ele não tenha condições de se reeleger. No entanto, mesmo acreditando que Bolsonaro será vencido, Betti se diz preocupado com os rompantes golpistas do presidente. “Temos que trincar os dentes para garantir a legalidade”, aponta.

Sobre a importância de se posicionar, é categórico. “Nós estamos diante da morte. As pessoas estão morrendo”, aponta. “Não tem nada mais grave e mais definitivo do que isso”. Na entrevista à *Focus Brasil*, ele também lembra momentos da campanha eleitoral de 1989, da qual participou ativamente.

**Focus Brasil – *Você mencionou que sempre teve um olhar voltado para a simbologia dos atos políticos, que a preocupação com a presença da bandeira do Brasil nos protestos da esquerda não vem de agora. É isso?***

**Paulo Betti** – Sim. Sou ator e diretor de teatro. Cada profissão nos deforma de alguma maneira. Por exemplo, o cardiologista olha suas mãos, olha você e já sabe se você tem características de um cardíaco. Eu olho as coisas do ponto de vista dos símbolos do teatro. A gente trabalha com símbolos, arquétipos, imagens e cenários. Na eleição Lula versus Collor, eu estava muito envolvido na campanha do Lula. Muito mesmo. Viajei com ele num aviãozinho em que fomos ele, dona Marisa, Lucélia Santos e eu. E você fica querendo ajudar no comportamento, no discurso, no que nós sabemos. Você tenta aconselhar. E o Lula tinha um debate contra o Collor em que ele abriria o encontro e encerraria. Isso estava pré-estabelecido. Então, tínhamos um pênalti logo no começo do jogo. E outro no final. Eu falei para ele: “Olha, fala o que você quiser no primeiro discurso. Mas no último, tire a carteira de trabalho, leve a carteira no bolso do paletó” – aquela que todo cidadão brasileiro tem que ter para mostrar que é cidadão, uma pessoa que anda na rua, que

toma ônibus. Mostrar uma carteira de trabalho é algo importante. E isso com o Lula, Partido dos Trabalhadores, em 1989, num segundo turno contra o patrão. Entende? Então era muito adequado para ele marcar o “segundo gol”.

Eu me predispus a ensaiá-lo para isso, prevendo como seria o espaço para que não esbarrasse nos microfones como aconteceu. Na edição do debate, colocam o cara batendo no microfone e passa uma imagem de que ele estava inseguro. E o Collor jogando com esses símbolos de uma forma muito inteligente... Sacana, mas inteligente. Ele tinha uma pilha de documentos bem ordenados dentro de pastas que ele dizia que tinha para ameaçar o Lula. Enfim, eu mergulhei fundo nesse debate. Eu assisti o debate na casa de um amigo e estava presente o bispo de Duque de Caxias, Dom Mauro Morelli, um dos heróis entre os católicos. E ele fumava um cigarro, desculpe entregar o bispo. Olha, não sei se inventei isso, mas me lembro de no final ficarmos de joelhos para o momento em que esperávamos que o Lula falasse “aqui está o documento [a carteira de trabalho] que você não tem”. Poderia falar de qualquer jeito que “a bola iria entrar”. Mas, ao invés de fazer isso, Lula falou uma frase assim: “Ele acha que é um caçador de marajás, mas é um caçador de maracujás” [fica em silêncio e ri]. Ele encerrou a fala assim. Claro, é normal, mas toda vez que eu o encontro, eu tiro sarro dele com isso. Agora, na reunião dos artistas com Lula, eu brinquei com ele.

### *Eleição é sempre nervosa.*

Eu sempre observei muito desse ponto de vista. Acabavam os comícios, comício na Candelaria com 500 mil pessoas, aquela confusão, o comício mal dirigido, o Chico Buarque cantando uma música maravilhosa, entrava o Brizola do outro lado e atrapalhava tudo. Eu queria mais respeito nos comícios para o musical, para que não fosse ruim para quem está vendo. Eu queria fazer outra coisa. O Collor já estava na nossa frente, e ele fazia um *avancé*, tinha um platôzinho na

frente do palanque. O que fazia com que na hora de fazer as fotos, fosse destacado. Ele não se diluía.

E eu me engajo porque gosto de militar, sou militante, sou sindicalista, sou de esquerda, sou socialista. Acho que isso é outra coisa que devíamos parar de ficar com encheção de saco. Vamos explicar para as pessoas o que é o socialismo, o que é o comunismo. As pessoas têm que entender que se não fosse o socialismo, pô, eles estavam trabalhando 24 horas por dia, sem descanso, com o patrão em cima. O que faz a força do trabalhador, seja ele da cultura, de qualquer setor, é a união em torno de um sindicato. É essa união que pode fazer frente por melhores condições de trabalho. Além de todo o projeto que tem de o socialismo ser algo tão audacioso, que quer corrigir a natureza humana. O socialismo vai contra a natureza humana. Isso que é bonito. Segundo o Antonio Candido, pelo menos foi o que eu entendi nas diversas vezes que li essa entrevista dele, ele diz que o socialismo é uma doutrina vencedora porque conseguiu muitas conquistas.

*Você falou sobre o seu olhar para a questão simbólica na política. Mas nesse momento, especificamente, por que é importante trazer a bandeira brasileira para os protestos organizados pelos movimentos populares, um símbolo que nos últimos anos acabou, infelizmente, muito ligado à direita, a essa direita fascista?*

Eu acho que é um espaço que a gente deve disputar, entende? Sem abdicar da cor vermelha que é a cor que diz respeito à ideologia que a gente professa – eu, pelo menos, me afino com o pensamento da esquerda no aspecto da tentativa de corrigir a natureza violenta do homem, por exemplo. [Combater] O egoísmo. [Outro exemplo] A primeira “socializada” quem dá é mãe: “Vai dividir com seu irmão mais novo”.

Nesse momento, eu não pensei em fazer campanha nenhuma. Estou apenas expondo o que eu acho desse momento e exercendo



o meu papel de cidadão que vai para um ato. Uma manifestação é algo que propõe uma ação, que faz um movimento. É como se fosse um teatro onde eu sou chamado a desempenhar o meu papel de cidadão. Nós não estamos de forma alguma impondo alguma coisa para alguém. Estamos apenas expressando, de uma forma absolutamente pacífica, criativa, divertida, segura. Nos dois lugares em que estive em manifestação, achei tranquilo. Todo mundo de máscara. As manifestações são também um espetáculo de teatro. Cada um vai com uma fantasia... Cada um vai com uma expressão. Então, tem um lá com uma tabuleta: “Fora, Salles”. E as pessoas aplaudem aquele ator, que está declamando um texto bacana.

O que eu vi nas manifestações na avenida Presidente Vargas, a partir do monumento do Zumbi de Palmares – aquele lugar é perfeito para começar as manifestações. Na primeira vez, tinha um boneco inflável grande do Lula. Depois, ele sumiu. Até pensei que, talvez, realmente não deva ter um boneco do Lula. E nessa última não teve, mas teve muita criatividade. É isso o que eu queria destacar. Por exemplo, a minha criatividade é zero.

### *Como assim?*

Eu pego aquela bandeira [aponta para a bandeira do Brasil que aparece no fundo da sala da qual está falando], ponho uma camisa vermelha para fazer um contraponto com aquela bandeira e não ser confundido com um militante do Bolsonaro, e vou para a manifestação. Lá, vejo outras pessoas com suas “fantasias”. E elas são incríveis, críticas, dramáticas. Vi muita coisa dramática. A manifestação contém uma certa euforia. Você vai para ter um pouco de euforia, olhar para todo mundo e falar “estamos juntos”. É lindo. Nada mais bonito do que uma manifestação democrática, né?

Vendo como diretor de cena, vai ter uma maioria de bandeiras vermelhas, né? Ninguém tem dúvida disso. Mas quanto mais bandeira vermelha tiver e quanto mais bandeira verde-amarela tiver,

mais vão aparecer ali no meio. E vai ser interessante porque cria um atrito de informação. A gente está pegando a nossa bandeira, caramba. [rindo] Tem que se passar por um certo processo de perder a vergonha para pegar a bandeira do Brasil, eu reconheço. Mas eu sempre fiz questão de carregar a bandeira do Brasil e me vestir de vermelho ou carregar um detalhe vermelho na bandeira brasileira. Também sempre achei importante que ela aparecesse nas campanhas eleitorais. E, não sei, parece inacreditável, mas tem gente que não acha isso legal. Eu acho que não tem nada de errado. É a bandeira do Brasil e o nosso vermelho amarrado nela é um recado que a gente quer dar: “É esse Brasil aqui que a gente quer, para esse lado aqui, para o lado do povo, do esclarecimento”.

*Depois do ato do dia 19, em que a sua iniciativa ganhou amplitude, vimos que pessoas declararam apoio, caso do Pedro Cardoso e outros. Existe contato com a organização dos protestos para tentar fazer disso uma ação que seja parte das manifestações?*

Eu acho que tem que ser do jeito como está sendo, espontaneamente. Acho que quem quer ir com as bandeiras verde-amarelas, legal. O fato de ser pandemia faz com que você seja obrigado a ficar a dois metros do outros. Isso do ponto de vista da cena é muito bom porque você tem fotos aéreas incríveis. Não dá sensação de vazio em lugar nenhum. As pessoas querem ver aquilo cheinho e nós tivemos essa foto que os jornais não aproveitaram. Achei que os jornais bobearam porque é uma imagem bem emblemática com a Catedral [no Rio de Janeiro] atrás. Pô, é sensacional. Nem a *Folha de S.Paulo* nem o *Globo*, os jornais que eu leio, mostraram a foto. Cada um tem que fazer do seu jeito, eu fico até meio constrangido se alguém disser que está com a bandeira do Brasil por minha causa. Sabe? Estava todo mundo pensando nisso. Poxa, a gente tem um carinho por esse símbolo.

Na campanha do Haddad, eu tentei influenciar muito o pessoal que fazia a campanha dizendo que alguém tinha que andar com essa

bandeira. Agora, nesse encontro do Lula com os artistas, eu levei a bandeira. Cheguei lá, a mesa formada, começaram a discursar, eu olhei e não tinha nada lá atrás. Era um fundo frio, sem cor. Aí peguei a bandeira, falei “me desculpem” e o [Ricardo] Stuckert, que é fotógrafo, me ajudou. Arrumou uma fita crepe, colamos a bandeira e ficou muito mais legal. O Lula em todas as fotos desse evento apareceu com a bandeira do Brasil, que é o símbolo dele e do brasileiro. E não tem nenhum tipo de mensagem negativa nesse símbolo. Eu coloco um pouquinho de vermelho. Aquela bandeira tinha. Sempre coloco. Talvez colocar a palavra “Amor” – Ordem e Progresso –, conforme o Jards Macalé apregoa, que seria o correto do ponto de vista do positivismo, né? Parece que a frase completa é essa: Amor, Ordem e Progresso.

*Como foi a emoção de voltar a um protesto depois de tanto tempo de isolamento?*

Foi a mesma emoção de fazer uma apresentação teatral. Saí de casa com a bandeira, estudei a camisa, o melhor tênis para caminhar, se a bandeira estava direitinho. Senti falta dos paninhos vermelhos [na bandeira do Brasil], mas pensei “lá eu encontro”. E tinha um senhor lá vendendo, comprei e amarrei. E você vê todos chegando ao mesmo tempo, é muito forte, muito bonito. Isso quando pega... Agora, já tem outra no sábado [dia 26] e eu irei. Já sabemos que é uma menorzinha, só para o pessoal de 1968. Em comemoração à Passeata dos 100 mil.

*Por que esse é um momento tão fundamental para o Brasil em que as pessoas precisam se mobilizar e se posicionar?*

Porque você está diante da morte. Nós estamos diante da morte. As pessoas estão morrendo. Não tem nada mais grave e mais definitivo do que isso. Na medida em que as pessoas sentiram que dava para sair, embora tenha um risco nisso e, claro, muita gente já está vacinada e todo mundo já está mais ou menos treinado... Então, é o

seguinte, se a gente não reagir diante da morte, para que existimos? Por que estamos vivos? Nós estamos com a convicção de que as coisas estão sendo feitas de maneira errada, senão a gente iria ficar em casa numa boa só batendo palma, mas não é assim que está acontecendo. Estamos vendo. Na CPI, em todos os lugares. A gente já sabia, mas acho que ninguém talvez ousasse pensar que fosse ser tão violento, tão desagregador, tão destrutivo quanto está sendo. Gente [fala estarrecido]: 500 mil mortos. Todas as perspectivas de pesquisas dizem que podia ser um quarto disso. Podiam ser 175 mil mortos, em vez de 500 mil. Estaria mais próximo da média de mortes no mundo. E agora, com coisas comprovadas sobre a compra da vacina indiana [Covaxin], com preço dez vezes maior do que o preço da que [o governo] se negou a fazer, em circunstâncias absolutamente mais inseguras do que a outra compra seria feita...

Eu me vi acreditando na quarentena, podendo fazer a quarentena como privilegiado que eu sou. Sou ator, tenho emprego, estou escalado numa novela. Agora, enquanto estou aqui, o que faço? Milito. O meu negócio é militância. É o dia inteiro, desde que eu acordo até a hora de dormir eu procuro participar [de debates], dissipando dúvidas, tentando colocar propostas, tentando falar sobre assuntos diversos. Faço isso em *lives*, em aulas para escolas de segundo grau do interior da Bahia, de Pernambuco... É assim. Militância e atuação, sem parar. Tento utilizar meu Instagram e tenho projetos para fazer com que as pessoas se lembrem em quem elas votaram. Porque o Rio de Janeiro não elegeu o excepcional deputado Chico Alencar (PSOL) que agora está na Câmara dos Vereadores. E elegeu Flávio Bolsonaro e elegeu Arolde de Oliveira, que Deus o tenha... O Lindbergh [Farias] também não foi eleito pelo Rio. Aliás, o Lindbergh gostou da ideia da bandeira no encontro com o Lula.

*O Brasil está vivendo sob o governo Bolsonaro um período muito tenebroso para a cultura. Você é alguém que cria cultura, faz com que ela resista e exista. Como é ver todo o crescimento do setor nas*

*últimas décadas e depois assistir essa avalanche que vem no sentido contrário, tentando destruir tudo?*

É... é isso o que nós temos. Então, temos que mudar isso. Temos que lutar para mudar isso, para nos defender dos ataques e tentar ver tudo o que nós teremos que reconstruir. E vamos reconstruir. Vamos sobreviver à pandemia, vamos sobreviver a esse apagão mental que deu no Brasil num determinado momento, numa determinada circunstância que, eu considero, que um dos pesos mais pesados que tem que se levar em consideração foi uma força sobrenatural. O imponderável, o acidente fatal que foi quando o Bolsonaro foi esfaqueado pelo – não me lembro o nome...

*Adélio Bispo de Oliveira.*

Pelo Adélio, que foi o executor de uma conspiração da sua própria mente. Isso deu um choque dramático, trágico, de tragédia grega porque o Bolsonaro estava nos braços daquele povo, com os dizeres [na camiseta] de que se submete às leis de Deus... porque eles têm a coragem de também usurpar Deus. Até por esse discurso, acho importante que falemos sobre Deus e religião. Pedi ao Frei Betto um texto, coloquei no meu Instagram, em que ele fala que Deus não é de nenhum partido. Tem que pregar isso, é bonito.

*Como você vê as perspectivas para o Brasil daqui para o pós-Bolsonaro?*

Acho que é preciso ter uma habilidade na condução do processo político porque temos, praticamente, uma espada sobre nossas cabeças. Como diz o Veríssimo, “nós temos a razão, mas eles têm as armas”. Todo mundo sabe o que está sendo planejado, toscamente, mas eficaz. A dúvida sobre as urnas vai para o Congresso, vai provocar um burburinho e pode até ganhar [o voto impresso]. O cara [Bolsonaro] já lançou uma dúvida muito violenta sobre o pleito. É preciso ficar atento aos desdobramentos. Olhando a entrevista do general

Mourão, é difícil saber qual vai ser a posição das Forças Armadas. E tem um caldeirão com milícias e PMs, algo que nem sei se o Exército pode segurar. Hoje, por exemplo, li o artigo do Elio Gaspari no *O Globo*. Ele é um *expert* na questão militar. O título da coluna dele mencionava o Tasso Jereissati dizendo que “temos que trincar os dentes”. Essa é a minha resposta também para enfrentar o que vem aí. Não sei se estou sendo alarmista, mas tenho lido essas análises e sei lá, temos que torcer para que o Exército fique com a legalidade.

Espero que tudo isso não ocorra e que nossas manifestações provoquem a consciência de todos. Se for possível que saia logo esse afastamento [do Bolsonaro], se não for, que a gente desgaste o máximo possível o Bolsonaro para que em 2022 isso possa convergir com uma recuperação do poder para forças mais legítimas e mais contemporâneas porque houve retrocesso demais.



## Frei Betto

*Por Pedro Camarão e  
Alberto Cantalice*

**F**rei Betto não se deixa abater pela política destruidora do governo Jair Bolsonaro e, também, não se abala com a postura desprezível que o presidente tem. O período em que BolsoNero, como ele diz, está na Presidência da República é considerado como uma entre outras “pequenas derrotas” que necessitam de muita luta política para serem superadas.

Frade dominicano, jornalista e escritor, autor de 69 livros, Carlos Alberto Libânio Christo é um militante incansável. Diante da profunda tensão social gerada pela divisão política no Brasil, Frei Betto se disfarça de “bolsominion arrependido” para conseguir dialogar com quem votou em Bolsonaro. Esse espírito que parece inabalável, se deve a um axioma que carrega como lema para a vida: “Vamos guardar o pessimismo para dias melhores”.

O derretimento da popularidade de Bolsonaro é sinal da possibilidade de novos tempos, mas Betto alerta que a esquerda não pode se iludir. A decepção de parcelas da sociedade com o atual presidente se deve à condução política desastrosa, mas não significa alteração na forma como esses grupos enxergam a realidade e o país.

Assim, a nova ascensão do ex-presidente Lula é resultado da referência que está na memória popular sobre o período em que ele

governou. Ele afirma que, para o povo, “a saída é Lula”. E entende que os protestos contra Bolsonaro são fundamentais para o momento que o Brasil atravessa e chama atenção para a importância de retomar o trabalho de base e o diálogo com grupos que se afastaram.

Isso é considerado fundamental para Betto porque é a única maneira para que governos progressistas e populares possam ter o que ele chama de “efetivo poder”. Ao analisar o cenário político na América Latina, ele aponta sobre o período em que líderes populares estiveram a frente da maior parte dos países latino-americanos, que a falta de capilaridade acabou permitindo o surgimento de figuras neofascistas de extrema direita. A volta ao poder tem em si o desafio político de fazer algumas coisas de maneira diferente.

Nesta entrevista à *Focus Brasil*, Betto ainda relembra conversas com Fidel Castro, o trabalho realizado em Cuba e o que precisa ser feito para que a esquerda se esquive do discurso maniqueísta inventado por igrejas evangélicas neopentecostais. Algo que ele considera fundamental para acessar grupos religiosos.

*Focus Brasil – O Brasil vem de um período muito conturbado, de muita tensão em função da conjuntura. Tivemos um período de muito ódio ao PT, Lula e à esquerda. E, de repente, pesquisas de opinião mostram uma rejeição crescente contra Bolsonaro, um representante de tradições brasileiras como o patrimonialismo, o machismo, a misoginia, o preconceito. A parcela que apoiava o Bolsonaro até outro dia está acordando para essas questões ou trata-se apenas de um descolamento momentâneo, de uma desilusão com essa figura, mas sem mudança alguma de valores, de forma de pensar ou enxergar a realidade?*

**Frei Betto** – Considero que o povo brasileiro, como nação integrada no sistema capitalista, é conservador e tende à direita. O fato desse povo ter votado em Bolsonaro não me surpreende. O que me surpreende é o fato desse povo ter votado quatro vezes em candidatos



do PT. Isso, sim, é surpreendente e explicável por toda uma história de 40 anos que precede a chegada de Lula à Presidência, em 2003. É um povo sofrido. Muito sofrido por causa da brutal desigualdade econômica. O índice de miséria é gritante. Hoje são 19 milhões de brasileiros oficialmente em situação de fome. Não é nem de insegurança alimentar. É de fome. São 105 milhões de brasileiros que ganham menos de um salário mínimo! Então, tudo isso leva as pessoas a procurarem uma saída. Hoje, a saída é Lula, na esperança do povo, segundo as pesquisas. Isso não significa que esse povo se tornou consciente, nem que se tornou crítico ao BolsoNero, como costume chamá-lo – porque Nero, ao incendiar Roma, ficou tocando lira nas arcadas do palácio, exatamente como faz esse cidadão aí.

Acontece que esse povo esperava uma melhoria de vida que não veio, e não virá. A situação só se agrava, a política econômica é absolutamente desastrosa. Então, as pessoas querem sair do sufoco. Elas podem não ter senso crítico, mas têm memória de que, durante os governos do PT, a situação era melhor. Você ia à feira com 20 reais e voltava com a sacola cheia. Hoje, isso é impossível. O salário mínimo era corrigido anualmente acima da inflação. Enfim, havia uma série de direitos sociais assegurados, o que não acontece agora. Então, creio que essas pessoas não estão, propriamente, adquirindo consciência crítica. Querem é sair do sufoco.

Atribuo essa não consciência crítica à esquerda, na qual me incluo. Nós nos afastamos do trabalho de base. Na medida em que alçamos instâncias de governos – municipal, estadual e federal – fomos nos afastando desse trabalho corpo a corpo que fazíamos nos anos 1970, 80 e 90, através das Comunidades Eclesiais de Base, do sindicalismo, das ONGs, dos núcleos do PT espalhados por todos os rincões do Brasil, de movimentos populares como o MST. Fomos nos afastando.

O MST ainda permanece junto às bases populares. Também o MTST permanece mais organicamente vinculado aos setores mais

pobres da população. Mas nós, militantes de esquerda, fomos nos afastando, até por necessidade de quadros nas administrações públicas. Esse afastamento abriu um vácuo ocupado, progressivamente, pelas igrejas evangélicas fundamentalistas, pelo narcotráfico e pelas milícias. Então, creio que, agora, qualquer projeto de governo tem que incluir, necessariamente, um retorno ao trabalho de base. Porque não vamos libertar o Brasil se o povo não o fizer. Quer dizer, o protagonista tem que ser desse povo organizado e mobilizado.

*Enquanto o Bolsonaro vai derretendo, o ex-presidente Lula surge como franco favorito para voltar à Presidência. Existe a questão da memória que você já mencionou, mas gostaria de saber, especificamente, a sua leitura sobre essa ascensão do Lula depois de tudo o que enfrentou, acusado de corrupção, vítima de uma campanha difamatória pesada por anos, 580 dias preso... Lula parece que atravessa grupos sociais, barreiras entre esses grupos.*

Somos uma nação que carece de referências de lideranças. Temos muitas lideranças históricas, mas que, infelizmente, não estão na memória popular. A única grande referência, hoje, na memória popular, é o Lula. Não há outra grande referência. Poderia citar outros, como Francisco Julião, Marighella, Lamarca, Tiradentes etc. Mas nada disso está na memória do nosso povo. Essas figuras históricas se apagaram por força de uma cultura neoliberal que – como age atualmente a Fundação [Cultural] Palmares –, procura cada vez mais “clandestinizar” essa memória nacional que poderia impulsionar o povo a assumir o seu protagonismo histórico. Mas o Lula se manteve no noticiário, até mesmo pela narrativa negativa contra ele. Ou seja, de qualquer maneira, ele é uma referência, a favor ou contra, mas o nome dele nunca saiu do noticiário.

Na medida em que a Lava Jato desmoronou, as pessoas viram que não dava mais para confiar naquela narrativa. Essa narrativa favoreceu muito a eleição do Bolsonaro, porque se há algo que pega muito

nas camadas mais sofridas da população é a questão moral. Não é só o moralismo. O pobre brasileiro é hegemonicamente moral, ético. Aquela coisa do lixeiro que, no lixão de Vitória, encontrou dinheiro num saco de lixo e devolveu ao banco. Ou o caso do taxista de Brasília que encontrou 20 mil dólares no banco traseiro do seu carro e devolveu ao sujeito que tinha vindo do exterior fazer uma cirurgia.

O discurso moralista toca muito a população brasileira. Mas na medida em que se comprovou que toda a acusação ao Lula e ao PT era uma grande armação, esse povo, decepcionado, hoje se volta de novo para o Lula, e isso o fortalece. Agora, é preciso transformar esse retorno, esse apoio, em algo consistente. E isso significa fazer um trabalho político. Eis o desafio que temos pela frente.

*Você não vê esse Golpe de 2016, que derrubou a Dilma, interditou o Lula e que quis garrotear o PT, como uma conspiração que transcende o território nacional?*

Sem dúvida alguma. A entrevista recente do Guido Mantega é muito esclarecedora, porque ele aponta que o processo de sabotagem ao governo da Dilma se inicia, justamente, no momento em que os bancos públicos desafiam a concorrência com os bancos privados, por liberar créditos mais facilitados e uma série de outras medidas tomadas que reduziram o exorbitante lucro dos bancos privados. E aí, evidentemente, entrou a sabotagem da elite brasileira associada ao capital internacional. Sem dúvida alguma. A Casa Branca não tem o menor interesse que, na América Latina, haja governos favoráveis à Venezuela, favoráveis à Cuba, próximos da China. A geoestratégia deles é, justamente, desmobilizar esses governos, sabotá-los. Hoje, através de golpes brancos, não mais de golpes armados cometidos até os anos 1970. A estratégia agora é outra. E, através desses golpes brancos, afastar qualquer um que não venha a favorecer a total hegemonia da Casa Branca no mundo, especialmente na América Latina, que eles sempre olharam como seu quintal.

Vale a conhecida piada: “Por que nunca teve golpe nos EUA? Porque lá não tem embaixada americana”. Se bem que quase o [Donald] Trump consegue. Teve vontade, não precisou de embaixada americana. A própria Casa Branca tentou forjar ali um golpe. Mas o fato é esse. Creio que houve uma orquestração internacional [no golpe contra o Brasil]. Só que, hoje, essa elite mundial está dividida frente ao Brasil. De um lado, porque um setor dela não quer colocar capital em nosso país, sente grande insegurança política e econômica, tem medo de perder o seu dinheiro. E, de outro lado, esse setor também é sensibilizado pela questão ambiental. A questão ambiental ganha hoje muita força, e isso leva a um afastamento crítico do Brasil, por causa do desmatamento, dos incêndios criminosos, do contrabando de madeira, enfim, todo o desmantelamento da questão ambiental que temos visto nesse governo. Tudo isso obriga a elite nacional e internacional – não desassocie as duas, pois estão intimamente ligadas –, a buscarem o que a mídia chama de terceira via. Quer dizer, prefeririam encontrar um candidato que não fosse nem Bolsonaro nem Lula. É muito difícil, em tão pouco tempo, se construir esse candidato. Claro que pode acontecer, como em 2018. Pode aparecer um arrivista, um avatar, alguém com grande prestígio midiático. Pode acontecer, não descarto essa possibilidade. Mas, visto de hoje, não há alternativa senão o entendimento com o processo que indica a terceira eleição de Lula.

*E os protestos que estão sendo convocados contra o Bolsonaro? É o momento de ocupar as ruas?*

Estive nos dois. E estarei no terceiro. Escrevi um texto sobre isso: “Todos às ruas”. Considero fundamental nossa mobilização. Nós, da esquerda, não soubemos trabalhar os protestos de 2013. Ficamos perplexos quando ocorreram e, lamentavelmente, eles foram capitalizados pela direita, e não pela esquerda. Hoje, esses protestos exigem também duas atitudes nossas. Primeiro, saber como canali-

zã-los para uma organização política mais consistente. Ou seja, não basta apenas o protesto, é preciso ter propostas. Tenho enfatizado isso. E essas propostas ainda não surgiram nessas mobilizações. E isso é de fundamental importância, porque toda vez que encontramos uma manifestação “contra”, ela pode ser arrebatada facilmente por um oportunista, por um avatar. O segundo fator – e já chamei a atenção do [Guilherme] Boulos –, no fim da última manifestação em São Paulo, um pequeno grupo de mascarados quebrou uma agência bancária. A única maneira de a direita tentar desmobilizar as nossas manifestações é, justamente, convocar seus arruaceiros para criar um temor de que participar de protestos é correr o risco de ser apedrejado, ferido ou levar um tiro.

Vai ser preciso uma atuação muito rigorosa daqueles que organizam a manifestação para evitar essas infiltrações de direita. Repare que, sempre que ocorrem, são filmadas pela mídia, mas curiosamente a polícia não toma ciência delas, ignora. E quando está presente protege, não interfere. A gente nunca vê esses arruaceiros sendo presos, punidos. Creio que é muito importante ficarmos alertas. Eles vão tentar tirar o caráter pacífico das manifestações e imprimir um carimbo de atuação violenta, e essa atuação violenta, realmente, espanta muitos setores da população e pode enfraquecer as manifestações. Precisamos criar uma rede de proteção e, ao mesmo tempo, de antídoto a essa possível tentativa de transformar o protesto em violência e quebradeira.

*Falando um pouco sobre América Latina, vimos que a direita chegou ao poder em alguns dos países latino-americanos, mas agora a esquerda e a centro-esquerda estão voltando. E observamos em muitos desses países levantes populares muito contundentes. Gostaria que você comentasse sobre esse quadro político na América Latina.*

Nas últimas décadas, podemos tipificar quatro grandes ciclos de políticas de governos latino-americanos. O primeiro, foi o das dita-

duras militares e elas fracassaram, não só do ponto de vista de não perdurarem, mas fracassaram do ponto de vista econômico, social, de prestígio. Tivemos o segundo ciclo, a emergência das candidaturas presidenciais de corte messiânico-neoliberal: Alberto Fujimori, no Peru; [Rafael] Caldera, na Venezuela; García Meza, na Bolívia; Carlos Menem, na Argentina; Fernando Collor, no Brasil etc. E esse tipo de política também fracassou. Todos esses candidatos foram acusados de corrupção, estão presos, como o Fujimori, ou tiveram que renunciar antes de serem depostos, como o Collor. Enfim, um fracasso total. Aí vem o terceiro ciclo, o dos governos progressistas: Hugo Chávez, Lula, Pepe Mujica, Evo Morales, o casal Kirchner, Rafael Correa, Mauricio Funes, em El Salvador etc. Tudo isso mostrou que, decepcionados com aquela política messiânica-neoliberal, que só favorecia um pequeno setor da elite, o povo então decidiu votar em candidatos progressistas de raízes populares.

Esses governos não conseguiram se transformar em efetivo poder. Estivemos no governo, mas não tínhamos o poder em mãos. Não soubemos aproveitar o período de governo para criar uma grande capilaridade de organização popular. Isso foi feito em alguns países, como na Venezuela, mas nos demais os nossos governos democráticos populares, progressistas, não lograram organizar os setores populares dentro de uma consciência crítica, de uma mobilização permanente, reforçando os movimentos populares, os movimentos identitários, os sindicatos, as ONGs progressistas. Isso é algo que ficamos devendo. Isso abriu a possibilidade do surgimento de candidatos neofascistas e de golpes de Estado, como os golpes na Dilma e no Evo Morales, as tentativas de golpe na Venezuela, a sequência de presidentes derrubados no Peru, as manifestações no Chile e na Colômbia. Ou seja, hoje há uma enorme insatisfação com esses avatares que surgiram depois dos governos progressistas prometendo fazer um governo melhor do que aquele que o antecedeu. E isso levou a uma grande decepção.

Então, esse é o momento, sim, de uma volta dos governos progressistas e populares. Tudo sinaliza nessa direção. É o caso do prestígio do Lula nas atuais pesquisas, o candidato da esquerda vencendo no Peru, o candidato do Partido Comunista, no Chile, como preferencial nas futuras eleições, tudo isso sinaliza a volta dos governos progressistas, mas não vamos no iludir. Ou seja, ao voltar temos que assumir outra plataforma de governo. Não podemos repetir a mesma receita adotada no passado. Algumas, sim, como reforçar as políticas sociais, o salário dos trabalhadores, manter a inflação a nível bem baixo – existe uma série de medidas que merecem ser repetidas. Mas o trabalho político precisa ser feito. Não podemos apenas pensar no benefício econômico, temos que pensar na organização e na mobilização políticas. Isso é fundamental para se ter uma nação realmente organizada em função do projeto de uma sociedade melhor.

*Num debate recente que realizamos na Fundação Perseu Abramo sobre socialismo, nas suas considerações, você declarou que se considera um cristão-marxista. Existe essa lógica de guerra cultural em que tentam colocar a esquerda brasileira como anticristã. Como você acha que a gente pode e deve sair dessa armadilha da turma neopentecostal que parece ter leitura errada do Cristianismo?*

Não podemos permitir que determinados valores simbólicos para o povo brasileiro sejam apropriados pela direita. Cito um exemplo: insisto que, nas nossas manifestações, usemos a bandeira do Brasil. Não podemos permitir que os símbolos pátrios, tão arraigados no inconsciente coletivo, fiquem apropriados pela direita. Isso vale para outro valor inestimável para o nosso povo, a religião. A lógica mais elementar de uma empregada doméstica, um morador de rua, um sem-terra, um sem-teto, quando você pergunta o que pensam da vida, do mundo, do destino, seguramente darão uma resposta tecida em categorias religiosas. Temos que, não só respeitar essa

esfera, como nos aproximar dos setores progressistas e esclarecidos que existem em todos os segmentos religiosos. Possivelmente, nos últimos anos, temos abandonado esse diálogo.

No caso da Igreja Católica se explica por que houve um refluxo das Comunidades Eclesiais de Base. Porque atravessamos 34 anos de pontificados conservadores: João Paulo II e Bento XVI. Agora, com o papa Francisco, há uma revitalização dessas pastorais populares. Mas, de qualquer forma, as forças políticas precisam voltar ao diálogo permanente com os segmentos religiosos. É a pergunta que fiz para Fidel, em 1980. Eu estava com o Lula no 1º aniversário da Revolução Sandinista, e passamos uma madrugada inteira na casa do vice-presidente da Nicarágua, Sergio Ramirez, conversando com Fidel. E lá pelas tantas perguntei a ele: “Comandante, como é a relação da Revolução Cubana com a Igreja Católica?” Eu sabia qual era a relação, mas queria ouvir da boca dele. E falei: “Antes que o senhor responda, digo que há três hipóteses: a primeira, a Revolução persegue a Igreja Católica. Se é assim, ela presta um bom serviço ao imperialismo, à política dos EUA. A segunda, a Revolução é indiferente à Igreja Católica. Se é assim, ela transforma a Igreja Católica em antessala de saída de Cuba daqueles que querem dar as costas à Revolução. E a terceira, a Igreja Católica é reconhecida pela Revolução como um dos entes políticos da sociedade cubana e com quem é preciso manter um diálogo permanente”. Fidel admitiu: “Você tem razão, reconheço o nosso equívoco. Temos que voltar a dialogar”. Daí se iniciou o meu trabalho em Cuba de, justamente, fazer essa ponte de retomada do diálogo entre Igreja Católica e Revolução. Dediquei-me a isso 10 anos, de 1981 a 1991.

Há pastores, padres, imãs, rabinos, umbandistas, pais e mães de santo, absolutamente progressistas. Mas muitas vezes não encontram canais de diálogo com os setores de esquerda. Precisamos manter esses vínculos, é muito importante. Não só em épocas eleitorais. Eles precisam ser integrados mais amplamente, não no partido, integrados dentro dessa grande corrente progressista que abarca



partidos, sindicatos, ONGs, movimentos identitários e também movimentos religiosos, porque a religiosidade tem sido muito inteligente e demoniacamente utilizada pelo imperialismo. Vemos aí todo o fenômeno do neopentecostalismo fundamentalista, das igrejas eletrônicas, todo o processo de submissão do nosso povo mais pobre trocando a liberdade pela segurança. Essa troca se faz através do discurso ou sermão, que muitos padres e pastores fazem, no sentido de que você precisa abdicar da sua liberdade de consciência para aceitar a palavra da autoridade como palavra de Deus. Assim, muitos se submetem, principalmente porque esses pastores e padres pregam mais o inferno do que o céu. Ou seja, incutem o medo como forma de levar as pessoas a trocarem a liberdade pela segurança. E segurança é sempre o outro que pode me dar. A liberdade eu posso exercer, ela é minha. Mas segurança sempre é garantida pelo outro e, nesse caso, o outro é o BolsoNero, é o fascista, a milícia, o pastor ou o padre que dirige a minha consciência.

Logo após a eleição do Bolsonaro, adotei uma tática em alguns setores populares quando, por exemplo, ia comprar alguma coisa num mercadinho ou entrava num táxi. Em vez de advogar que o eleitor de BosoNero deveria ter votado no Haddad, eu dizia: “Estou profundamente arrependido de ter votado no Bolsonaro”. E começava a dar as razões. O gerente do mercadinho ou o taxista inevitavelmente dizia: “E, eu também votei nele”. Mas aí se abria para o diálogo, porque não estava dialogando com um petista fanático, alguém que ele dissesse: “Esse aí é do diabo”... Não. Estava dialogando com alguém que cometeu o mesmo erro que ele cometeu. Ou, às vezes, ainda não estava convencido do erro [até aquele momento]. Até hoje adoto essa tática, que funciona muito bem. Isso cria uma insegurança no raciocínio daquele “bolsominion”, que até então estava convencido e, agora, já começa a ter o “pé atrás”. Portanto, precisamos voltar ao diálogo com segmentos religiosos, devido à importância política que sempre tiveram.

Lembro-me do debate do [Karl] Marx com o [Mikhail] Bakunin. Bakunin atacou a Internacional Comunista por negar o ateísmo. E Marx não quis que a Internacional mantivesse vínculos com o grupo de Bakunin por que este “decretava o ateísmo como dogma para seus membros” [Carta de Marx a Bolte 23/11/1871, in Marx, Engels Werke, v. 33, p. 329 e 402].

Marx nunca pregou o ateísmo no movimento comunista. Isso é coisa do Lênin e outras influências. Em outras palavras, o Marx diz sobre Bakunin: “Não vamos entrar nesse fundamentalismo”. O Partido Comunista Brasileiro – me lembro dos diálogos, na prisão, com Diógenes Arruda Câmara, que foi dirigente e, por muitos anos, do Birô Político –, nos quais ele me dava razão quando eu criticava o partido por exigir que todo militante, ao ingressar, assinasse uma ficha e se declarasse ateu. Eu dizia que isso era de uma burrice estonteante. Como, num país tão religioso como Brasil, exigir que alguém, primeiro, abdique da sua fé para, depois, assumir uma militância política? Principalmente se se trata de uma pessoa do meio popular. Ora, se ela está assumindo a sua militância política, tomara que a sua fé seja impulsionadora dessa militância.

Mesmo no movimento comunista, nos anos 1980, em Cuba, muitos comunistas jamais tinham ouvido falar do livro do Engels O Cristianismo Primitivo, que louva os primeiros cristãos como pioneiros do comunismo, e como eles atuaram para derrubar o Império Romano. Na esquerda, muitas vezes, por causa da influência neopositivista que vem do movimento comunista europeu, há uma atitude antirreligiosa que só favorece a direita. Não estou pedindo que ninguém seja religioso, mas ser antirreligioso, num contexto de América Latina hoje é, indiretamente, fazer o jogo da direita.

*Você vem de uma longa luta política no Brasil, passou pelo período tenebroso da ditadura, veio a abertura, parecia que tudo estava indo muito bem, mas agora vivemos um milhão de retrocessos simultaneamente. Até recentemente, você, no Twitter, chamou a*

*atenção para o aumento da concentração de riqueza no Brasil. Fora isso, o Brasil volta ao Mapa da Fome, o número de pobres e miseráveis se multiplica a cada dia. Qual é a sensação de ver tantos retrocessos?*

Tenho um axioma que rege meus passos: “Vamos guardar o pessimismo para dias melhores”. Ou seja, me recuso a abdicar da esperança, da utopia. Os quatro anos de prisão, e a militância que antecedeu esse período, me ensinaram a olhar a história como permanente conflitividade. Creio que o importante, ainda que eu não vá participar da colheita, é morrer como semente. Portanto, realmente não me deixo abater, que é o que eles querem. Não somatizo essas pequenas derrotas, como a eleição do BolsoNero. Não me permito abater, não vou deixar de fazer o meu trabalho de base, de escrever as coisas que escrevo, de falar o que falo por causa disso. O pior é quando a gente começa a introjetar a autocensura, o medo, enfim, e achar que não é o momento, não é oportuno. Se todo mundo agir assim, realmente, eles vão passar o trator por cima. Por isso, é muito importante a gente não se desalentar e nem semear esse desalento aos demais. É preciso sempre manter viva a esperança.

O primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, fala de Abraão, “esperava contra toda esperança”. Este é um versículo bíblico. E Dom Helder Camara sempre falava: “Precisamos, cada vez mais, suscitar minorias abraâmicas”. Ou seja, aqueles que esperam contra toda esperança. E é a minha postura. Faço parte dessa minoria abraâmica que acredita, sim, que a história inevitavelmente caminha para uma sociedade socialista, até por razões aritméticas. O planeta não tem futuro se não houver partilha dos bens da natureza e da produção humana. Fora disso, vamos para a barbárie total, agora agravada pela questão ambiental, que não faz distinção entre ricos, classe média e pobres. Outra bandeira, que a esquerda cometeu o erro de chegar tarde nela, é a questão ecológica. Recordo do Chico Mendes até ridicularizado em setores da esquerda como alguém de um idealismo que não ti-

nha pés na terra, e hoje a gente faz a autocrítica e reconhece como ele foi um ousado pioneiro heroico dessa bandeira.

É muito mais fácil conscientizar uma criança pela questão ambiental do que pela questão explicitamente política. Por aí se pode começar um trabalho pedagógico muito importante. É preciso falar a linguagem que as pessoas falam, que as pessoas entendem. Não podemos chegar numa comunidade popular com o Manifesto Comunista. Temos que chegar com a Bíblia ou com perguntas sobre a situação que a dona Maria e o seu João ali vivem, as dificuldades que passam, a questão do desemprego, do salário, do saneamento. Em educação popular a gente trabalha com duas ferramentas, pela ordem: saca-rolhas e chave de fenda. Primeiro, escutar o povo, deixar que o povo explicita suas dificuldades, seu sofrimento, os limites da sua sobrevivência. E, a partir daí, apertar, os eixos, porque essa narrativa do sofrimento leva à consciência crítica se soubermos usar também a chave de fenda. É muito importante voltarmos a esse trabalho de base.



## Chico Díaz

Por Olímpio Cruz Neto<sup>1</sup>

Um dos mais prolíficos atores de sua geração, com mais de 40 anos de carreira – e 80 filmes no currículo – Chico Díaz tem um sorriso cativante e, embora se diga pessimista, seus olhos brilham ao falar do Brasil, dos novos projetos e das lutas que a sociedade brasileira tem pela frente para a reconstrução nacional.

“A gente teve um retrocesso que vai ser muito mais do que dez anos para refazer tudo. Vão ser 40 ou 50 anos – isso com uma política progressista e social que se mantenha numa perspectiva civilizatória. Hoje, a perspectiva que há é predatória. Interessa a muitos que isso aqui, o Brasil, vire um fim de mundo”, lamenta.

O ator se divide entre Lisboa e Rio de Janeiro e, mesmo durante a pandemia, trabalha de forma apaixonada em seu ofício, dividindo-se em inúmeros projetos. Em junho, foi homenageado com uma mostra de alguns filmes em que atuou nas últimas décadas durante o CineOP – a Mostra de Cinema de Ouro Preto –, que exibiu *A cor do seu destino* (1986), de Jorge Durán; *Corisco e Dadá* (1996), de

---

<sup>1</sup> Foi secretário de imprensa da Presidência da República no governo Dilma Rousseff (PT). Jornalista, escritor e ilustrador, atuou também como repórter de política e economia nos jornais Folha de S.Paulo, O Globo, Zero Hora e Correio Braziliense.

Rosemberg Cariry; *Os matadores* (1997), de Beto Brant; e *Amarelo Manga* (2002), de Cláudio Assis.

Recentemente, apresentou o monólogo *A lua vem da Ásia*, adaptação para o teatro do romance homônimo de Walter Campos de Carvalho, obra surrealista, iconoclasta e de humor ácido, no Festival de Almada, em Portugal. Os filmes *O ano da morte de Ricardo Reis* – baseado no livro homônimo de José Saramago, com direção do cineasta português João Botelho – está circulando pelo mundo, assim como *Homem onça*, de Vinícius Reis.

Aos 62 anos, cheio de ideias e energia, prolífico e multitalentoso – é ator, diretor, produtor e artista plástico – Chico se mostra preocupado com os rumos do país e se diz pessimista quanto à conjuntura política. Embora diga que reconheça no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva as qualidades do chefe de Estado capaz de colar os cacos do país, não se ilude quanto à dureza da disputa política que se aproxima em 2022.

“Tenho uma fé enorme no Luiz Inácio [Lula da Silva], como ser aglutinador e ser redentor. Eu sei que é um pouco complicado ver essa figura messiânica, como salvador, numa pessoa”, diz. “Mas ele é a pessoa que poderá orquestrar mudanças que serão lentas e graduais, mas que precisam ser feitas nessa devastação completa que foi feita no país”.

Fã de Dilma – “sou apaixonado e vidrado por ela –, Chico acha que há uma trama sendo urdida para não deixar que um projeto popular liderado por Lula volte ao poder. “Veja, eles planejaram, mapearam, monitoraram, usaram todas as forças, foram cínicos porque não usaram armas, e deram um golpe jurídico e parlamentar. Nós estamos diante de gente muito preparada, gente muito selvagem e muito violenta”, aponta.

“Eu acho muito difícil eles, como gostam de poder e gostam de exclusão, abrirem mão. Então, acho que 2022 vai ser um ano muito violento. Em todos os sentidos. Espero que não. Não falo

apenas a violência física, mas a violência de métodos, a violência das mentiras”. A seguir, os principais trechos da entrevista concedida à *Focus Brasil*.

**Focus Brasil** – *Durante a pandemia, você parece que intensificou o teu trabalho artístico, com mil projetos. Como você conseguiu fazer isso em meio a essa crise?*

**Chico Díaz** – São essas coisas que não sei explicar. São ventos inexplicáveis que me levam. E um pouco de coragem, de risco, mas também muitas bênçãos convergindo. Eu me lembro que, no começo da pandemia, no ano passado, eu estava confinado no Rio de Janeiro e eu consegui uma residência em Portugal. E eu fiz *O ano da morte de Ricardo Reis* – lançado em outubro [de 2020]. Aí depois eu fiz *A lua vem da Ásia*, um monólogo, e resolvi fazê-lo em Cabo Verde, no meio do Atlântico, num festival de teatro que tem lá do filho do João Branco, que se chama também João Branco, um famoso trovador português. E pensei: isso vai ser um grito utópico libertário. Afinal, fazer esse trabalho do Campos de Carvalho em pleno Oceano Atlântico, na convergência lusófona... E neste ano eu voltei para o Brasil por uma questão de saúde na família. Mas aí também veio o Festival de Almada (Portugal). E também fiz filmes, como *O Homem Onça*.

*Todo este teu trabalho recente tem a ver com o momento que a gente está vivendo. Isso é consciente? Essa busca em fazer da arte um momento de reflexão sobre a existência, a vida e a realidade política?*

Eu não saberia dizer se é intencional. Na minha vida, meus personagens todos se calcaram na preocupação de representar os meus semelhantes, nas diversas instâncias geográficas desse Brasil que é enorme. Na inauguração da homenagem que recebi no CineOP [Mostra de Cinema de Ouro Preto], falávamos sobre a trajetória, sempre inserida numa questão histórica e como é que aquele personagem reage, interpreta e como é que se vivencia. Para mim é um superprazer e um pri-

vilégio estar atento nas diversas personagens que fiz. Então, tem uma convergência. E a homenagem à minha carreira de quatro décadas me deixa feliz. Ainda mais que, na mesma semana, o presidente Lula fez uma citação ao *Homem Onça*. E Almada... Tudo na mesma semana.

*É o reconhecimento.*

Foi um fluxo muito favorável, mas também coloca numa visibilidade que, às vezes, é um pouco perigosa e nem eu sei lidar muito com isso. Essa questão de projeção, de visibilidade, de exposição internacional e mais o presidente... Isso cria uma certa celeuma muito perigosa e eu espero que isso decante e as coisas voltem para o lugar. Mas isso que você apontou, eu acho que o perfil do intérprete e, conseqüentemente, das oportunidades, desde sempre – com essa minha cara, né? – Eu viro nordestino, sou filho de paraguaio, nascido no México, vivi na Costa Rica, morei no Peru, chego na Zona Sul do Rio de Janeiro, perplexo, assombrado, assustado – para dar algum significado, né?... O que a gente está fazendo nessa vida? E aos 14 anos comecei a encostar no teatro. Fiz arquitetura, mas sempre fazendo teatro amador. Depois fiz um primeiro filme e aí o cinema me pegou e foi me levando sempre com personagens muito marcados pela fibra do homem brasileiro, na resistência, na sobrevivência, na busca do entendimento de sua vida... Eu me orgulho muito de ser a chave para a leitura dessas paisagens humanas. Para mim, foi um privilégio, quando falaram no CineOP de quatro décadas, eu falei, para mim: “Caceta... Quarenta anos!”

*Como foi interpretar um heterônimo do Fernando Pessoa, a partir de um livro do [José] Saramago, num filme português?*

Para mim, foi um prêmio. Uma elevação de conhecimento, não só transcontinental, mas também da substância com que eu trabalho. Geralmente, eu trabalhava com homem brasileiro, na sua rudeza, na sua perplexidade, no seu dia a dia... E, de repente, fui elevado para uma instância de alta voltagem poética, que junta Saramago, Fernando Pessoa e um heterônimo no ano de 1936. Pri-



meiro, não acreditei que o convite tivesse sido feito para mim. Por que eu? Depois, eu soube que foi o único heterônimo ao qual o Fernando Pessoa não deu morte. Ele estava em aberto. E aí o Saramago, genialmente, tira ele do Brasil. O Fernando Pessoa tinha mandado o Ricardo Reis ao Brasil. E então Saramago traz ele de volta. Navegar em fortes fluxos literários portugueses. A raiz do nosso Brasil. Para mim, foi um presente de primeira monta poder viver o Ricardo Reis. Nem ele mais vivia, porque é um heterônimo, um ser perplexo que chega de volta a Portugal, vagando como um heterônimo e ganhando carnalidade e materialidade posto que o Pessoa também já tinha morrido. Ou seja, o cara que o inventou não existia e ele próprio não existia. Isso no ano de 1936, quando os totalitarismos começam a se consolidar. Então, aí o gênio é o Saramago. Ele era encenado – isso a Pilar [del Rio, viúva do escritor português, Prêmio Nobel de Literatura] me contou – com um verso de Ricardo Reis: “Sábio é aquele que se contenta com o espetáculo do mundo”. E Saramago – socialista, materialista, de esquerda – disse: “Isso está errado. Pode ser um escritor consagrado, mas essa questão de se satisfazer com o espetáculo do mundo, não me convence”. Então, ele traz o Ricardo Reis, o confronta com o ano de 1936, e obriga este poeta clássico a se tornar um poeta com versos mais de atuação, mais de reflexão, mais de intermediação e mais de leitura de um mundo conflagrado que era o de 36. Essa equação toda, para um ator, em outras áreas, para mim foi um prêmio, um desafio. E também viver sob a batuta de João Botelho, que é um diretor irrequieto, 72 anos, é um louco, que está nas boates todas as madrugadas, um cara muito vivo para idade dele, mas a quem não interessa nem um pouco a psicologia dos personagens. Ele só trabalha com rigor de quadro. Luz, ângulo e enquadramento. A forma como você dá o texto, ele não tá nem aí para isso, entendeu? Foi uma escola fantástica. Eu tenho orgulho do filme. Ficou uma pérola. Eu fiquei até com medo da reação dos atores portugueses.

*Um brasileiro fazendo esse personagem...*

O pré-sal deles é a língua, né? A grande fortuna é a língua portuguesa. E vem um ator brasileiro, carioca, mexicano... viver o nosso Ricardo Reis? Podia ser visto como um acinte. Mas eu me saí bem.

*Tem um filme seu que é muito marcante para a geração de quem viveu em Brasília nos anos 1980 que é O sonho não acabou, de Sérgio Rezende. É um dos primeiros filmes que retratam a juventude brasiliense ainda na ditadura. E, na minha opinião, a trilha sonora perfeita desse filme seriam os primeiros discos da Legião Urbana e da Plebe Rude, que são duas bandas de Brasília. Qual a tua lembrança desse período na capital federal?*

A minha maior lembrança é o céu de Brasília. Aquele céu vertical de Brasília. Foi o meu primeiro filme como protagonista. O filme foi rodado em Brasília, em 1981, e lançado em 1982. Direção do Sérgio Rezende, com produção da Mariza Leão, Edgard Moura fez a fotografia. Foi a primeira ficção de todos eles. E marcou a minha estreia – o nome do meu personagem é Biela – e de vários atores: Lauro Corona, Miguel Falabella, Lucélia Santos. Tinha também Louise Cardoso e Daniel Dantas. Aquele personagem me deu o primeiro convívio sério de um *set* cinematográfico. Essa coisa de, todos os dias, abrir os caminhôezinhos, tirar todos os equipamentos, montar uma cena, iluminar, ensaiar... E almoçar juntos, depois recolher tudo e, no outro dia, fazer tudo de novo... Isso me fascinou profundamente. E o personagem, o Biela, era muito próximo da minha natureza e de uma certa natureza professada ideologicamente pelo meu pai, que era um educador e comunicador [Juan Díaz Bordenave, um dos fundadores do pensamento educomunicativo], e pela família toda. Era muito representativa aquela câmera no povo, aqui, debaixo, muito honesta, muito íntegra. Era um personagem que quis fazer com muito estudo e muita justeza. Ali se abriu para mim o abismo cinematográfico. Quando o filme foi para Gramado

[Festival de Cinema de Gramado, no Rio Grande do Sul], eu recebi uma acolhida muito interessante, fui indicado para o prêmio [Kikito] e aquilo descortinou um mundo para mim. Comecei a receber grana, comecei a receber convites, comecei a viajar, comecei a morar sozinho... Aí, pensei: a arquitetura não vai me dar isso tão cedo (sorrindo). Eu continuei estudando, me formei, gosto de desenhar e pintar até hoje, mas posso dizer que, realmente, com “O sonho não acabou”, de fato, para mim começou ali. E o sonho na questão cinematográfica, para mim, não acabou mesmo (risos)... Vingou, valorizou e eu aprendi muito, muito, muito com os personagens, a saber quem é o povo brasileiro, a me alimentar deles e a retratá-los. O grande agraciado fui eu, de percorrer paisagens e situações humanas desse Brasil...

*Você morou em Brasília naquele período, né?*

Eu fiquei dois meses e meio morando no Hotel Aracoara, com a motoca do personagem, o Biela, que tinha uma boca de tubarão... Tinha um grupo da cidade maravilhoso, não sei se você lembra, chamado Mel da Terra. Os caras eram uma coisa impressionante. Éramos todos jovens, saíamos... Tinha a Claudinha Otero, atriz de Brasília... Tinha o Aloizio Batata [ator paraense que fez a carreira na capital federal, morto em 1984], um cara genial. Tinha também o Guilherme Reis... Brasília, para mim, foi o berço e a fonte da minha carreira. E, curiosamente, conheci a minha primeira mulher, a Cecília Santana, e tive meu primeiro filho, Antonio, em Brasília. Então, tenho uma ligação com a cidade. Fora os festivais todos, né?

*Sei que você fez o papel do Marechal Rondon em uma produção que vai passar agora no Brasil, né? [O hóspede americano, uma das novas séries da HBO].*

Eu sempre disse – há muitos anos –, quando me perguntavam, em outros festivais, em outras entrevistas: “Qual o personagem que você gostaria de viver?” Isso há 20 anos. E eu cravava: o Marechal

Rondon. Tem gente que fala: quero viver Ricardo III... Eu sempre quis fazer o Rondon. Sempre fui apaixonado por essa figura de ascendência indígena, como eu, filho de paraguaio... E o envolvimento direto dele com a expansão das fronteiras do país. A questão pacifista, a questão da criação do SPI [Serviço de Proteção aos Índios, hoje FUNAI] o amor dele pelos povos originários – “morrer se preciso for; matar, nunca”. Há ali um humanismo, positivista que ele era, que sempre me fascinou. Acho que o Rondon ainda não teve um filme à altura da vida dele.

*Isso é verdade.*

O Barretão [produtor de cinema Luiz Carlos Barreto] chegou a captar para fazer um drama sobre ele, mas, com recursos escassos, ficou aquém. Depois, o Pizini [Joel Pizzini, diretor do filme *O Rio da dúvida*] fez um docdrama, também sobre o capítulo do filme [expedição do ex-presidente americano Theodore Roosevelt à Amazônia, em 1913 e 1914, em parceria com o marechal Cândido Rondon]. Mas nenhum desses filmes, acredito, estão à altura desse cara. Rondon, além de tudo, também era um cineasta, fazia filmes... Esse meu trabalho encarnando o Rondon está numa produção chamada *The american guest* [*O hóspede americano*, uma série da HBO que será exibida pela HBOMax. Chico faz o papel de Rondon e o ator Aidan Quinn, de Roosevelt], com direção de Bruno Barreto. É um filme, uma série, com um ponto de vista americanófilo. Se passa em 1914, quando Roosevelt, tendo perdido uma eleição nos Estados Unidos, depois de ter feito um governo muito interessante e polêmico, vem para o Brasil – eu acho, na minha leitura, seria mais um golpe publicitário, porque aquela era a época das grandes explorações e ele já havia feito, anos antes, uma viagem à África. E isso rendeu a ele muita visibilidade e prestígio como desbravador, aventureiro, um homem valente e corajoso. Então, Roosevelt vem para cá e o governo brasileiro delega ao Rondon ser

o anfitrião. Para mim, essa imagem do homem mais poderoso do mundo, nas mãos de um caboclo intuitivo, com toda aquela cosmogonia indígena em busca do Rio da Dúvida – um nome lindo e poético – era muito interessante. São cinco episódios que vão ser exibidos na HBO Max.

*Que incrível. A vida do Rondon não é valorizada aqui. Ainda mais agora. Imagina, um militar que respeita índio... Veja que há uma série de medidas legais em tramitação no Congresso que, entre muitos absurdos, tira da FUNAI a condução dos processos de demarcação de terras indígenas. Isso está acontecendo num Congresso que não dá importância à preservação dos direitos indígenas, onde as bancadas ruralista e evangélica estão à frente de mudanças, na legislação, muito perigosas.*

Que tristeza.

*Ao mesmo tempo, vindo o outro filme teu – O ano da morte de Ricardo Reis – também tem a ver com o momento que vivemos ao recuperar a ascensão do Salazarismo em Portugal, em meados dos anos 1930, e de Hitler, na Alemanha, naquele período em que a Europa passaria por grandes dificuldades frente ao fascismo. O Homem Onça também tem a ver com a conjuntura atual [funcionário de uma grande empresa de gás, que se vê obrigado a fazer grandes demissões]. Você disse que as escolhas não são intencionais, mas esses filmes são chaves para a plateia refletir sobre a realidade. Como você experimenta ter um trabalho tão colado na realidade?*

Eu me sinto agraciado e privilegiado em ser a chave para o intérprete permitir que as pessoas possam se ver. Quer dizer, para que nós nos vejamos. Tem a conotação da reflexão feita pela cabeça, mas a reflexão também que nos permite, como nação, ver a realidade, a nossa realidade. Mas a questão primeira é: quem escolhe quem? O personagem me escolhe ou eu escolho o personagem? Há aí uma ambiguidade, uma via de duas mãos, que talvez os diretores e as

produções vejam em mim um instrumento plausível de uma leitura correta ou talvez também a minha curiosidade e minha disponibilidade, já ao longo de 40 anos, seja um pouco viver esse assombro, essa perplexidade do homem brasileiro perante essas situações que lhe são impostas, impingidas. Ou seja, o pai de família que precisa educar, criar e alimentar filho, como? O emigrante que tem que fugir do Nordeste, desde sempre, desde o ciclo da borracha... Esse brasileiro que esta aí: caramba, como assim? Eu teria direito a coisas que poderiam ser mais fáceis para mim. Eu, o excluído. Os camponeses... Aqueles que viram capatazes. Aqueles que ficam cruéis para se manterem na pirâmide imperial e colonizadora que, desde sempre, este país foi – e é... Aquele corpo, esse corpo ali, é o meu. E eu acho isso bom. É bom poder viver as dores e as alegrias desses personagens. Agora, não saberia responder se é um cardápio que eu tenha na minha frente e possa escolher: isso, sim, e isso, não. É uma forma desesperada de dar significado não só à minha vida, mas também à vida dos personagens.

*O país atravessa uma das quadras mais terríveis dos últimos 100 anos. Qual a sua visão dessa crise? Não há precedentes anteriores.*

Não tem comparação. Eles são muito fortes. Eles estão muito bem armados. Têm uma tecnologia avançadíssima e eles são maus. O deus ali é o dinheiro. É uma conjunção terrível. O que se sucedeu, desde a derrota do Aécio [Neves, candidato do PSDB à Presidência da República], em 2014, está claro, eles tinham planejado uma vitória ali e tinham certeza que ganhariam [as eleições]. E não ganharam. Tudo foi se deteriorando desde então. O golpe de 2016 é o clímax disso. A invenção daquelas pedaladas, para tirar uma mulher como a Dilma, que eu admiro muito até hoje. Sou completamente vidrado e apaixonado por ela. Veja, eles planejaram, mapearam, monitoraram, usaram todas as forças, foram cínicos porque não usaram armas e deram um golpe jurídico e parlamentar. Nós estamos diante de gente muito pre-

parada, gente muito selvagem e muito violenta. E eu acho que nesse escassear de fontes de renda, das *commodities*, da água, da terra, o Brasil é um “celeirão”. E um celeirão de gente barata. Tínhamos os BRICS [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul], eles quiseram quebrar o grupo. Então, fizeram tudo muito bem desenhado e muito bem planejado. Agora, chegar ao ponto que chegamos, com este celerado, este louco, este Nero, ninguém contava... Essa direita mais violenta. A gente está agora neste momento catastrófico mesmo – apesar de alguns sinais de que os ventos estão mudando. Mas eu acho muito difícil eles, como gostam de poder e gostam de exclusão, eles abrirem mão. Então, acho que 2022 vai ser um ano muito violento. Em todos os sentidos. Espero que não. Não falo apenas a violência física, mas a violência de métodos, a violência das mentiras. Veja que as *fake news* vieram sedimentando o caminho deles em 2018 e eles vão usar das armas mais profundas e mais avançadas para se manterem ali no poder. Não darão chance à inclusão social. As pessoas têm pavor da inclusão social. O brasileiro médio tem pavor que o pobre se aproxime. Eles que algum dia acham que serão ricos. A classe média brasileira acha que algum dia será rica e vai ascender. Mal sabe o abismo que a separa de uma riqueza real. As engrenagem aí pela frente, as vindouras... Eu tenho uma fé enorme no Luiz Inácio [Lula da Silva], como ser aglutinador e ser redentor. Eu sei que é um pouco complicado ver essa figura messiânica, como salvador, numa pessoa. É esquisito isso no mundo. E mais numa estrutura como a nossa. Mas é... Pelo visto e por comparação, ele é a pessoa que poderá orquestrar mudanças que serão lentas e graduais, mas mudanças que precisam ser feitas nessa devastação completa que foi feita no país.

*Viramos uma terra arrasada.*

O [Sergio] Moro tem que ser preso. [Ricardo] Salles tem que ser preso. [Abraham] Weintraub tem que ser preso. Esses caras todos precisam ser presos. A gente tem que mostrar. Não dá para o cara fa-

zer e ir para Washington... E tudo bem. Infelizmente, os pequenos guardinhas, os miúdos, os soldadinhos da esquina estão se arvorando... E nem esses a gente consegue prender. Precisa haver uma linha civilizatória da lei. E chegar nos graúdos vai ser muito difícil. É uma situação difícil. Eu mesmo encontrei uma perspectiva de fuga para Portugal. Eu vou [ao Brasil] e volto. A palavra é resistência. Embora até as palavras tenham perdido seu significado e eles conseguiram subverter até algumas. Então, eu não estou otimista. Continuo resiliente. Mas não sou otimista. Há uma contaminação e uma corrosão do espírito brasileiro, na esperança, na fé, na alegria que era nosso motor. A própria cultura, que é onde a gente alimenta essa criatividade, essa alegria, essa alegoria, esse nosso imaginário, que é nossa fortuna, essa também está minada. Veja, a ANCINE parada. Linhas de crédito paradas. O ânimo das pessoas...

*Mas há esperança.*

Eu também acredito em conjuntura e certos encantamentos possíveis.

*O país vive um espasmo, mas a conjuntura está mudando. Correspondentes estrangeiros sempre se surpreendem com essa distopia tropical que o Brasil se tornou e, às vezes, com quem converso, eles se espantam com o grau de letargia...*

Mas isso é proposital. Isso é planejado. Veja o cara da Fundação [Cultural] Palmares. Esse cara da Cultura, o Mário... Frias. Um cara medíocre, sempre foi. Eles colocam as piores cabeças porque o controle é muito mais eficaz.

*Imagine quantos anos serão necessários para tirar essas figuras do aparelho do Estado, esses parasitas que estão a serviço do bolsonarismo... Veja, são 6 mil militares ocupando cargos de confiança na administração pública federal que deveriam estar preenchidos por civis.*

É um absurdo. A própria política e a representação social está corrompida há muitos anos. Há uma representatividade financeira nos



poderes, não uma representatividade social na atividade política. Para que a política volte a valer a pena de novo, tem que haver uma aproximação dos grupos e dos movimentos sociais e das bases. E será difícil. Como fazer isso se os evangélicos ocuparam um espaço ali? Se as milícias ocuparam espaço? Como ter uma leitura fiel do desejo do povo? E o povo ter uma leitura fiel dos políticos para cerrar forças? E que isso vingue como argumento no Congresso? Agora, compra-se a maioria. O Centrão está aí, é uma mostra disso. Fazem as leis e se perpetuarão. Eu estou pessimista. A gente teve um retrocesso que vai ser muito mais do que dez anos para refazer tudo. Vão ser 40 ou 50 anos – isso com uma política progressista e social que se mantenha numa perspectiva civilizatória. Hoje, a perspectiva que há é predatória. Interessa a muitos que isso aqui, o Brasil, vire um fim de mundo. Será a barbárie... E, veja, a violência que habita o Rio de Janeiro hoje, é uma loucura [coloca as mãos na cabeça]...

*Você estava no Rio até semana passada, né?*

Sim. Eu estava lá. Eu vejo a estética miliciana na esquina do Jardim Botânico. Eu fico imaginando nos ermos, nos lugares mais afastados, distantes... É tudo. A sujeira, a falta de argumentação, uma violência logo, rapidamente, imposta. Eu acho tudo muito complicado. Não consigo conviver com essa questão da violência silenciosa. Você estacionar os quatro pneus do carro na calçada... É triste. No Brasil, a força ganhou força. A razão, que era nossa arma, perdeu razão. A força não pode ter razão. Ela precisa estar abaixo da razão. Para isso que existimos. Mas a força agora é... [Silêncio] Como é que a gente vai deslegitimar a força? E justamente quando a força foi empossada com os negocinhos [faz o sinal de armas com as mãos de Bolsonaro]. A não ser que tenha uma força maior, uma clarividência maior. Eu não sei... Esses militares também... Com esse fantasma comunista, que é um negócio... Imagina, o comunismo no Brasil. Isso é pura falta de informação e conhecimento. É um

fantasma que não existe. Eu acho que os militares têm de voltar a ter honra e missão.

*E isso tem tudo a ver com esse personagem que você fez na HBO [o Marechal Rondon], o neto de índios Bororos que vira marechal do Exército brasileiro...*

É. É isso mesmo...

*O mesmo Exército que produziu Rondon foi o que gerou agora o [general Eduardo] Pazuello.*

Eles não se lembram para que foram formados? Um contingente desses às custas dos cofres públicos... Uma verdadeira casta. Será que eles não querem enobrecer de novo? O mundo ficou pequeno. As fronteiras não são mais geográficas, elas são econômicas. Ninguém pede passaporte para fazer negócios. Fazem os negócios e pronto.

*Daí que é preciso resistir.*

Então, é continuar registrando, interpretando e tentando refletir, como intérprete, como artista, como pintor. É a nossa função. É o que nos resta.



## Dilma Rousseff

*Por Olímpio Cruz Neto*

Cinco anos depois de ser afastada da Presidência da República por um *impeachment* sem crime de responsabilidade, a economista Dilma Rousseff tem uma visão clara do processo que culminou com sua queda, levou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à prisão e a ascensão do extremista Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto.

De sua casa em Porto Alegre, onde permanece desde o início da pandemia – saiu apenas duas vezes para uma viagem a São Paulo e outra ao México – a ex-presidenta permanece atenta e acompanha com interesse os desdobramentos da crise política que o país atravessa há meia década. Ela diz que o quadro é de deterioração geral: econômica, social e institucional.

Para ela, o drama que o país vive hoje é fruto direto do Golpe de 2016, um processo de corrosão democrática inaugurado em 31 de agosto daquele ano, quando o Senado aprovou o seu afastamento. “O golpe permitiu dois crimes imediatos contra o país: o teto dos gastos – que tirou o povo do orçamento, afetando os programas sociais e os investimentos – e a destruição da Amazônia”, lamenta.

“O golpe não foi brando. Não foi nada brando. E, lembre-se, o golpe vem em etapas. É um processo”, aponta. “O Golpe de 2016

é o ato zero do golpe, é o ato inaugural, mas o processo continua. É o pecado original dessa crise que o país atravessa. É a partir dali que se desenrola todo o processo golpista”.

Nesta entrevista à *Focus Brasil*, Dilma trata da conjuntura e especula que a derrota de Bolsonaro nas eleições de 2022 será o primeiro passo para a reconstrução do país, mas o que o Brasil terá pela frente não será fácil. “Vai haver muita dificuldade. Na área ambiental, por exemplo, alguns efeitos da política de devastação promovida podem ser permanentes. Não sei... O que houve de deterioração, por exemplo, quanto às reservas indígenas, é preocupante. Eu estou preocupada”, diz. A seguir, leia os principais trechos da entrevista:

**Focus Brasil – *Passados cinco anos do impeachment fraudulento, há espaço para um novo golpe?***

**Dilma Rousseff** – É preciso entender o jogo. O golpe ocorreu em 31 de agosto de 2016. O que estamos vivendo agora é a possibilidade de um novo golpe baseado nas formas derivadas da guerra híbrida. Lá atrás, houve um golpe parlamentar, judiciário e midiático. Mas, sobretudo, um golpe do setor financeiro, do capitalismo financeirizado. Um golpe neoliberal. Não houve uma intervenção clássica militar, mas uma manipulação das regras legais. Apesar de aparentemente eles respeitarem os procedimentos, desrespeitaram as leis, criando crimes onde não existiam. Ali aconteceu uma ruptura violenta contra o *status quo* da democracia.

**Por quê?**

Porque vai ensejar todas as medidas que vão levar a volta da pobreza no Brasil e a volta do desemprego. Ali, permitiu-se tomar as medidas que comprometeram a soberania nacional, seja a venda de estatais ou o esquartejamento da Petrobras, ou aquele absurdo da Eletrobras, que é um escândalo! Fizeram uma feira da Eletrobras, como se fosse passível de colocar numa quermesse do interior...

*E a crise de energia está aí...*

Corremos um imenso risco de racionamento, apagão, e já estão em prática as mais altas taxas e tarifas de energia elétrica. E isso tudo para não falarmos no que está acontecendo com a política de preços da Petrobras – hoje inteiramente atrelada ao mercado internacional de petróleo e aos interesses financeiros. É isso que leva o gás de cozinha a 120 reais o botijão. É o esquitejamento da Petrobras que permitiu isso. Ela foi criada para ser uma empresa integrada de energia, verticalizada – do poço de petróleo ao poste, à bomba de gasolina... Era a Petrobras que permitia ao país ter termoeletricas de ciclo combinado. Quando o presidente Lula assumiu o governo, ainda sentíamos a crise de 2001...

*O apagão...*

... do presidente Fernando Henrique Cardoso.

*Mas eles construíram térmicas.*

Mas não construíram gasodutos, que possibilitava levar térmicas para onde era necessário. Fizeram as térmicas no Nordeste sem ter gasodutos entregando gás em quantidade suficiente para movimentar as turbinas. Foi no governo Lula que foi construído o gasoduto do Nordeste, o conhecido Gasene, para levar o gás natural da Bacia de Santos para o Nordeste, em parceria com a China.

*Que o Bolsonaro privatizou, né, na bacia das almas?*

Venderam o Gasene e isso é um crime.

*Tudo só foi possível com o Golpe de 2016.*

Por isso que não dá para dizer que é um golpe brando. Não foi um golpe brando coisíssima nenhuma.

*Parece a Folha de S.Paulo com a história da “ditabranda”.*

Exatamente. Não existe golpe brando, como não existe ditadura branda. O golpe não só corroe a democracia, como a gente está

vendo, mas é responsável pelo aumento da pobreza porque antes de começar a pandemia, em 2020, já havia um aumento extraordinário da miséria e os primeiros indícios da fome.

*Retrocessos em série.*

Porque o golpe permitiu dois crimes imediatos contra o país: o teto dos gastos – que tirou o povo do orçamento, afetando os programas sociais e os investimentos – e a destruição da Amazônia.

*Os ricos preferem ter o controle do orçamento público.*

Sim. E por longos 20 anos. O que, afinal, se decide numa eleição? Onde serão gastos os recursos públicos e a destinação do dinheiro para políticas. Quando se tira essa possibilidade por duas décadas – decidir para onde irão os recursos durante cinco eleições –, o que se fez foi invadir a democracia. Resumindo: colocaram na Constituição a política de austeridade fiscal.

*Constitucionalizaram o arrocho.*

E a política de ajuste fiscal e o papel do Estado na economia, reduzindo o gasto social, o gasto da educação, da ciência e da saúde. Decidiram colocar na Constituição a redução dos investimentos que criam a infraestrutura social.

*E a segunda coisa?*

A destruição do meio ambiente no Brasil. Essa política de Estado que foi agora adotada oficialmente pelo governo Bolsonaro. E essa talvez seja a maior tragédia, porque não tem volta, né?

*Não tem como recuperar?*

Tem coisas que você destrói na natureza que leva décadas e, às vezes, até séculos para reconstruir. O que eles estão fazendo na Amazônia é um absurdo. Abriram a Amazônia para uma coisa que nós jamais permitimos e nenhum governo anterior: a entrada das grandes empresas mineradoras.

*A boiada do Ricardo Salles.*

Sim. Passar a boiada é isso. Por isso que eu digo que o golpe não foi brando. Conteí isso tudo para dizer isso. O golpe não foi nada brando. E, lembre-se, o golpe vem em etapas.

*Assim como na ditadura.*

Isso... Nos 21 anos da ditadura militar, você teve primeiro 1964, depois 1968 – a decretação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968 –, depois veio o Pacote de Abril de 1977, com a disputa dura entre Geisel [presidente-general Ernesto Geisel] e o Frola [general Sílvio Frola]. Geisel levou a melhor e a linha dura saiu derrotada, mas tentou de novo endurecer o regime com os atentados à OAB, às bancas de jornal e o Riocentro [em abril de 1981, uma bomba explode no centro de convenções no Rio de Janeiro, numa ofensiva terrorista armada por agentes do aparelho da repressão da linha dura militar].

*Uma disputa dentro do regime militar.*

Lembre que toda ditadura é um processo. Por isso que eu digo que o Golpe de 2016 é o ato zero do golpe, é o ato inaugural, mas o processo continua. É o pecado original dessa crise que o país atravessa. Foi a partir dali que se desenrolou todo o processo golpista.

*E também tem vários momentos marcantes.*

O que eu chamo de atos. O ato seguinte ao golpe do *impeachment* foi a prisão do Lula [em abril de 2018]. Ali, o que se queria era inviabilizar a possibilidade de ele vir a ser candidato. E, portanto, estaria garantido o processo de reprodução do próprio golpe. Ora, se o Lula é eleito, o golpe seria interrompido. Mas, não bastou prendê-lo. Afinal, ele não perdeu a popularidade que desfrutava. Ainda era competitivo. E não perdeu a confiança do povo. Daí então, passa-se a um novo ato do golpe: a interdição de Lula do processo eleitoral. Ele é condenado, preso e, finalmente, tiraram-no das eleições de

2018. Não pode falar e nem fazer campanha. O golpe foi se aprofundando. E já tinham tirado o gênio da garrafa...

*Como assim?*

Quando digo o gênio da garrafa, eu falo dos militares. Lembra que no governo Temer deram uma importância grande aos militares, voltando a ter o GSI – entregue ao general Sérgio Etchegoyen –, levando um militar para dirigir o Ministério da Defesa? Isso nunca tinha acontecido. Entregar o Ministério da Defesa a um militar. Nem Fernando Henrique...

*Que tinha nomeado um civil para a Defesa [ex-senador Élcio Álvares (PSDB-ES)]...*

Mas também tem outro aspecto importante ali no governo Temer: a intervenção militar no Rio de Janeiro. É uma marca inequívoca da volta dos militares à política. Então, veja, são dois movimentos acontecendo paralelamente até a interdição do Lula.

*A ação era por conta da situação da segurança no Rio.*

Mas não foi uma operação típica de GLO (Garantia da Lei e da Ordem). Deram um passo além. Houve uma intervenção.

*E o interventor ali é ninguém menos do que o atual ministro da Defesa, general Braga Netto...*

[interrompendo] Mas, mais importante ali, é que todas as coisas do mundo do crime, em termos de poder de contaminação, explodem ali para cima do alto oficialato. Não estou falando do soldado, mas dos oficiais. Eles jamais tinham feito policiamento e passam ali a fazer esse tipo de ação nas ruas... Fazendo rondas. E não sabemos, nessa altura do campeonato, o que aconteceu com Marielle [a vereadora Marielle Franco, do PSOL do Rio, assassinada a queima-roupa em 14 de março de 2018]. O processo chegou a esse nível de radicalização. Por que as milícias resolvem encarar a morte de uma vereadora?



*O crime não foi elucidado até agora...*

E não interessa se os filhos [de Bolsonaro] estão metidos nessa junto com o pai [o presidente da República]. As suspeitas permanecem, mas o que digo que ali foi se armando esse processo do país caindo para a direita. O Golpe de 2016 permitiu isso tudo. Inequivocadamente, você tem uma trajetória no Brasil para que a direita cresça. Precisamos lembrar que temos lá atrás o integralismo.

*A senhora tem razão, há uma base social e histórica.*

Temos uma matriz integralista forte e vamos lembrar que quem elaborou o Plano Cohen [o suposto levante dos comunistas para tomar o poder em 1937] foi o capitão integralista Olímpio Mourão que depois se tornaria general e um dos conspiradores do Golpe de 1964. E ainda tem a própria concepção do inimigo interno dentro das Forças Armadas, que vem da época da Guerra Fria. Então, há um substrato que é responsável por essa ojeriza que existe no Brasil à inclusão social, que é a escravidão.

*Uma chaga ainda aberta na sociedade brasileira, né?*

A escravidão é responsável por termos padrões de pobreza tão inimagináveis no século XXI e essa situação do desprezo que parte da alta sociedade brasileira tem pelo povo. Isso só tem paralelo com a coisificação do escravo – “Não eram gente, eram coisas”...

*O que explica essa violência contra o povo...*

Veja que curioso, eu achava que o “pau de arara” [instrumento de tortura usado pelas polícias e pela ditadura militar contra adversários políticos] vinha da guerra da Argélia [entre 1954 e 1962]. Mas vi um retrato do Debret [Jean-Baptiste Debret, pintor francês que deixou a obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, depois de passar 15 anos no país, entre 1816 e 1831, retratando os costumes e a corte portuguesa] que mostra um escravo no chão preso a uma espécie de pau de arara. Então, veja, o pau de arara é coisa nossa: um resquício da escravidão.

*O açoite, o suplício ao negro pelo capitão do mato... Um retrato do Brasil que permanece na cabeça de parte da polícia e dos políticos. Passado e presente.*

É este o retrato do processo que eu estava falando. Essa saída do gênio da lâmpada, dos militares de volta à política. E eles gostaram e não querem voltar para a garrafa. E daí o Twitter do Villas-Boas [então comandante do Exército, em 2018, general Eduardo Villas-Boas], na véspera do julgamento do *habeas corpus* do Lula pelo STF.

*E o STF acolheu a “sugestão”.*

Sim. A pressão encontrou respaldo no Supremo, que a aceitou. O presidente do STF na época tinha colocado um general [Luiz Azevedo e Silva, ministro da Defesa no governo Bolsonaro até março de 2021] como seu assessor. Em nenhuma democracia do mundo, a Suprema Corte aceita ser tutelada pelo Exército, essa história do Poder Moderador exercido pelas Forças Armadas. E é o que eles argumentam.

*E os generais Heleno [Augusto Heleno, do GSI], Ramos [Luiz Eduardo Ramos, da Secretaria-Geral da Presidência] e Braga Netto [ministro da Defesa] repetem isso à exaustão, com naturalidade, essa tutela...*

É uma leitura distorcida daquele compromisso assumido na transição política, durante a redemocratização, que jamais, em momento algum, o processo de negociação deixou de ser conduzido pelo Exército. Uma das coisas principais que foram negociadas é que o controle ficaria com o Exército. E ficou...

*O Golpe de 2016 tem também semelhanças com processos anteriores porque nunca se admitiu que era um golpe.*

Como em 1964, o golpe se recusa a ser chamado de golpe, desde o primeiro momento. Havia, inclusive, durante o processo do *impeachment*, deputados e senadores [Julio Lopes (PP-RJ), Carlos Sampaio (PSDB-SP), Pauderney Avelino (DEM-AM), Rubens Bueno (PP-PR), Antonio Imbassahy (PSDB-BA) e Paulo Pereira da Silva

(SDD-SP)] que entraram no STF pedindo que eu fosse interpelada, porque eu chamava o golpe de golpe.

*A ministra Rosa Weber a questionou, inclusive?*

Demos resposta bem dura.

*A grande imprensa brasileira jamais também tratou o Golpe de 2016 como golpe.*

É. Nem jamais fez autocrítica.

*E a senhora continua banida, na Sibéria Midiática pela TV Globo, para lembrar uma expressão do Leonel Brizola e do Chico Buarque. A senhora jamais foi ouvida e nunca é convidada para nenhum programa...*

E nunca houve uma revisão judicial sobre minha situação. Essa autocrítica também não vão fazer.

*Há sempre um constrangimento da mídia nativa para tratar desse período, enquanto a imprensa estrangeira aponta que houve golpe.*

Teve o episódio em que Otávio Frias Filho [então *publisher* da *Folha de S.Paulo*, em junho de 2016], bateu boca com uma jornalista inglesa [Sue Branford] num painel sobre mídia e democracia, em Londres (Mídia, percepção e a consolidação da democracia brasileira, na Brazil Forum]. Ela tinha sido correspondente no Brasil e fez duras críticas à chamada grande mídia nacional, citando a concentração de propriedade de emissoras e veículos nas mãos de poucas famílias, todas conservadoras, e a manipulação de notícias. E o Otavinho, furibundo, reagiu, apelou e a acusou de ser petista.

*Teve ainda o artigo no Guardian do David Miranda criticando a cobertura da Globo e o João Roberto Marinho também reagiu, mandou carta para o jornal.*

Sim. Isso mesmo... Eles não aceitam críticas.

*E essa mesma mídia agora alerta sobre a possibilidade de um golpe por Bolsonaro.*

Como se não tivéssemos já vivido o golpe, que já aconteceu. O que estamos vivendo são as etapas do possível endurecimento do regime político no Brasil. O governo flertando com a possibilidade de um golpe dentro do golpe.

*A senhora alertou que o golpe permitiria a corrosão da democracia – o que de fato aconteceu, tendo em vista a deterioração crescente das instituições do país. A metáfora usada era a árvore da democracia ser contaminada por parasitas e fungos que a corroeriam por dentro. E agora o próprio Poder Judiciário faz um alarde...*

E por que só agora o Judiciário percebeu?

*Então, boa pergunta. Qual a sua opinião?*

Porque chegou neles. Chegou agora neles. Quando eu disse, há cinco anos, que o golpe não ficaria ali, é porque sabia que haveria um avanço rápido sobre todas as instituições.

*Como no poema de [Bertold] Brecht?*

Sim. Primeiro, foram os comunistas... Depois, os social-democratas. Depois, os conservadores, e enfim, fui levado. O que aconteceu com o Supremo é que, a partir de um determinado momento, como no episódio de colocar um assessor das Forças Armadas dentro do gabinete do presidente do STF, houve uma concessão que partiu do próprio Supremo, do ministro Dias Tóffoli. E já era um troço absurdo. E sem precedentes.

*Nem durante a ditadura isso aconteceu, quando cassaram ministros, como Evandro Lins e Silva e outros, colocou-se um homem do Exército na antessala da Presidência da Suprema Corte...*

Pois é. E como é que começa agora este momento de radicalização do Supremo? Começa com o fato de que o Executivo estava tentan-

do colocar o STF de joelhos, colocando estruturas como Receita e PF a investigar os ministros da Corte. Passa pelas *fake news* contra os ministros e, depois, com Eduardo Bolsonaro ameaçando: “É preciso apenas um soldado e um cabo do Exército para fechar o Supremo”. Até chegar à manifestação pelo fechamento do Supremo...

*Isso. Em 2020, na frente do Quartel do Exército, em Brasília, com a presença do presidente Jair Bolsonaro em cima de um palanque, quando manifestantes defenderam o fechamento da Corte e a volta do AI-5.*

E não aconteceu nada. Todas as instituições foram sendo enquadradas.

*Havia até pouco tempo a ilusão de parte do establishment brasileiro de que era possível moderar o presidente...*

Ele não tem o *chip* da moderação. É intrínseco a ele o conflito. Ele precisa do conflito. Em março de 2019, ele declarou nos Estados Unidos: “Eu não vim para reconstruir. Se eu conseguir acabar com o que eles fizeram, eu me darei por satisfeito”. Ele não veio reconstruir nada, refazer nada. Não se interessa por isso. O que ele sempre disse que quer: acabar com os comunistas e os esquerdistas que operam no Brasil. É isso. A frase que ele disse foi: “O Brasil não é um terreno aberto onde nós iremos construir coisas para nosso povo. Nós temos que desconstruir muita coisa”. Ele foi claríssimo. Além disso, Bolsonaro tem essa estratégia de conflito. É um neofascista. É aquela estratégia: bota o bode na sala. E depois tira. Depois bota dois bodes na sala e tira um. Mais adiante, são quatro bodes na sala. E ele volta e tira um... Então, vão ficando sempre mais bodes, sucessivamente. E o Bolsonaro sempre fez isso. Desde o começo.

*É seu modus operandi...*

Ele não faz gestão. Não há discussão dentro do governo sobre ciência, meio ambiente... Não tem política e nem gestão. É um vazio. Nesse processo, estamos nessa fase: ele marca a data para ver se faz o ensaio geral do golpe. Sete de Setembro é isso. Se ele disse que vai

comparecer pessoalmente em São Paulo e em Brasília, tá marcando a data para testar.

*E há uma infiltração do bolsonarismo nas polícias estaduais e em diversos setores. Basta lembrar que um dos suspeitos da morte de Marielle [Adriano da Nóbrega] no interior da Bahia, aconteceu numa operação da polícia baiana, que já tem um histórico de rebeliões policiais. A mesma coisa no Ceará. E políticos falam que é hora de nós apaziguarmos os ânimos, de nos desarmarmos, como se todos estivessem armados e não apenas o bolsonarismo.*

Ele vai testar a capacidade de mobilizar. Se for muito grande...

*Diante de tantos retrocessos, é possível ao novo governo, a partir de 2023, recuperar o país? A senhora acredita?*

Vai haver muita dificuldade. Na área ambiental, por exemplo, alguns efeitos da política de devastação promovida podem ser permanentes. Não sei... O que houve de deterioração, por exemplo, quanto às reservas indígenas, é preocupante. Estou preocupada. A marcha dos indígenas é importante. O esquiteamento da Petrobras terá grandes consequências. O que é preciso rever é o teto dos gastos. Isso está claro. Imagine, se no meu governo eu tivesse feito isso com os precatórios que o Paulo Guedes está propondo?

*O calote geral interno!*

Isso é muito grave. Muito grave! De todas essas tramoias fiscais, é a mais grave. É o Estado dando um calote. Outra coisa: ainda não sabemos o nível de deterioração no BNDES. Isso é instrumento para a retomada do crescimento. Nem o setor privado segura. Não existe investimento com capital próprio.

*E a Petrobras antecipando bônus aos diretores?*

Isso não ocorre nem nos Estados Unidos. É um escândalo.



## Rogério Cezar de Cerqueira Leite

*Por Pedro Camarão*

**R**ogério Cezar de Cerqueira Leite é um dos mais importantes cientistas brasileiros. Atualmente, está na Presidência do Conselho de Administração do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNEPEM), localizado em Campinas (SP), e que tem quatro laboratórios que são uma referência no mundo. Aos 90 anos, lidando com a vanguarda da ciência brasileira, o físico conta que está preocupado com a realidade brasileira.

Na sua avaliação, o governo do ex-capitão do Exército Jair Bolsonaro está longe de ser prejudicial apenas para a ciência. Cerqueira Leite avalia que a área da cultura talvez seja a mais prejudicada e aposta que a educação ainda será a salvação do Brasil.

Ele diz que Bolsonaro não pode ser subestimado, que compara o momento do Brasil com a Alemanha dos anos 1930, quando Adolf Hitler ascendeu ao poder. Embora as situações tenham elementos semelhantes, existem diferenças, mas o perigo existe.

A solução é o entendimento entre os líderes políticos brasileiros. Ele acredita que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva seja o melhor nome para conseguir esse entendimento e espera que o petista possa se eleger e ficar, talvez por mais 8 anos, na Presidência

da República. Cerqueira Leite considera que somente o ex-operário e ex-chefe de Estado tem a capacidade de promover a limpeza e o apaziguamento que o país necessita. A seguir, os principais trechos da entrevista à *Focus Brasil*.

**Focus Brasil – O senhor acompanhou os acontecimentos de 7 de setembro. Qual é a sua expectativa para a superação dessa crise?**

**Rogério Cezar de Cerqueira Leite –** É um momento realmente difícil. Mesmo na época da ditadura, o início da ditadura, não houve um momento assim tão, digamos, enfático. Um acontecimento tão trágico. Porque a gente não vê saída. Eu tenho a impressão de que o Bolsonaro está num mato sem cachorro e cachorro no mato, morde. Ele vai atacar. O presidente já está atacando as instituições que são mais tolerantes, mas vai continuar a atacar outras. Isso é sobrevida também. Ele tem esse séquito de fanáticos ligeiramente imbecilizados que o acompanham e, além do mais, ainda tem o apoio de empresários que são muito venosos, que não são decentes. Ainda existe esse apoio. Veja por exemplo a FIESP, o [Paulo] Skaf. É nojento o que ele está fazendo. Tentou segurar os ataques ao Bolsonaro. Isso foi significativo. Ele representa uma organização que é um baluarte nacional, que foi criada com intenções muito benevolentes, para ajudar a sociedade, ajudar a indústria a se impor, a crescer e hoje está nas mãos de um homem como este. E está assim porque ele foi reeleito, não é que esteja sozinho. Ele tem apoio ainda dentro da FIESP. Não é o Skaf, é o empresariado paulista que ele representa.

Eu sei que existem muitos empresários que estão contra ele, mas tenho a impressão de que a maioria ainda o apoia. Isso é parecido com o que aconteceu na Alemanha dos anos 1930, quando Hitler começou a subir. A indústria o apoiou sabendo que ele era o que era: um fascista. As semelhanças entre o que aconteceu na Alemanha de Hitler e o que está acontecendo atualmente aqui no Brasil são muito grandes. Há uma pequena diferença, Bolsonaro ainda não tem a



maioria do povo. Mas o Hitler acabou tendo na Alemanha. Depois que assumiu o poder, de maneira enganosa, conseguiu aos poucos fanatizar a população. Aqui, a sorte é que ainda existe imprensa livre, razoavelmente contrária a esses exageros. Não existe nenhum órgão da imprensa declaradamente, nem o SBT é declaradamente pró-Bolsonaro mais. Então, hoje existe algo diferente do que existiu na Alemanha. Não vou dizer que a imprensa vai ser a salvação do Brasil. Não é isso. Mas é um componente importante. A impressão que tenho é de que estamos chegando a um momento crítico. O mal se corta pela raiz. Não vai haver *impeachment*, infelizmente. Mas é possível e necessário que o povo vá para as ruas. Eu não vou porque não consigo andar mais, mas se arrumar uma boa cadeira de rodas, ainda vou [risos].

*O senhor disse que o impeachment não deve acontecer, mas o senhor acredita que seria necessário para evitar o avanço bolsonarista?*

Veja bem, não vai acontecer porque o Centrão não quer. Está se aproveitando da fraqueza do presidente para ter seus benefícios normais. Tem muita gente do Centrão que prefere ter uma figura trágica como o Bolsonaro no governo do que ter um bom governo. Então, tiram proveito disso. Mas esse não é o caso. O caso é, se ele sair agora, vai entrar o quê? Mourão, que é inexpressivo. Não vai fazer diferença. Se houver *impeachment*, o Centrão continua mandando. E aí é possível chegar uma terceira via um pouco mais enquadrada, mais bem estabelecida e que seria, talvez, um problema para o Lula. Se for uma pessoa bem-intencionada, vai puxar alguns votos do Lula. Para mim, acho que seria importante a volta do Lula. Pelo menos por um mandato ou dois. Não é para voltar o petismo, não é para isso. É para limpar, limpar as instituições. Porque as instituições brasileiras foram corrompidas, o povo foi corrompido.

O povo fica esperando qual é a besteira – os caras decentes, tá certo? – que o Bolsonaro vai falar amanhã para poder dar risada,

para poder falar mal. Falar mal do Bolsonaro tornou-se um vício que prende a gente e nós nos satisfazemos em xingar Bolsonaro. E isso degrada moralmente a sociedade. Tenho impressão de que há um mal que está sendo construído e que vai demorar muito tempo para ser resolvido. Então, talvez, será preciso um espírito como o Lula, porque eu acredito que o Lula é mágico. Uma vez a Dilma me falou que ele é genial e eu falei: não, Lula não é gênio. Ele é mágico. Lula muda a realidade. Quando ele fala, consegue mudar o panorama, vira outra coisa. Então, tenho a impressão de que a gente precisa do Lula nesse momento. Mesmo um outro candidato, claro que não estou falando de “Hucks da vida” porque aquilo lá é uma excrecência, mas estou falando de outras possibilidades como esse presidente do Senado, que tem aparência um pouco melhor. Seria mais palatável do que o Bolsonaro e é capaz de pegar eleitores do Bolsonaro e ainda puxar alguns dos que estão com Lula porque são contra o Bolsonaro. Existe gente desse jeito.

*Recentemente, o senhor publicou um artigo na Folha falando sobre o preconceito contra o Lula. Ele vai conseguir dobrar essa elite preconceituosa ou precisará derrotá-la?*

Veja bem, acho que a elite não é homogênea. Tem vários componentes. Do que conheço, são pessoas muito diferentes umas das outras. Acho que muitos apoiariam o Lula contra o Bolsonaro. Mesmo aqueles três com os quais eu mexi – Horácio Lafer Piva, Pedro Wongschowski e Pedro Passos –, entre os dois [Bolsonaro e o ex-presidente], apoiariam o Lula. Apesar de terem escrito aquela porcaria daquele artigo “Nem Bolsonaro, nem Lula”. Mas ali acho que é um jogo político. Estão querendo ganhar espaço na FIESP porque são oposição ao [Paulo] Skaf. E se não falarem mal do Lula, não têm muito acesso à mídia e coisa e tal.

Agora, tem muita gente dessa elite que não votaria no Lula. Tem médicos que até hoje apoiam o Bolsonaro. É uma coisa inacreditável.

Ficaram tão ofendidos com o Mais Médicos da Dilma, que hoje o Lula parece um inimigo mortal. E estou falando de médicos que não são burros. Médicos que às vezes têm até um lado decente, que ajudam os outros. Há engenheiros também. Eles têm dentro deles um tipo de psicologia que os faz rejeitar um operário. A questão da “casta”, da elite, do fulano que se sente superior porque tem posses, isso é muito forte. Isso a gente não pode menosprezar.

*Mas será necessário derrotar essas pessoas ou é o caso de tentar se aproximar?*

Vai depender de quem é o opositor. Acho que o Lula não deve ter uma estratégia traçada já. Acho que para lidar com a elite, deve depender de quem for o oponente real dele. Se for o Bolsonaro, poderá ter uma estratégia muito mais simples. Se for outra pessoa, talvez tenha que ser mais ameno, não sei.

*O senhor falou sobre a dificuldade em torno desse movimento bolsonarista, que vai permanecer por um período. Na sua perspectiva, para solucionar essa questão seria importante uma união de diferentes setores da classe política, algo como uma frente ampla?*

Olha, nessa hora ninguém é melhor do que o Lula. Ele é muito bom para essas coisas. Lula vai ter que buscar colaboração e conviver com outras ideias. Para ele, não é difícil. Lula é uma pessoa mais do que inteligente. E ele precisa ganhar, percebe que hoje é importante para o Brasil que ele ganhe. E com essa motivação fundamental, vai ter que se entender com algumas pessoas e conversar com muita gente, inclusive com os apoiadores do Centrão. Eu achei que estivesse se entendendo com o Gilberto Kassab. Da última vez que estive com Lula, eu elogiei o Kassab. Ele é um cara eficiente. Se ele se entender com Kassab, leva muita gente. Acho que vai ter que se entender com pessoas como o Kassab, que disse que lançaria o presidente do Senado, mas é muito vivo. Se o “cara” não tiver chance de ganhar, ele muda.

*O senhor acredita ser possível recuperar o prejuízo que está sendo provocado pelo Bolsonaro?*

A área da ciência está muito prejudicada pelo governo. Veja, tenho convicção que não casa muito com o que o conglomerado científico defende. Só se consegue chegar a algum lugar quando se concentra recursos e poder em alguns locais. Lula não fez isso. Deu muito dinheiro para o sistema, isso é verdade. Mais do que dobrou o orçamento. Ele é sensível, sabe que tecnologia é importante. Mas onde concentrou dinheiro, só aqui no CNPEM que deram dinheiro a mais. Porque tem essa coisa dessa falsa democracia de que tem que ser distributivo, dar 500 reais para cada e ninguém vai fazer nada com isso. Ou seja, tem um monte de gente que tem pouco dinheiro e não consegue fazer nada. Então, tem que concentrar em alguns projetos. Lula não fez isso. Mas acho que está entendendo agora. Acho que o CNPEM é um bom exemplo. O que conseguimos no CNPEM, graças a uma confluência de competências e de recursos, é inesperado no Brasil. Veja o que aconteceu com o INPE, que faz um trabalho de necessidade nacional, estratégico. Ele foi abandonado. Em uma época, houve uma certa concentração, mas que aconteceu pela necessidade e não pela convicção de que só isso faz com que a ciência avance. E o mundo inteiro está fazendo isso agora. Os EUA sempre fizeram. Este é um momento muito ruim para a ciência no Brasil.

Mas não é a ciência que vai resolver o Brasil. A educação é mais importante. Eu reconheço. É preciso, não precisa aumentar muito, mas a qualidade das universidades, o ensino médio e o ensino profissional têm que ter apoio mais decisivo do governo. Não pode ser um projeto qualquer. Têm que ser projetos muito bem pensados. E temos gente competente nessa área. A educação precisa voltar a ter um apoio decisivo. Mas esse ministro da Educação dizer que o Brasil precisa de poucos estudantes de nível superior é de uma... Tudo bem se a Inglaterra dissesse isso porque têm bastante ou os EUA.

Mas o Brasil? E os EUA ainda vão buscar mais gente fora para a área de ciência e tecnologia. O Brasil está mandando gente embora.

*O país vive essa fuga de cérebros. Isso pode ser recuperado?*

Pode ser que alguém volte se as condições forem satisfatórias, mas esse governo não percebe isso. Lula vai perceber isso, claro. Vai fazer um esforço pela ciência e tecnologia. Acho, inclusive, que vai ter uma boa assessoria porque já tem pessoas relacionadas com ele dessa área que vão fazer um bom trabalho.

*E com relação à cultura?*

A área cultural vai ser difícil se recuperar. É muito tempo perdido e estragado. Muita coisa foi abandonada. O pessoal responsável pela área cultural é uma lástima. Tudo isso é difícil de recuperar porque quando se tira uma coisa importante do lugar para colocar outra ruim, ela cria escola, cria raízes. Então, recuperar é sempre muito difícil. Na área de ciência também vai ser difícil, na educação. A cultura toda está um pouco desqualificada. Aliás, o que tenho achado de excepcional é a qualidade dos jornalistas brasileiros de hoje. Jovens com uma percepção muito grande. Não havia isso no tempo em que trabalhei da *Folha de S.Paulo*. Hoje, a *Folha* tem comentaristas muito bons. Sei que tem um viés, é uma empresa, tem os empresários, né? São pessoas também com alguma qualificação intelectual. Entretanto, acho que os jornalistas na *Folha* hoje são muito mais competentes do que na minha época, apesar de que havia grandes nomes como Janio de Freitas, mas falo da quantidade, a diversidade de gente boa.

*Sobre o movimento bolsonarista, alguns o tratam como fascista. Outros dizem que tem traços fascistas. A Focus apontou elementos sobre a relação entre Bolsonaro e grupos neonazistas. Na sua opinião, esse tipo de pensamento sempre esteve presente ou passa a ter força e a se organizar a partir de acontecimentos mais recentes como a Lava Jato?*

Durante o governo Geisel, os neonazistas chegaram a tentar colocar uma bomba na minha casa. Havia um movimento, pouca gente possivelmente. Mandaram cartas ameaçando. Invadiram a casa do Mário Schenberg, agrediram a esposa dele. Invadiram o meu escritório na UNICAMP e arrasaram com a minha documentação. Tentaram sequestrar o filho da minha secretária, porque consideraram que ela era muito próxima de mim. Há uma atividade neonazista subterrânea que sempre existiu. Tem sedes em Florianópolis, Curitiba, mas só por ali. E isso sempre existiu. Acho que o nazismo em si é uma coisa da natureza humana. Existe essa, digamos, deficiência parcial da natureza humana em que o indivíduo privilegia suas próprias coisas, não se pensa no próximo. Há muitos componentes comportamentais do nazismo e é difícil dizer o que é um neonazista mesmo. Mas é um engano pensar que chegou agora. Ele está aí. Eu não dou muita bola para neonazistas. Acho que é uma coisa pequena, vai sempre ter 500 mil pessoas com esse pensamento. Muitos daqueles que estiveram lá no Sete de Setembro dos bolsonaristas, são esse tipo de gente. Não são conscientemente neonazistas, são pessoas que têm um viés psicótico grave.

*Mas o senhor acha que essa reorganização vem de um algum fato recente ou simplesmente aconteceu?*

Não saberia dizer. A presença do Bolsonaro incentiva a existência desses grupos, claro. Veja o motoqueiro, talvez não seja má pessoa. Mas na hora em que aparece um cara como esse que possa ser líder e líder deles, faz se sentirem assessorados e consentidos, então esse pessoal acaba seguindo Bolsonaro. Seguem-no porque ele existe, está aí e atrai certas coisas. A mesma coisa aconteceu na Alemanha. Era um país extremamente civilizado e de uma hora para outra se torna nazista, manda matar judeus, poloneses, todos os diferentes que encontraram pelo caminho. Isso é uma perversão que nasce no indivíduo, mas que acaba entrando em aceleração por causa de pes-

soas que seguem esses líderes. Esse é um fenômeno histórico. Atrás desse líder se formam batalhões. Quando Bolsonaro se candidatou, escrevi um artigo alertando sobre isso. O problema não é Bolsonaro. É ele como líder, com potencial que tem um presidente da República de atrair simpatia. Quanta gente não foi atrás do Bolsonaro porque ele era um centro símbolo de poder?

*O padre Julio Lancellotti falou algo importante, que é sobre o quanto é fundamental que não percamos o fio da história. Existe esse risco? É um pouco parte da nossa crise atual?*

Perigo existe. Já escrevi sobre isso. Não se deve brincar com Bolsonaro. Ele é um mal e é necessário construir uma estratégia para derrubá-lo. Não vai cair sozinho. O perigo das forças decentes é achar que ele não é um problema – “Ah, não, ele vai cair”... “Ah, o Lula está muito melhor”. Se ele conseguir esse dinheiro para os programas sociais, ele vai conseguir levar gente para o lado dele, não adianta tentar alertá-los. A questão é que depois da eleição ele nunca mais vai dar dinheiro para as políticas sociais. Muita gente que hoje o critica, vai deixar de criticá-lo. Para mim, ele continua um perigo. E é preciso que os líderes políticos do país se entendam. Senão vai ser um desastre equivalente ao que aconteceu na Alemanha.



## Marilena Chaui

*Por Pedro Camarão e  
Alberto Cantalice*

Aos 80 anos, Marilena Chaui se mantém uma crítica feroz do Neoliberalismo e da agenda imposta ao Brasil desde a derrubada de Dilma Rousseff da Presidência da República, em 2016. Ela não tem papas na língua ao apontar a atuação irresponsável da burguesia nacional, carente de projetos para a Nação, e indiferente ao desmantelamento institucional que o país experimenta nos últimos cinco anos.

“A democracia não é uma forma de governo, é uma forma de sociedade, de criação de direitos e de realização de direitos”, lembra. “Então, numa sociedade que é hierárquica, oligárquica, autoritária e violenta, você não tem criação de direitos e quando tem direitos criados não se tem a garantia e a conservação deles. Isso é o que nós somos”.

Professora da USP, nascida em Pindorama, ela diz que não se pode comparar o momento atual com o que o Brasil viveu com o Golpe de 1964, quando João Goulart foi deposto numa quartelada. Aponta que, apesar de algumas similaridades, muita coisa mudou, inclusive as Forças Armadas, que perderam um compromisso com a formação nacional.



“A estrutura da sociedade é a mesma, a tendência aos golpes de Estado permanece, a maneira pela qual a burguesia brasileira mantém o poder é através do controle direto que tem sobre os chefes de Estado, mas não tem projeto, não tem programas, as Forças Armadas estão vinculadas ao mundo neoliberal e o anticomunismo pega nesses 25%, 27% do eleitorado [de Bolsonaro]”, ressalta.

Nesta entrevista à *Focus Brasil*, Marilena Chaui diz que a possibilidade de Lula se eleger em 2022 é alta, mas a brutalidade da disputa política será um teste para as esquerdas, que precisam de unidade de ação. Ela avalia que o grande teste será depois da vitória, porque haverá muita expectativa e a cobrança incessante do mercado e da grande mídia.

“Será complicadíssimo. É por isso que a unidade da esquerda é tão importante. Mas, ao mesmo tempo, precisamos desmontar o discurso da política como gestão”, adianta. “A extrema direita, o Bolsonaro está se encarregando de desmontar enquanto força política. Ela continua sendo uma força eleitoral, mas como política, ele a desgastou. Mas os liberais vêm com tudo com a ideia de que não é preciso fazer política, é preciso gerir. E a primeira crítica através da Rede Globo que vai ser feita a um governo de esquerda e a um governo Lula vai ser essa”.

**Focus Brasil – Como a senhora enxerga essa recente divisão na direita brasileira?**

**Marilena Chaui** – A minha impressão é a de que havia um projeto da extrema direita e de uma parte da chamada direita liberal, da qual o [governador João] Doria faz parte. A ideia era que a figura do Bolsonaro interessava porque ele era tomado a partir da incompetência política. A ideia era: “esse cara politicamente é ignorante e, portanto, nós vamos controlá-lo”. Exercer um controle sobre alguém que na cena política se apresentava sempre como um incompetente. E, além disso, todo o vínculo dele com Olavo de Carvalho e com a “terra pla-

na”, “evolução das espécies é mentira”, “teoria da relatividade não tem fundamento” – ou seja, todos esses pronunciamentos e mais o vínculo com o fundamentalismo religioso, tornavam o Bolsonaro uma figura apetecível, primeiro de tudo para a direita. Antes de ser para a extrema direita, estou pensando na Faria Lima e companhia. Como aquele que, dada a sua absoluta incompetência, é perfeitamente controlável. O que eles não esperavam era a entrada em cena da extrema direita, o fato que a extrema direita tinha agenda e que, para ela, Bolsonaro não era o incompetente controlável, era a “ponta de lança”.

E como foi possível fazer o casamento entre essas duas imagens, já que elas são incompatíveis? Como a imagem da “ponta de lança”, que vem da extrema direita, e a imagem do “incompetente controlável”, que vem da direita. Como elas puderam se fundir? A minha interpretação é do que acontece com a política no universo neoliberal. O que nós temos assistido, vimos a tentativa de isso acontecer nos EUA, a tentativa de fazer isso acontecer na França, no Reino Unido e, evidentemente, no Brasil, que é um processo de desinstitucionalização do espaço público. Na medida em que o neoliberalismo opera – e é por isso que digo que ele é totalitário –, com uma única forma de organização que deve ser a organização de todas as esferas da sociedade e do próprio Estado, que é a ideia da empresa. As instituições sociais são todas empresas a serem geridas e o Estado é uma empresa a ser gerida. Bom, como funciona uma gestão empresarial quando há conflito, seja interno ou externo? Ela não funciona senão por um único meio, que é o que ela dispõe, o Judiciário. As questões, os conflitos, as contradições são sempre transformados em questões jurídicas. Então, isso o que a gente chama de judicialização da política é, na verdade, a expressão dessa desinstitucionalização do espaço público, a desinstitucionalização da política, a impossibilidade de trabalhar efetivamente os conflitos políticos e econômicos a não ser sob a forma jurídica, sob o império da lei.

O que eu penso que o Bolsonaro exprime é este instante complicado, um conflito entre a judicialização e a ditadura. Ele tem uma

enorme dificuldade – era isso que eles não esperavam que fosse ter – para lidar com essa desapareção da política sob a sua forma jurídica.

*Há um paradoxo.*

Bolsonaro não é capaz de lidar com isso. Só é capaz de fazer o enfrentamento, de pôr em dúvida isso, ininterruptamente, de acelerar e aumentar o conflito. Bolsonaro vive numa esfera anterior, do ponto de vista ideológico, a isso que ocorre na esfera neoliberal de desinstitucionalização da política. Ele opera numa esfera na qual o espaço privado define todas as decisões e todas as ações que vão aparecer no contexto público. Então, você tem, do lado neoliberal oficial, aquele que tem Legislativo, Judiciário, mundo empresarial, esse universo da gestão jurídica do conflito que é incompreendido pelo Bolsonaro, inaceitável para a extrema direita. Ele opera, portanto, pela produção de um terceiro conflito. Você tem o conflito da extrema direita com a esquerda, você tem os conflitos no interior da direita resolvidos pela via jurídica e depois você tem os conflitos com a extrema direita que põem em dúvida essa maneira de reinstitucionalizar o conflito pela via jurídica. Então, você tem a produção do caos. Quando se esperou controlar o Bolsonaro, tenho a impressão de que se esperava colocar um cara como o Guedes e um conjunto de asseclas para fazer o serviço e deixar Bolsonaro fazer o papel que se espera que faça e tem feito. Esse papel não teria maiores consequências se não fosse esse quadro que explicitarei.

*Qual é o papel do Bolsonaro?*

Eu vou dar a imagem desse papel. Quando você vai ao circo há um momento, depois que o apresentador falou com o respeitável público, no qual precisam ser montadas infraestruturas para o espetáculo acontecer. É preciso preparar a cena. Há uma série de coisas do nível de infraestrutura para que o espetáculo possa acontecer. No entanto, o respeitável público vai ficar impaciente, então existe uma figura que tem como função segurar a atenção e a presença do respeitável público enquanto o circo de verdade se organiza. Essa

função é do palhaço. É produzir uma série ininterrupta de eventos enquanto o picadeiro vai tomando forma. Eu vejo o Bolsonaro realizando isso. A coisa seria menos complicada se ele realizasse isso na forma clássica da palhaçada. Mas ele dispõe de dois grandes instrumentos que tornam essa palhaçada cruel e muito perigosa. Ele tem as redes sociais e parte das Forças Armadas. Então, ele tem um universo potente no nível da opinião por meio das redes sociais e um universo potente por meio da ameaça contínua de um golpe.

*A senhora viveu o Golpe de 1964. As marchas da família, o conservadorismo daquela época, a senhora consegue ver similaridade entre as ações dessa extrema direita com aquelas que foram para as ruas no eixo Rio-São Paulo lá atrás?*

Olha, existe uma e existe nenhuma. A similaridade é a estrutura da sociedade brasileira. Você tem uma sociedade vertical, hierárquica, oligárquica, autoritária e violenta. Ela é isso e ela usa ininterruptamente, como é sua função, o aparelho do Estado para fazer isso. Raramente, deixa entrever o que ela é só no nível social. Ela faz com que isso se estabilize pelo modo como opera no aparelho de Estado. Isso é um dado que percorre a nossa história. Tinha em 1964, tinha em 1968 e tem agora. Existe essa estrutura social. Normalmente, a gente tenta analisar a partir do Estado e não é. É preciso analisar a partir da formação social. Nós não temos uma formação social democrática. Por isso a democracia não funciona, por isso não dura. A democracia não é uma forma de governo, é uma forma de sociedade, de criação de direitos e de realização de direitos. Então, numa sociedade que é hierárquica, oligárquica, autoritária e violenta você não tem criação de direitos e quando tem direitos criados não se tem a garantia e a conservação deles. Isso é o que nós somos. Então, se você vai procurar uma semelhança, eu diria que isso está lá em 1822, em 1889, em 1930, em 1937, em 1964 e em 1968. Agora, isso assume aspectos diferenciados. Mas é essa classe dominante,

autoritária, oligárquica e violenta que está no poder. Se é para estabelecer uma semelhança, acho que é preciso estabelecer de 1822 até agora, porque a história política do Brasil é uma história de golpes de Estado. A proclamação da Independência é um golpe de Estado, a proclamação da República é um golpe de Estado, a República nascida da chamada Revolução de 1930 é um golpe de Estado. 1964 é um golpe de Estado. A história brasileira, em momentos minúsculos, conhece um instante de política no sentido mais comezinho da compreensão liberal da política. O que se tem é a realização, pura e simplesmente, da via autoritária do poder.

### *E as diferenças?*

Primeira diferença, sob a orientação do Departamento de Estado norte-americano e da Operação Brother Sam, criada pelo [John] Kennedy na luta contra Cuba e pegando, portanto, a ideia da bilateralidade e de que “as Américas são nossas”, desceu para as Américas inteiras um programa econômico e um projeto político. A condição para a instauração desse programa e desse projeto feito pela chamada Aliança para o Progresso – que era a política do Kennedy – foi a convocação e a formação dos militares da América Latina para uma tomada do poder de uma determinada forma e eles fizeram na América Latina inteira.

Este ponto nós não temos, ou seja, não existe um projeto latino-americano e muito menos um projeto brasileiro em termos econômicos e políticos. Não tem projeto. Essa é uma diferença enorme. Quando os militares diziam que tinham realizado uma revolução, na cabeça deles, eles tinham. Eles estavam propondo o projeto do Brasil grande, do Brasil potência que os EUA tinham prometido. Imagine se o Olavo de Carvalho é capaz de pensar um projeto para a nação, se o Kim Kataguiri é capaz de um projeto para o Brasil. No lugar do projeto, se tem uma coisa interessantíssima, que é o que dá ao Bolsonaro o poder junto às armas. Quando a gente fala do número de

militares no governo e nos governos, eles não estão presentes lá como militares, eles estão presentes como aqueles que galgaram um posto no mundo neoliberal de formação rápida de riquezas e interesses econômicos. Então, eles estão agarrados aos cargos, não para a realização de um projeto nacional, mas por interesses econômicos pessoais e às vezes corporativos. Essa é uma diferença profunda.

*Soluções diferentes para crises institucionais diferentes...*

É isso que faz com que o “cara” saia no dia 7 de setembro e o golpe não aconteça. Ele prepara o golpe, ele monta o esquema dos caminhoneiros e o golpe não acontece, porque não interessa para esses militares que estão no governo alterar a situação na qual eles estão, por enquanto. Isso é muito instável, pode ser que amanhã seja outra coisa. Isso faz uma diferença grande. As Forças Armadas de 1964 não são as Forças Armadas de 2021.

Em 1964 não havia a percepção da possibilidade de um golpe. Como a coisa estava estruturada, você tinha a Aliança para o Progresso caminhando não por meio do governo federal porque o Jango estava lá. Caminhava por meio de governos estaduais. Havia governadores e legislativos sendo inteiramente patrocinados ideologicamente e financeiramente pela operação da Aliança para o Progresso. Por outro lado, havia do lado ideológico um aglomerado de deputados estaduais e federais que estavam fazendo a tarefa da desestabilização. Em São Paulo, por exemplo, se tinha Auro de Moura Andrade, Cunha Bueno e você tinha o governador Adhemar de Barros. Em Minas, tinha o Magalhães Pinto. Então, se tinha uma infraestrutura no universo político de governadores e de deputados estaduais e federais vinculados ao projeto da Aliança para o Progresso. Eles se unem à extrema direita da Igreja, a dom Jaime de Barros Câmara, e começam aquilo que na década de 1950 e, depois, no início de 1960, funcionava para a classe média que era o horror, o pânico do comunismo. A ideia era que você tinha que salvar o país do comunismo.

Ao mesmo tempo em que você tinha tudo isso sendo montado, como estava funcionando do ponto de vista dos que estavam à esquerda. [Miguel] Arraes estava realizando as Ligas Camponesas e o projeto educacional do Paulo Freire e aquilo estava germinando e progredindo no Nordeste. [Leonel] Brizola estava fazendo coisas semelhantes no Rio Grande do Sul. Eles não estavam pensando em uma reação que pudesse haver. Jango estava convencido de que existia um racha na Igreja e nas Forças Armadas e a ideia deles era de que o golpe não aconteceria porque as Forças Armadas estavam divididas e esse foi um equívoco monumental que cometeram.

*Agora não têm projeto.*

A estrutura da sociedade é a mesma, a tendência aos golpes de Estado permanece, a maneira pela qual a burguesia brasileira mantém o poder é por meio do controle direto que tem sobre os chefes de Estado, mas não tem projeto, não tem programas, as Forças Armadas estão vinculadas ao mundo neoliberal e o anticomunismo pega nesses 25%, 27% do eleitorado dele. Não pega mais sobretudo no grande eleitorado popular porque houve o governo Lula e o governo Dilma. Houve a experiência de governos de esquerda sem que acontecesse o Doutor Jivago, que era, por exemplo, o que a Globo exibia toda noite durante a campanha eleitoral de 1989, na campanha do [Fernando] Collor.

Então, para essa comparação com 1964, 1968 ou com o Collor, eu vou usar uma imagem que me parece muito propícia: a História acontece no mínimo sempre duas vezes. Na primeira, como tragédia. Na segunda, como farsa. Não que a farsa não seja uma coisa terrível. Ela não é uma comédia, ela é uma farsa. Então, como disse um conhecido meu, o 7 de setembro foi o “18 Brumário” que não aconteceu. Não tem estrutura para que aconteça. A burguesia se deu conta não de que não tem controle sobre Bolsonaro, não tem o controle sobre nada da economia. Na hora em que pegou o Capital de jeito e pode estraçalhar aqui, não. Eles não aceitam.

*O bolsonarismo que ascendeu tão rápido, já está em decadência? Pelo que a senhora disse, o que levou o Bolsonaro ao poder não se repete, ele não vai conseguir enganar as pessoas de novo. Então, só o que sobraria para ele seria o golpe, é isso?*

Eu vejo assim. Mas eu não acho nem que seja porque ele não consegue mais enganar. É que o que se esperava dele, não cumpriu. Ele se desmanchou por isso, porque foi uma aposta feita de um lado – “é um fantoche que vamos puxar os fios” – do outro lado, da extrema direita – “é aquele que vai dar as armas e o país para nós”. E ele não cumpriu nenhuma das duas. Eu não acho tanto que é porque o governo é um desastre. Dentro do que eles estavam se propondo, fizeram muita coisa, olha o desmatamento. Mas eu acho que é porque dos dois lados havia um pressuposto que não foi cumprido. E ele poderia ter feito isso. Na hora em que ele comprou o Centrão, tinha a faca e o queijo na mão. Veja que o *impeachment* não sai nunca. A CPI da COVID vai mostrar coisas inenarráveis e estamos vendo a ponta do *iceberg* porque o que eles têm de documentação é uma coisa absolutamente gigantesca, mas não vai acontecer nada a não ser o desgaste dele e o isolamento em que vai ficar.

*A partir desse desgaste do Bolsonaro, qual a senhora acha que seja o desafio da esquerda brasileira para conseguir voltar ao poder em 2022?*

Primeiro, eu acho que a gente precisa modular melhor a expressão “união das esquerdas”. E eu vou começar com uma coisa que é o contrário disso para poder chegar na minha conclusão. Uma das coisas mais ricas, historicamente mais interessantes, é a pluralidade da esquerda. Por que há uma pluralidade? Porque ao contrário da direita que, simplesmente, exerce o domínio econômico, social e o poder político e, portanto, pode ter um pequeno conjunto básico de ideias que serve para toda ocasião, no caso da esquerda existe uma reflexão contínua sobre a realidade, uma análise contínua. Existem



perspectivas de análise diferentes, então, ao invés de considerar, como todo mundo considera, que a pluralidade e as divergências no interior da esquerda são um mal, elas são um bem. É isso o que faz com que as esquerdas, ininterruptamente, tenham presente um fantasma que elas têm que combater, que é o fantasma do dogmatismo. Mas existem três ou quatro pontos comuns e quando falamos em união temos que ir em busca desses pontos comuns que permitem, na pluralidade de perspectivas, operar em conjunto. Então, quando eu falo que nós vamos ter que unir as esquerdas, é nessa perspectiva. O que temos que ter juntos é um projeto e um programa, sem abdicar das nossas diferenças.

Agora, é claro que a gente quer a vitória do Lula. A gente precisa da vitória do Lula. O Brasil precisa. É a primeira vez que eu digo uma coisa dessa na minha vida. Mas o Brasil precisa. O que aconteceu conosco foi de tal ordem, de tal desestruturação, de tamanha bandagem, canalhice, crueldade e ódio, chegou a um ponto tal que a gente precisa de alguém que tenha a força política, a força moral e a força psicológica para dizer “chega”. E o Lula tem. Agora, vai ser uma tarefa hercúlea porque você vai ter que refazer o Brasil, refazer as instituições. A economia vai se virar, a gente sabe que o capitalismo se vira. A questão é o social e o político que foram desmanchados.

Primeiro, refazer o conceito de política e o interesse e o respeito pela política, não fazer da política uma coisa odiosa e odienta. Porque é o que você vê, quando você vê essa bandagem, porque eles são *gangsters*, a tendência do senso comum é dizer que a política é isso. É importante que a gente desmanche isso desde agora porque se o Doria for candidato, esse vai ser o discurso dele. E esse foi o discurso do Collor: “eu sou um gestor, eu não sou um político”. É por isso que eu tenho me empenhado tanto em fazer a crítica do neoliberalismo, do ponto de vista político, como a ideia de que o Estado é uma empresa e que você precisa de um gerente. Porque gestor é isso. Gestor é a palavra elegante, moderninha e engraçadinha para falar gerente.

Mas desde quando o Estado precisa de um gerente? Então precisa desmontar desde já a ideia de que a política é gestão. O discurso que o tal centro vai trazer é esse. Vão dizer que não farão política porque política é politicagem e ainda vão dizer que vão proteger do comunismo, vão gerir.

Então, eu diria que a tarefa vai ser hercúlea, gigantesca. Porque uma coisa é você pegar o governo depois do PSDB, depois do Fernando Henrique. Outra coisa é você pegar depois do Temer e do Bolsonaro. E num primeiro momento vai haver uma expectativa popular tão grande que vai ser frustrada. Será complicadíssimo. É por isso que a unidade da esquerda é tão importante. Mas, ao mesmo tempo, precisamos desmontar o discurso da política como gestão. A extrema direita, o Bolsonaro está se encarregando de desmontar enquanto força política. Ela continua sendo uma força eleitoral, mas como política, ele a desgastou. Mas os liberais vêm com tudo com a ideia de que não é preciso fazer política, é preciso gerir. E a primeira crítica por meio da Rede Globo a ser feita a um governo de esquerda e a um governo Lula será essa.

*Aos 80 anos, depois de tudo isso que vivemos e da visão crítica que a senhora tem sobre a classe média e a elite brasileira, a senhora continua otimista quanto ao nosso futuro?*

Olha, eu não diria que eu sou otimista. Eu sou cautelosa. Tudo o que eu falei aqui dá mostras de uma visão cautelosa. Mas eu acho que nenhum de nós à esquerda tem o direito de não trabalhar com a esperança. Temos a obrigação política, ética e intelectual de descortinar as possibilidades do futuro. Eu sempre digo que “a luta continua” porque é preciso fazer isso. Veja, Spinoza – eu quero encerrar com o meu filósofo do coração e da cabeça – diz que nós somos seres essencialmente afetivos, que nós sentimos o que se passa no nosso corpo, na relação do nosso corpo com os outros corpos e na nossa relação com os outros. Nós somos sentimentos.

Nosso pensamento é um tipo de sentimento. Spinoza diz que é um desejo racional ou é uma razão desejante. Pensar é um desejo, é um afeto. E ele diz que existem três afetos que estão na origem de todos os outros e de tudo o que nós somos: a alegria, a tristeza e o desejo. A alegria não é ficar “contentinho”. Alegria é aumentar a capacidade de existirmos e dos outros existirem também. É aumentar a potência do nosso ser. Os afetos de alegria aumentam a potência da nossa existência, do nosso ser e dos que nos rodeiam. A tristeza faz exatamente o contrário. A tristeza abaixa a nossa potência existencial, a nossa potência de sentir, a nossa potência de pensar e a dos outros. E o desejo é o que nos leva a fazer alguma coisa. Entre os afetos de alegria, Spinoza coloca o amor e a esperança, e entre os afetos de tristeza ele coloca o ódio e o medo. O medo e a esperança se opõem e o amor e ódio se opõem e a oposição é entre o que faz crescer a nossa força vital, a nossa força de pensamento, a capacidade transformadora do nosso desejo e aquilo que mata isso na raiz. Então, entre o medo e a esperança, eu escolho a esperança.



## João Manuel Cardoso de Mello

Por Bia Abramo<sup>1</sup> e Pedro Camarão

João Manuel Cardoso de Mello tem grandes preocupações com o Brasil. Aos 79 anos, o professor, autor de *O capitalismo tardio*, clássico da história econômica brasileira, e um dos fundadores da Unicamp afirma que estamos de volta no tempo mais de cem anos.

“Em 1920, o Brasil era um país horroroso, 80% da população no campo, um grau de analfabetismo – o Censo dá 60%, mas está errado porque, por exemplo, as mulheres não eram alfabetizadas...”, lembra. “As pessoas precisam entender que o nosso problema não é só o Bolsonaro. Claro, o Bolsonaro é um problema, mas as coisas são muito mais complicadas do que isso. O país foi destruído”.

Para ele, os desafios na reconstrução do país são imensos e vão demorar muitos anos para recuperar o atraso. E dá sua receita para a reconstrução brasileira: “É preciso dinamizar o gasto social, os gastos de infraestrutura e reestruturar a indústria”, aponta.

---

<sup>1</sup> Jornalista especializada em comunicação digital, fundadora e colaboradora do coletivo Jornalistas Livres. Coordenadora das redes sociais do vereador Eduardo Suplicy (PT), criou o núcleo de comunicação digital na Secretaria de Comunicação da gestão de Fernando Haddad (PT, 2013-2019). Como docente, trabalhou na Faculdade de Campinas (Facamp), no curso de Jornalismo onde ministrou disciplinas de técnicas de redação e reportagem em jornalismo online, desenvolveu a especialização em Jornalismo Cultural.

João Manuel é conhecido pelas análises argutas – e sempre francas. Para essa entrevista, recebeu a revista *Focus Brasil* em sua casa, em Campinas, com três calhamaços de xerox encadernados, correspondentes aos capítulos prontos de um trabalho que está sendo escrito em parceria com os professores Marília Tunes Mazon e Davi José Nardy Antunes.

A ideia do trabalho é fazer uma fotografia da debacle econômica brasileira da década de 1980 para cá e uma análise das regressões sociais, políticas e culturais desse declínio. João Manuel, antes que fizéssemos qualquer pergunta, já começou dando uma resposta.

**João Manuel Cardoso de Mello** – Eu gostaria de primeiro dizer sobre o que quero falar. Nesses últimos anos, essa ofensiva neoliberal massacrante fixou um campo de discussão falso, que não nos interessa. Nós temos que deslocar o eixo da discussão, certo? Não quero saber se a Bolsa vai subir ou baixar, se a Selic vai subir ou baixar. Não é esse o meu problema. O meu problema é saber o que aconteceu no Brasil nos últimos 100 anos e reintroduzir temas como desenvolvimento, planejamento, desigualdade, justiça social, cidadania, espaço público etc. É isso. Não quero falar sobre o que falam os funcionários do dinheiro.

**Focus Brasil** – *Nós também não queremos.*

O grande problema é que isso foi tão brutal que muita gente de esquerda caiu dentro do alçapão que eles montaram. Eu tomo 1920 como marco. Em 1920, o Brasil era um país horroroso, 80% da população no campo, um grau de analfabetismo – o Censo dá 60%, mas está errado porque, por exemplo, as mulheres não eram alfabetizadas... Nós exportávamos café e mais nada, tínhamos uma indústria de bens de consumo leve: tecido, bebida. E se você olha o mundo, o atraso cultural brasileiro é uma coisa louca. Eu me refiro às artes. Não tinha nada. Estávamos a quilômetros dos países desenvolvidos.

### *O que tinha nos países desenvolvidos?*

Por exemplo, na indústria tinha petróleo, eletricidade, motor à combustão interna que produz carro e avião, a indústria de bens de consumo eletrônicos, aço. Então, o atraso era terrível, assim como era na literatura, na música, na pintura... Quando você corta e vai para 1970, 1980, o Brasil está a um passo de ser um país industrializado. Em um espaço de 50 anos, o Brasil consegue construir uma economia industrial. É o caso de maior êxito do desenvolvimento no século 20 até aquele momento. Nós crescíamos a taxas superiores às do Japão, por exemplo.

O padrão tecnológico ficou mais ou menos estável. Nós fomos copiando tudo. Quando, em meados dos anos 1970, começa a aparecer a coisa da tecnologia da informação e da comunicação, as pessoas diziam que nós estávamos muito atrasados – e não estávamos no que diz respeito ao domínio tecnológico. Estávamos muito bem-posicionados e com uma oposição terrível dos americanos.

De repente, você olha hoje e o Brasil é um país de quinta categoria. Quer chamar de declínio, chame. Quer chamar de decadência, chame. Chame do que quiser. Por isso que as pessoas precisam entender que o nosso problema não é só o Bolsonaro. Claro, o Bolsonaro é um problema, mas as coisas são muito mais complicadas do que isso. O país foi destruído.

### *Como começou essa destruição?*

Começou com a crise da dívida e quem começou a crise da dívida foram os militares. Primeiro erro. Os militares não eram contra a industrialização. Quando eles assumiram o poder em 1964 – tem uma discussão idiota se era civil-militar, mas não existe nenhum regime só militar no mundo. Eles eram a favor da industrialização, já desde o tenentismo. O tenentismo, na década de 1920, tinha gente de esquerda como [Luiz Carlos] Prestes, Siqueira Campos etc., mas você tinha o tenentismo de direita que era o de Juarez Távora, que era elitista.

Os militares, em 1964, eram industrializadores e elitistas: o “Brasil, grande potência”. É importante frisar que essa não era a nossa ideia, que ia no sentido de criar uma civilização nos trópicos. Esse era o nosso projeto: uma civilização democrática nos trópicos e é exatamente isso que foi abortado em 1964. Eles avançaram a industrialização e, evidentemente, tinham horror a povo. Horror. Tem uma carta do Juarez ao Prestes que diz isso já na década de 1930 – “esse povo não pode se pronunciar, são ignorantes”. “O povo tem que ser dirigido por uma elite”, isso é o que era a cabeça deles.

Como a coisa começou a desandar? A economia foi toda reestruturada pelo Roberto Campos, que preparou, e o Delfim Neto deslanchou o crescimento. Deu no chamado “milagre brasileiro”. Chegou em 1973, no mundo a crise do petróleo e aqui no Brasil, em 1974, tem a votação estrondosa do MDB na eleição. Eu me lembro que eu estava na casa do dr. Ulysses [Guimarães] para ver os resultados eleitorais e a gente arregalava o olho porque ninguém esperava aquilo. Por exemplo, o [Orestes] Quéricia, do MDB, ganhar do candidato da Arena, Carvalho Pinto [eleição para o Senado]. Foi uma avalanche. Diante da crise do petróleo – lembrem-se, o Brasil não produzia petróleo naquele tempo, importávamos 85% do que consumíamos – o preço do petróleo disparou. Eles [os militares] tinham levado uma lambada eleitoral e começa uma discussão dentro do governo Geisel – “vamos ajustar a economia?”. Precisava encolher, a maioria do mundo encolheu. E eles não encolheram porque achavam que se encolhessem seriam postos para fora. Resolveram, então, manter o crescimento a qualquer custo. Para isso, era necessário tomar dinheiro emprestado lá fora, tomar os “petrodólares” que eram reciclados pelo sistema financeiro europeu, por bancos americanos na Europa. Aí teve a crise da dívida.

Nós estávamos na oposição, no MDB do dr. Ulysses, e a nossa posição era pela renegociação da dívida ou moratória e eles o que fizeram? Fizeram um ajuste recessivo. O Delfim fez duas desvalori-

zações do câmbio, em 1979 e em 1981, para mudar os preços relativos, isto é, para ficar mais lucrativo exportar do que vender aqui.

*Lembro do slogan de TV: “exportar é o que importa”.*

Sim. Quem fez essa besteira de tomar dinheiro dos “petrodólares”, achando que a taxa de juros iria ficar estável, foi o Mário Henrique Simonsen e o Fernão Bracher. Eles achavam que a taxa de juros iria ficar mais ou menos estável. Os títulos eram tomados pela taxa de juros de Londres (Libor). Mas aí em 1979, o Paul Volcker [ex-presidente do FED] resolveu reafirmar a supremacia do dólar e desvalorizou o dólar uma barbaridade. Acabou. Os EUA resolveram reimpor a hegemonia monetária que estava sendo ameaçada pelos japoneses e isso danou com tudo aqui. Veio a crise da dívida. Na década de 1980, a elite – isso é muito importante – a elite abandonou a nação e o povo. Nós ficamos falando sozinhos. “Elite” que eu estou falando é, especialmente, econômica. Coloca entre aspas porque eles são, em geral, semiletrados. É a década perdida. Se você olhar a taxa de crescimento dessa década, ela não é ruim. É até razoável, mas esse não era o problema. O problema foi que o país parou.

Eu me lembro de uma discussão horrível que tive na Fiesp. Eu disse: “a indústria brasileira vai acabar”. Isso era evidente se você conhecesse o que estava acontecendo lá fora. Se tem um negócio andando lá fora e você tá parado, você está perdido. Qualquer pessoa de bom senso sabe disso. A indústria lá fora estava se transformando, era a terceira revolução industrial das tecnologias de informação e comunicação. E você está parado, ficou para trás já na década de 1980.

*Por que a elite econômica brasileira é subserviente ao mercado internacional?*

Ela só pensa em seus interesses econômicos, não tem nenhum compromisso com a nação. No entanto, antes é preciso entender que na década de 1980 já vai surgindo o rentismo – e eu vou esclarecer o que é o rentismo. O rentismo é você tirar uma renda de qualquer



ativo. Por exemplo, você tinha uma superinflação e se você tivesse saldos de caixa, você ganhava mais do que gastava. Quem estivesse nessa situação se saía bem. O povão, não. O povão se danou. Aí montou-se o rentismo. O crescimento dos bancos que já vinha lá desde o Delfim e se tornaram gigantes.

Esse foi o primeiro passo para o rentismo, que hoje é o problema do país. Se alguém quiser governar aqui e não quiser enfrentar esse problema, é melhor nem ser candidato. Aí – estou fazendo uma exposição rápida para que seja possível entender o conjunto – vem o Fernando Henrique [Cardoso]. O FHC destrói o país, simplesmente. Ele cumpre o Consenso de Washington que tem dez pontos. Ele cumpriu os dez pontos e acrescentou um décimo-primeiro. A coisa dele era destruir a era Vargas, isto é, destruir os mecanismos que permitiram a industrialização. Ele destruiu tudo. Destruiu a indústria.

No final do governo dele, a indústria praticamente não valia mais nada porque era uma “casca”, como ela é hoje. Setores inteiros sumiram como eletroeletrônica, por exemplo, e outros ficaram uma casca, como por exemplo, o automobilístico que tem um componente importado brutal. O nosso atraso industrial hoje talvez seja maior do que o de 1920.

Uma das coisas que mais me impressiona no Brasil é a ignorância das pessoas que deveriam saber sobre o que acontece no mundo. Veja, nós não falamos na China. Onde estava a China em 1980? Estava ferrada. Era um horror, a China. Tem um livro de um chinês que compara o Brasil com a China. No começo dos anos 1990 houve uma discussão na China – havia uma corrente neoliberal lá – e o Deng Xiaoping falou: “Não, senhor. Nós vamos fazer uma reestruturação industrial”. Tocou para fora todos os neoliberais. Pronto. Olha a diferença. Aqui vem esse cínico desse Fernando Henrique. E ele agora diz o seguinte: “Eu abri a economia e o Brasil não aproveitou”. O presidente era ele!!! Olha se é possível isso. Ele ficou bravo

comigo porque numa das raríssimas entrevistas que dei, eu disse que ele entrou pensando que era Juscelino [Kubitschek] e saiu como um general Dutra. Ele destruiu a era Vargas, isto é, a industrialização brasileira. Ele disse que iria destruir e destruiu. Aliás, deve-se dizer que o único estadista que passou por aqui chama-se Getúlio Vargas.

*Por que o Vargas precisou impor uma ditadura?*

Você acha que derruba uma dominação cafeeira que estava fundada em comissários, bancos, a alta classe média e os banqueiros internacionais, como? Assoprando, batendo nas costas, com democracia no Brasil?

*Voltando à linha do tempo. O senhor estava falando sobre o período de FHC, e depois?*

Vem o *boom* da China, o Lula monta no *boom* da China e faz um governo socialmente avançado, especialmente, com relação ao salário mínimo que foi muito mais importante do que o Bolsa Família. O Bolsa Família é importante também, quem conhece o Nordeste como eu conheço sabe da importância desse programa. Lula fez uma política externa excelente com Celso Amorim, que é um craque, uma pessoa pela qual eu tenho o maior respeito. Ele segurou a agricultura, porque o FHC arrebitou a agricultura ao abaixar as tarifas. Então, ele segurou tudo, mas não fez política de desenvolvimento.

*E o senhor acha que o Lula poderia ter enfrentado os bancos?*

Um cara que tem 87% de aprovação, pode. Disseram ingenuamente que o Lula conseguiu favorecer os ricos e os pobres. É uma bobagem. Como diz o Olavo Setúbal, “o Lula foi o melhor presidente para os banqueiros”. O Lula é um gênio, mas ele não conhece a elite brasileira. Ele foi enganado. Eles falam, “você é formidável” e o Lula achou que por estarem ganhando dinheiro eles iriam gostar dele. Quando se começou a montar o MDB, o dr. Ulysses me ensinou: “Você vai se meter aqui no MDB, aprenda

uma coisa, tem a nossa turma e a turma deles”. O Lula não é da turma deles. O Lula pode encher eles de dinheiro e vão continuar dizendo que ele tem nove dedos, que é analfabeto e que é perigoso. Sem dúvida. O Lula não é um deles. Outro dia, encontrei um cara bem rico que me disse que entre Lula e Bolsonaro, ele vota no Bolsonaro outra vez. Nessa altura, é uma barbaridade dizer uma coisa dessa. Mesmo que ele estivesse mentindo, ele poderia dizer que votaria em branco.

*E o Paulo Guedes, o que você acha dele?*

Você sabe o apelido dele? É Beato Salú, da novela do Dias Gomes. O Beato Salú é débil mental. A economia brasileira foi deixada na mão dos banqueiros. Veja a Globonews, durante muito tempo eles só falaram mal do Bolsonaro. Do Paulo Guedes, nada. Era o cara do mercado financeiro. Agora, por que ficaram nervosos? Porque é um imbecil. Agora, quem colocou o apelido de Beato Salú, fomos nós? Não. Foram os amigos dele.

*E a Dilma, ela tenta enfrentar esse sistema?*

Não. O Joaquim Levy foi um completo desastre no governo Dilma. Ele vai entrar para a história como o cara que deu um choque de preço, um choque de câmbio, um choque de tudo. A Dilma foi minha aluna, foi minha amiga, mas eu avisei. Eu disse que a popularidade dela iria cair bruscamente. Nesse regime presidencialista corrupto que o Brasil tem, se o presidente não tem popularidade, ele não vale nada. É óbvio. No segundo mandato, ela afundou tudo de uma vez só. Aí você diz que “teve um golpe”, mas contra quem foi o golpe? Contra o Lula. Porque eles queriam tirar o Lula da eleição. Porque se o Lula fosse candidato em 2018, ele iria ganhar.

*Mas por trás desse golpe estavam os interesses dessa mesma elite de sempre?*

Havia. Não há dúvida nenhuma. E era para eliminar o Lula.

*Você acha que a democracia brasileira está em risco nesse momento?*

Não. Não, porque não se dá golpe sem a conivência dos americanos e dos ricos, e também não se dá golpe porque o Bolsonaro está com a “barra suja” no Exército.

*E o que aconteceu no dia 7 de Setembro?*

Isso foi uma porcaria. Não teve significação nenhuma para mim. Nós só não fazemos uma manifestação grande por causa da pandemia. Você vai ver, quando chegar em janeiro, se melhorar um pouco a vacinação, vão 1 ou 2 milhões de pessoas para a rua. Pode anotar aí. Mas vocês estão me fazendo sair da minha preocupação. Estou raciocinando a longo prazo, não estou pensando em eleição. Eu só estou avisando que a situação do país é de tal monta, que isso vai levar gerações para que se consiga colocar tudo de pé novamente. Esse é o meu ponto.

São ingênuas as pessoas que acham que vão trocar o presidente da República e o Brasil vai consertar. Isso é uma bobagem. Outro dia o Fernando Haddad falou bem, ele disse que precisa reestruturar o país. Agora, a reestruturação do país não é coisa de quatro anos. É preciso que as pessoas tenham consciência de que a coisa é feia, mas que existe uma janela.

*Nessa perspectiva de longo prazo, esse governo que aí está, junto com o que foi o de Temer...*

[interrompe] Isso é o ápice da podridão. Há um livro que eu gosto muito, que explica muitas coisas, da Hannah Arendt, chamado *As origens do totalitarismo*. Está entre os dois ou três melhores livros sobre o nazismo que eu li. Ela usa uma categoria que se chama ralé. Ralé não diz respeito à classe, diz respeito aos ressentidos, aos que odeiam dentro de cada classe. Ela diz que o nazismo foi uma obra da ralé. E a ralé está em todas as classes: no empresariado, no agro-negócio, na classe média e mesmo entre os pobres.

*É o Véio da Havan.*

[Ri]. Porque em parte, o país tem uma parte podre. Certo?

*Que sempre estará ressentida.*

É. Por exemplo, esse sujeito que era PM e virou dono da maior empresa de segurança do Brasil [Washington Umberto Cinel, fundador do Gocil Serviços de Vigilância e Segurança]. Ele quer ser ouvido por que ele acha que, por ser rico, deve ser ouvido. Se o Roberto Setúbal, que também é rico, é ouvido, por que ele, Cinel, não participa das decisões? É o Véio da Havan, mas não é só ele. É o outro da Riachuelo e vai por aí adiante. Por quê? Porque o comércio varejista é como era na República Velha, o comércio se cola na economia primária exportadora. Ele se descola da indústria que já não puxa o país. O comércio varejista está colado na regressão econômica. Então, ele é importador.

Quem manda no país são as finanças. Se você não quebrar isso, você não governa. Pode desistir.

*Qual é o papel do Lula daqui para frente?*

Acho que ele tem que ter clareza sobre os grandes problemas, o poder das finanças e o teto de gastos. Isso demanda, claro, uma reforma tributária e uma reforma financeira.

*E o que mais deveria ser feito?*

Dinamizar o gasto social, os gastos de infraestrutura e reestruturar a indústria.

*Em suma, qual o seu ponto de vista?*

Se nada for feito caminharemos para uma estagnação secular, isto é, mais outras décadas de um país parado, com consequências sociais mais terríveis do que vemos hoje.

*O senhor não falou sobre o cenário internacional. Queria ouvir a sua perspectiva sobre o Plano Biden.*

Na minha opinião, ele pega um país em decadência do ponto de vista produtivo. Os Estados Unidos têm armas e a moeda, mas perderam completamente a precedência produtiva que se deslocou para o Leste da Ásia definitivamente. E isso é um perigo para eles porque a China hoje, talvez, esteja uma década à frente deles com relação às tecnologias de ponta. Então, o inimigo deles é a China.

A política externa dos EUA é tão ruim que eles conseguiram aproximar a Rússia e a China, que sempre foram inimigos seculares. Essa aproximação resultou em um acordo militar China-Rússia. Os chineses não tinham foguetes de longa distância. Voltando ao Plano Biden, os EUA são decadentes. O Biden mudou completamente a orientação interna. Ele está agora brigando para acabar com o teto de gastos e a presidente do FED disse que se não tirar o teto, o país vai para uma recessão cavalara.

Eles vão acabar tirando porque Biden quer fazer um programa de infraestrutura de 3 trilhões de dólares. Agora, como enfrentarão a questão da tecnologia e das indústrias é o problema. O [Donald] Trump disse que chamaria de volta as indústrias americanas, quantas foram? Nenhuma. Claro, estão diante de um mercado de 1 bilhão e 200 milhões de pessoas, iriam para um mercado que está minguando, que não tem perspectiva? Por quê? Christopher Lasch, o grande historiador americano, em seu último livro chamado *A traição das elites*, disse o seguinte: as elites abandonaram o povo norte-americano.



## Luiz Carlos Bresser-Pereira

Por Pedro Camarão

Luiz Carlos Bresser-Pereira afirma estar seguro de que as eleições de 2022 vão ocorrer normalmente. Apesar da afirmação feita com um tom tranquilo, ele pondera que é preciso acompanhar de perto para garantir que o processo eleitoral se dê sem sobressaltos.

Professor da Fundação Getúlio Vargas desde 1959, ele aponta Jair Bolsonaro como o pior presidente da história do Brasil. “Não há dúvida nenhuma de que cada dia do senhor Bolsonaro e do senhor Guedes é um mal para a sociedade brasileira e para a economia”, afirma. Bresser considera que Bolsonaro deveria ter sido alvo de um processo de *impeachment*, mas já não acredita na instauração do processo.

Economista, cientista político, cientista social, administrador de empresas, advogado e professor, Bresser diz estar satisfeito com a possibilidade da volta de Lula à Presidência. Ele considera que é fundamental encontrar meios, e tem sugestões para restabelecer o investimento público. Para o professor, a emissão de moeda é uma ferramenta que já está sendo utilizada no mundo todo e que o Brasil precisa, urgentemente, começar a utilizar. A seguir, os trechos da entrevista à *Focus Brasil*.

**Focus Brasil – *O Brasil vive uma conjuntura caótica. Bolsonaro e Paulo Guedes representam um atraso na retomada do crescimento? Em quatro anos é possível mudar a situação?***

**Luiz Carlos Bresser-Pereira** – Não há dúvida nenhuma de que cada dia Bolsonaro e Guedes são um mal para a sociedade e para a economia. Agora, é importante considerar que entramos em uma grande crise em 2014. E desde então, estamos mergulhados nela. Entendo que diferentemente do governo Lula, Dilma teve problemas muito sérios. Ela cometeu erros econômicos e políticos. Lula tinha feito um enorme esforço para conseguir um acordo com os empresários industriais e a coisa tinha avançado bastante.

Eu me lembro que, em 2011, participei de uma reunião em que todas as centrais sindicais se reuniram com a FIESP para celebrar o acordo que estava surgindo. E, no entanto, dois anos depois, já havia sido rompido. Os empresários não sentiram confiança no governo da Dilma. Ela baixou os juros – quando havia espaço para baixar – mas sem que houvesse um ajuste fiscal ao mesmo tempo. Resultado: houve um pouco de aumento da inflação. E aí começou a gritaria do mercado financeiro e ela abandonou depressa a sua política. Quando fez isso, o governo tinha começado a acabar.

Quando chegamos em 2014, fez-se uma política alucinada de desonerações. Não era uma política industrial. Lula e a própria Dilma já tinham tentado políticas industriais com economistas competentes, o que não foi o caso naquele momento. E isso foi muito ruim para o Brasil. Acabou facilitando o *impeachment*. O *impeachment* foi um golpe, não há nenhuma dúvida. Um golpe dado por políticos da pior espécie chefiados pelo Temer, que tinha uma aura de homem sério dentro do PMDB, e, realmente, deu um golpe em seu benefício. Mas ele o fez se aproveitando de uma coisa que surgiu na sociedade em 2013 e 2014. E isso não foi culpa do governo federal. Foi uma coisa completamente alucinada que aconteceu na sociedade: o surgimento do ódio. Eu nunca tinha visto isso. De repente, a classe rica e grande



parte da classe média criou ódio ao PT e a Lula. Isso foi muito ruim, e revelou-se uma desgraça para a sociedade. Em uma sociedade democrática, há política. E a política é o campo em que adversários lutam. Quando aparece o ódio, isso vira uma guerra em que um tenta matar o outro. Isso só pode dar em bobagem. Como deus.

*Havia uma ânsia para mudar a agenda econômica?*

Nesse processo também tinha acontecido essa coisa patética, a nossa elite resolveu assumir um neoliberalismo radical. O neoliberalismo que tinha mudado o Primeiro Mundo em 1980 com [Ronald] Reagan e [Margareth] Thatcher chegou no Brasil em 1990 com o [Fernando] Collor. E foi muito ruim. Essa é uma causa das dificuldades pelas quais passa a sociedade desde então. E foi muito agravado quando a classe rica adota a posição rigorosamente ultraliberal. Temer se aproveitou disso no *impeachment*. Percebeu que para conseguir o apoio, bastava fazer o projeto *Uma ponte para o futuro*. Ele chamou economistas absolutamente neoliberais para escrever o projeto. Não era o que ele pensava, não interessava isso a ele. Mas Temer queria era o apoio da burguesia. E conseguiu.

*Isso se mantém com Bolsonaro.*

Bolsonaro ainda aproveitou desse ódio para se eleger. Não é simplesmente isso o que explica. O Bolsonaro é um mal absoluto, nunca houve um presidente tão ruim na história do Brasil. Ele deveria ter sido “impichado”, não foi e acho que agora não dá mais tempo. Mas, felizmente, a sociedade brasileira parece que está caindo em si. O ódio ao PT desapareceu, a meu ver. Sempre tem, mas nas mentalidades muito radicais que são secundárias. E nas prévias eleitorais o Bolsonaro não para de cair.

*O PT tem chances de voltar.*

As perspectivas de que o Lula seja eleito presidente são cada vez maiores e isso é muito bom. Isso oferece uma perspectiva para o

Brasil não só superar o Bolsonaro, mas permitir que a centro-esquerda chegue novamente ao poder e tenha um projeto para o país. Eu estou preocupado com isso. Estou seguro de que vai haver eleições, de que o Bolsonaro será derrotado e que, muito provavelmente, o Lula será eleito. Então, preciso que o governo Lula tenha uma solução não para os problemas do Bolsonaro, só de chegar no governo, já resolve esse assunto. Mas precisamos tirar o Brasil da quase estagnação em que se encontra desde 1980. Durante o governo Lula, houve um bom crescimento. Mas isso deveu-se muito a um *boom* das *commodities*, de forma que quando acabou esse *boom*, o crescimento também foi embora. Não foi um crescimento baseado na indústria. A indústria precisa voltar a crescer.

*Houve uma desorganização do país com esse governo. Em quatro anos, um novo governo poderá já colocar o Brasil em outro patamar?*

Eu acho que sim. Quer dizer, claro que, novamente, vai precisar de uma coalizão de classes e obter apoios na sociedade. O Brasil já não aguenta mais essa semiestagnação de longo prazo, essa falta de perspectivas que tomou conta não só da economia, mas da sociedade. Quando o governo se apresentar com uma proposta que faz sentido, vai conseguir apoio. E essa coisa pode levar o país a realmente voltar a crescer mais rapidamente do que os países ricos. Temos crescido a uma taxa de aproximadamente metade do que crescem os países ricos nos últimos 40 anos.

*O que é preciso fazer para alcançar esse crescimento?*

Primeiro, precisa ter um diagnóstico. Por qual motivo o Brasil tem crescido tão pouco. Uma economia cresce se tiver uma taxa de investimento elevada. Então, a acumulação de capital com incorporação de progresso técnico é o determinante fundamental do desenvolvimento econômico. Precisamos ter uma taxa de investimento muito maior do que temos agora. Nossa taxa está em torno de 17%, 18%. E isso é absolutamente insatisfatório. Já tivemos muito mais.

Devíamos ter, pelo menos, 25%. Teríamos que ter meta de aumento. Países como a China continuam crescendo com taxa de investimento de 35%, 40%. No momento áureo do Japão, a taxa era de 30%. Mas vamos ser realistas, 25% já seria uma grande coisa. Mas por que o Brasil não tem investido tudo isso? Aí é preciso separar o investimento público do privado. Acho que a melhor coisa que o governo Lula fez no plano econômico, foi tentar fortemente aumentar o investimento público. Porque isso é absolutamente fundamental para o desenvolvimento econômico. Não só porque é investimento realizado, principalmente, na infraestrutura que tem papel estratégico no desenvolvimento de cada país, mas, além disso, o investimento público cria oportunidades para o investimento privado.

Os liberais têm uma teoria inversa. Usam uma expressão em inglês: *crowding out*. Para eles, o investimento público afastaria o investimento privado. Isso é falso. Tem havido várias pesquisas que mostram o contrário. A revista acadêmica *Brazilian journal political economy*, que edito desde 1981, tem artigos ótimos sobre isso. E o PT percebeu e conseguiu aumentar um pouco o investimento público, embora não tenha aumentado a poupança pública. Mas isso já foi ótimo. Para aumentar mais o investimento público, o Brasil precisa pensar como realiza poupança pública. E isso está muito difícil porque há pressões de todos os setores da economia, não só dos rentistas, mas também do setor privado, dos altos servidores públicos. Vamos ter que enfrentar esse problema e não será fácil.

*A Emenda do Teto de Gastos é um obstáculo para o aumento do investimento público no Brasil?*

O teto de gastos é uma solução cretina, essa é a palavra, pensada pelo [Henrique] Meirelles e o Temer para dizer que eram confiáveis porque estavam chegando após o *impeachment*. Não sou contra o teto de gastos, acho que o Estado deve ter um teto, mas deve ser proporcional ao PIB. Nunca um teto fixo como estabeleceram, que

só muda com a inflação. Não muda nem com o crescimento da população, nem com o crescimento do PIB. Não faz sentido isso. É uma fonte de irracionalidade muito grande. Precisamos aumentar o investimento público e minha tese não é de que devemos ter teto. É o contrário. Acho que deveríamos ter é um piso. Deveríamos ter um objetivo de que o investimento público, inclusive das empresas estatais, correspondesse a 5% do PIB. Quer dizer, isto seria um primeiro objetivo. Obter meios para fazer esse investimento.

Os liberais e, durante muitos anos, o FMI impediram o crescimento do Brasil nos proibindo de fazer investimentos públicos, porque jogavam todo o investimento público no déficit público e aí, então, queriam um déficit público pequeno e ficava esse inferno.

A segunda coisa é o investimento privado. O investimento público pode representar mais ou menos 20% a, no máximo, 25% do total dos investimentos. O resto, numa sociedade capitalista como é a nossa, tem que ser feito pelo investimento privado. Aí a teoria econômica, novamente, é quase consensual em dizer que, para que haja investimento, é preciso que a taxa esperada de lucro seja substancialmente maior do que a taxa de juros. Ou seja, a taxa do custo do capital. E que o empresário possa, então, tomar dinheiro emprestado e fazer seus investimentos. Então, é preciso garantir isso. É preciso ter uma taxa de juros razoavelmente baixa e uma taxa esperada de lucro satisfatória. A teoria neoclássica, que é a teoria econômica dos liberais, afirmava que essas expectativas de lucro satisfatórias existiam sempre. É falso. Basta ver que havia crises e que os empresários paravam totalmente de investir por falta de expectativas de lucro. Aí surgiu, [John Maynard] Keynes nos anos 1930 e disse que há uma solução para isso, que a taxa de lucro depende fundamentalmente da demanda e há uma tendência de insuficiência de demanda. Então, é preciso que o Estado intervenha com uma política fiscal contracíclica para neutralizar essa insuficiência de demanda. Se o Estado fizer essa política, ele vai conseguir que a demanda permaneça num nível sa-

tisfatório e vai conseguir que a taxa esperada de lucro seja satisfatória e os empresários investirão. Essa ideia e outras relacionadas com essa fizeram uma revolução na ciência econômica e Keynes se transformou no maior economista do século XX, sem nenhuma dúvida.

Mas nos últimos 40 anos, no Norte as grandes universidades e os governos neoliberais abandonaram Keynes novamente. A solução é simplesmente voltar à Keynes? Não. Porque além disso aconteceu uma outra coisa que ninguém considerou, que mesmo quando houvesse demanda satisfatória, a taxa de lucro podia não estar boa. É aí que entra o Novo Desenvolvimentismo, essa teoria que venho desenvolvendo nos últimos anos e diz o seguinte: sim, é fundamental que haja demanda.

Então, a ideia keynesiana está absolutamente certa, mas é preciso uma segunda condição. É preciso que as empresas tenham acesso a essa demanda. Elas podem ter o acesso negado quando a taxa de câmbio do país fica apreciada no longo prazo. Aqui, no Brasil, existe essa tendência por dois motivos. O primeiro é o de crescimento com endividamento externo. A ideia de que se entra em déficit em conta corrente financiado com investimento das empresas multinacionais e, também, com empréstimos que aumentam o investimento no país e assim o país cresce.

Nenhuma teoria rejeitou isso. Mas o Novo Desenvolvimentismo diz que essa teoria está errada. Para crescer, você não pode entrar em déficit de conta corrente. Pode parecer mais do que natural que países pobres em capital queiram obter capitais dos países ricos, mas isso é falso. Quando você entra em déficit, é preciso financiar esse déficit. Assim, as entradas de capital serão maiores que as saídas, todos os anos, enquanto esse déficit durar. Quando entram capitais a taxa de câmbio se aprecia.

### *Como a China?*

As pesquisas confirmam isso. O país que mais cresceu na história da humanidade foi a China nesses últimos 40 anos. Um crescimento

espantoso. Os americanos são loucos para dizer que a China deve esse desenvolvimento a suas multinacionais. Tolice. A China cresceu rigorosamente com o próprio capital. Nesses 40 anos, durante três anos apenas a China teve um déficit em conta corrente. A China teve um enorme superávit nesse período, que permitiu a ela criar grandes reservas e financiar os investimentos diretos dos chineses no resto do mundo. O segundo país que mais cresceu foi o Japão. E é a mesma coisa.

A Teoria Novo Desenvolvimentista diz também que a taxa de câmbio segue um processo cíclico. Quando chega uma crise financeira, ela se deprecia fortemente porque os credores não têm mais confiança no país e interrompem o seu financiamento, aí então a taxa de câmbio sobe. Quando a situação se normaliza, a taxa de câmbio vai se apreciando, permanece vários anos apreciada até que uma nova crise financeira surja, porque quer crescer com poupança externa. Esse modelo confirmou-se inteiramente até 2014, quando houve a crise e a taxa de câmbio se depreciou, só que até agora ela não voltou a se apreciar. Nós estamos com uma taxa de câmbio mais depreciada do que necessário. Eu creio que o ideal deve ser 4,90 a 5 reais por dólar. O que acontece é que nem os empresários nacionais, nem o mercado financeiro internacional confiam nesse governo. Por isso, ficamos desse jeito.

*E por que a indústria não investe nessa conjuntura?*

Apesar de que a expectativa de lucro seria boa, as empresas não têm confiança não só por causa da crise, mas porque economistas liberais afirmam que quando a situação se normalizar, a taxa de câmbio desce para 3,50 ou 4 reais por dólar. O governo precisava garantir que vai manter sua taxa de câmbio num nível satisfatório. Recentemente, me perguntaram como se faz para manter a taxa de câmbio no “lugar certo”, para neutralizar a doença holandesa. Respondi que é perfeitamente viável, que é preciso criar uma lei que defina que o

sistema tarifário do Brasil terá duas partes. Uma é a tarifa câmbio e a outra é a tarifa de política industrial. Assim, ficaria definido que a tarifa câmbio subirá ou descerá de acordo com o preço médio das principais *commodities* exportadas pelo Brasil, de forma que quando o preço das *commodities* subir, o preço da tarifa aumenta e o contrário também. Podia ainda ter a tarifa que chamo de política industrial, que é a que existe hoje. Mas é preciso que os economistas brasileiros discutam isso. Eles não estão discutindo. Temos um acordo para assinar com a União Europeia, mas felizmente a UE não está assinando conosco porque a Argentina não concorda e porque a UE está em desacordo com a questão ecológica.

*O senhor fala sobre a necessidade de aumentar o investimento público. Como conseguir mais dinheiro?*

Aí vem um problema complicado. Teoricamente, o motivo pelo qual a taxa de investimento caiu no Brasil não foi apenas porque os governos ficaram neoliberais, foi também porque a poupança pública caiu muito. Nos anos 1970, a poupança pública era cerca de 5% do PIB. Desde a crise dos anos 1980, essa poupança é negativa em 2% do PIB. Isso dificulta muito o investimento público. Não existe financiamento para ele. O fato concreto é que os brasileiros não parecem dispostos a deixar que o Estado tenha um superávit no seu orçamento para poder gastar em investimento público. As pressões são muito grandes, dos rentistas que foram derrotados, mas já estão de volta. Tem a pressão das empresas e outros setores que têm desonerações. Isso estava sem solução, até que se passou a discutir uma teoria que é de um grupo de economistas neokeynesianos, a chamada Moderna Teoria Monetária. Esses economistas argumentaram que a oferta de dinheiro é endógena. A moeda é criada no sistema econômico, no processo de crescimento e não gera inflação. Isso também já está na teoria da inflação inercial que desenvolveu na década de 1980. E outra coisa, que governo jamais “quebra” quan-

do se endivida em moeda local. Também é absolutamente verdade. Veja, o Japão devia 260% do seu PIB e não quebrou, é porque é tudo devido em Iene.

Então, eles concluíram que o governo podia emitir dinheiro. E os banqueiros centrais também descobriram isso com a crise de 2008. O neoliberalismo começou a terminar ali, no Norte. Aqui continua essa coisa ridícula. Quando houve essa crise, primeiro foi feita uma política contracíclica keynesiana que todos os países adotaram e, assim, a crise não alcançou a dimensão que poderia ter alcançado. Os banqueiros centrais perceberam que as economias não estavam crescendo, apesar de estarem equilibradas. Eles começaram a fazer o chamado “afrouxamento monetário”. Os bancos centrais passaram a emitir moeda. Eles combinavam com o Tesouro, ele emite título e o Banco Central compra. Com isso, o Tesouro fica com o dinheiro para poder gastar. O objetivo era aumentar a quantidade de dinheiro no sistema, fazendo com que a baixa taxa de juros estimulasse a economia. O fato é que houve uma emissão monetária enorme e nenhuma inflação. Isso deu força para a Moderna Teoria Monetária, de forma que quando chegou a pandemia os países ricos financiaram o combate com emissão de moeda.

### *E o Brasil na contramão...*

O Brasil na contramão. Eu defendi firmemente essa ideia, mas nada. O Banco Central foi contra e o Congresso foi contra. Ficaram com medo. Estamos escaldados pela inflação. Recentemente, propusemos que o Estado brasileiro seja autorizado a emitir moeda, até 5% do PIB todo ano para financiar investimento público. Com a condição de que não haja excesso de demanda e, portanto, não haja perigo de inflação por excesso de demanda. Para isso, o Conselho Monetário Nacional, a cada três meses na sua reunião normal, autorizaria ou suspenderia a liberação das verbas para esses investimentos. Acho que é uma proposta realista, mas ela não chegou a ser discutida.



Eu participei de um debate internacional com a economista brasileira Monica de Bolle, professora em Washington e pesquisadora de um dos mais importantes centros de pesquisas macroeconômicas, o Peterson Institute. Eu coloquei isso no debate e ela afirmou que nos EUA só se fala nisso, porque eles estavam financiando os gastos da COVID com emissão de moeda. Então, não é nada absurdo. A questão é que não podemos ficar só com política industrial, é necessário, mas não é tudo.



## Luis Nassif

*Por Olímpio Cruz Neto e  
Pedro Camarão*

Um dos mais argutos e experientes repórteres econômicos do país, Luís Nassif esbanja otimismo, mesmo diante da mais grave crise econômica, social e política da história do país, que resultou na corrosão progressiva da democracia e no aprofundamento da desigualdade. Mineiro de Poços de Caldas, ex-integrante do Conselho Editorial da *Folha de S.Paulo*, dono de um dos endereços mais respeitados na internet brasileira – o portal GGN –, Nassif é um crítico severo da mídia nacional, a quem responsabiliza diretamente pela destruição do ambiente institucional brasileiro.

“A mídia pautou os partidos políticos nesse período todo, pautou o Judiciário, o Ministério Público. E sempre com o discurso de ódio, fazendo o Jornalismo de Guerra. E aí chegamos ao Bolsonaro”, lamenta o jornalista. Ele lançou recentemente o livro *O caso Veja*, em que esmiúça como a revista semanal mais influente do Brasil, desde que foi criada por Mino Carta e um talentoso corpo de jornalistas, se tornou o portal do jornalismo de esgoto, promovendo assassinatos de reputações até se tornar irrelevante.

Ele não poupa a grande mídia de esconder da opinião pública o mais recente escândalo envolvendo o ministro da Economia,

Paulo Guedes, flagrado, junto com o presidente do Banco Central, escondendo dinheiro em paraísos fiscais no Caribe. “A imprensa é sensível ao mercado financeiro”, observa. “E os grandes proprietários dos veículos de comunicação têm também *offshores* em refúgios fiscais no exterior”, diz, lembrando que esse é o comportamento da elite financeira do país. “Guedes acena com uma perspectiva aí do negócio do século para o mercado, que é a privatização da Eletrobras”, denuncia. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista concedida à *Focus Brasil*.

**Focus Brasil –** *O Brasil talvez seja um dos únicos países do mundo em que o ministro da Economia se comporta como um apostador contra o país. Você “bateu” muito nisso e sempre esteve atento aos movimentos de Paulo Guedes. Gostaria que você desse um panorama sobre como recebeu o escândalo dos Pandora Papers, que envolvem Guedes e Roberto Campos Neto.*

**Luis Nassif –** A *offshore* de Guedes é estupenda. E ele dá um monte de explicações. Não conta nenhuma mentira, mas não conta a verdade. Ele fala “depois que virei ministro, não depusitei um tostão lá”. Provavelmente, é verdade. “Depois que virei ministro não saquei um tostão de lá”. Provavelmente, é verdade também. Só que isso não tem a menor relevância. O ponto central é seguinte: enquanto você esteve ministro, aquele dinheiro foi movimentado? E foi movimentado onde?

Guedes confessou, implicitamente na primeira nota, que o dinheiro era movimentado. Ele falou: “não participava das decisões de investimento”. Ou seja, havia decisões de investimento. Então, o ponto central é este: se ele investiu, onde investiu e como investiu. E não adianta dizer que não participava porque o fundo era dele, da mulher e do filho. Mas como ele é um sujeito honesto [fala ironicamente], transparente e tudo, ele vai abrir as contas para o pessoal ver onde investiu.

Nesse período, especialmente de 2019 para cá, decisões de Banco Central e economia provocaram mudanças radicais no mercado. Por exemplo, em fevereiro e março do ano passado, o mercado estava despencando porque tinha aqueles fundos de recebíveis de grandes empresas – que vendem a prazo, pegam os recebíveis e passam para um fundo – e, com aquele tamanho da crise, não se sabia quem iria quebrar e quem iria ficar. O mercado despencou naquele período.

### *E houve intervenção, né?*

Foi só o Banco Central anunciar que entraria no mercado... aliás, para comprar fundos sem nenhuma transparência. Ninguém cobrou transparência. Compraram carteiras daqui e dali, beneficiaram uns, salvaram outros e o mercado disparou. E se o fundo do Guedes investiu no mercado brasileiro um pouco antes, como fica? E quem foram os fundos e as empresas salvas pelo Banco Central? Eram todas de capital aberto. Em quais delas o fundo do Guedes aplicou? E não teve cobrança da mídia sobre os pontos relevantes para saber até onde ele avançou. Esses são pontos relevantes.

### *A situação do presidente do BC é diferente?*

Roberto Campos Neto afirmou que o fundo jamais foi movimentado. Aí é uma afirmação de defesa efetivamente. Tem que conferir se é verdade ou não, mas ele entrou no foco central da questão. O Guedes, não. Ele não informou nada e fica por isso mesmo, porque os fundos *offshore* são uma prática de toda essa elite financeira brasileira. Em muitos casos utilizam para fugir do pagamento de impostos, em outros casos para fugir de falência, como é o caso do Eike Batista, que tem mais de 1 bilhão de reais lá fora. Tem também o caso dos filhos do Roberto Civita que deixaram passivos trabalhistas enormes para trás. Em parte, é dinheiro oriundo de crimes de antecedentes. Agora, em investigações só querem pegar tais crimes. Crime de antecedentes é se teve algum golpe, alguma trama que originou aquele dinheiro para ir a um paraíso fiscal. Mas não é

apenas isso. Se você vai no paraíso fiscal para não pagar um passivo trabalhista, para não pagar um passivo de recuperação judicial, como que fica?

*No caso do Luciano Hang é sonegação de impostos mesmo. Ele tem débitos trabalhistas e previdenciários. E não paga.*

Não, não paga. E ele está me processando porque eu falei que ele deve para o Fisco e ele não deve para o Fisco, são as empresas dele. E tem juiz que aceita o argumento (risos).

*Voltando ao Guedes, ele afirma que saiu da sociedade. Mas se houve movimentação financeira, quem ficou na empresa foram a mulher e a filha. Como é possível que isso esteja dissociado dele?*

Ele pegou uma muralha chinesa e colocou no meio da cama de casal para não ouvir a mulher (risos). Aliás, o David Cameron [ex-primeiro-ministro britânico], o simples fato de ter a conta no exterior já gerou a demissão dele e aqui se ficam discutindo que isso é coisa eleitoral. Gente, o fato é o ministro da Economia, o “cara” que está a toda hora reclamando de falta de recursos orçamentários, que está cortando dinheiro de tudo. Aliás, é interessante ver esse último corte que ele fez no orçamento de Ciência e Tecnologia, seguramente foi para compra de apoio no Congresso. Seguramente. Poucos dias depois de estourar o escândalo, ele tira aquele recurso, aparentemente nem o Bolsonaro estava sabendo, e distribui aos ministérios do Desenvolvimento e da Agricultura, que é onde estão ocorrendo aquelas tramoias com tratores e tudo mais. Então, certamente foi para compra de apoio.

Agora, é indecente que venha o [ministro do STF Luiz] Barroso e faça um baita carnaval porque o Bolsonaro ataca os votos em urna eletrônica e isso pode influir nas eleições. Mas ele não fala nada sobre os comícios do Bolsonaro, nem em relação ao mais profundo fator de distorção política desde a redemocratização, que é esse Orçamento Secreto. Os parâmetros de julgamento estão muito difu-

sos, se vai muito na retórica ou contra retórica do Bolsonaro e deixa de lado coisas muito mais graves, inclusive, do próprio Bolsonaro.

*E por que a grande imprensa quase não fala da offshore do Guedes ou dos Pandora Papers?*

Porque grande parte dos proprietários de veículos de comunicação têm conta “lá fora”. Quando saiu a história daquelas contas do HSBC, esse mesmo grupo de jornalistas investigativos, que tinha o Fernando Rodrigues aqui, começa a soltar as matérias e de repente dá de cara com os Frias [donos da *Folha de S.Paulo*] e com os Marinho [donos das Organizações Globo]. Imediatamente, ele recuou. Inventou uma desculpa qualquer. Teve que o Chico Otávio, do *Globo*, fazer algumas matérias para salvar a cara da apuração sem “levantar muito a lebre” dos Marinho e dos outros. Então, esse é um dos lados.

O segundo lado é que a imprensa desde os anos 2000 ficou sensível ao mercado financeiro. Quando a imprensa quebra no começo dos anos 2000 e vem a revolução da internet, ela percebe que precisaria da parceria com grandes fundos de investimento. A partir daí, o capital financeiro passa a ter um poder massacrante sobre a imprensa. E agora muito mais, na medida em que bancos compram editoras, compram tudo. Então, esse é o segundo fato que faz a imprensa se calar, porque o Guedes acena com uma perspectiva aí do negócio do século para o mercado, a privatização da Eletrobras.

Algo que vai ter consequências terríveis sobre a economia, mas que vai ser negócio para todo mundo. Para o banco que está fazendo a modelagem da privatização, para os fundos que já têm ações da empresa. Pega o Jorge Paulo Lehmann, que tem participação na empresa. Ele não precisa disponibilizar um tostão, basta privatizar a empresa que as ações dele vão quintuplicar.

Veja bem, o mercado não acredita mais na capacidade de gestão do Guedes. Foi ele quem produziu essa crise que nós temos hoje de

inflação e crescimento. O mercado não acredita mais na capacidade do Guedes de formular reformas. As propostas dele são de uma ignorância abissal, e ainda tem a incapacidade de negociar com o Congresso. Então, o único trunfo que ele tem é a perspectiva de poder privatizar a Eletrobras. É isso que dá sobrevida a ele.

*O Brasil está na contramão. O escândalo do Pandora Papers está nos principais jornais do planeta, há uma discussão grande sobre colocar fim aos paraísos fiscais, sobretaxar os ricos e esse é um tema que aqui no Brasil ninguém toca. E a gente fica numa situação embaraçosa, porque não há uma perspectiva de que se abra um debate em torno disso.*

Não há. Ocorreram algumas mudanças na mídia com a entrada da CNN e outros que inovaram em vários setores, mas quando entra a parte econômica, o discurso é único. O mundo inteiro, o FMI, o *Financial Times*, todo o mundo capitalista discutindo os dogmas da teoria econômica nesse período, os erros que foram cometidos. Veja o Nobel de Economia que discute a questão do salário mínimo. E aqui você não tem nem acesso às discussões. Televisão ou jornal, quando vai falar de reforma administrativa e ajuste fiscal, são três ou quatro economistas que repetem os mesmos argumentos permanentemente. Se você for ver do ponto vista jornalístico, se todo mundo fala “A”, então, interessa procurar alguém que fale “B” para fazer o contraponto. Veja, não estou necessariamente apoiando o “B”, mas faz parte da dinâmica do jornalismo buscar um fato novo. Quando você entra na economia aqui, é inacreditável. É inacreditável!

Pega a lei do Teto de Gastos que é um absurdo, uma aberração. Na mídia só aparece: “Se romper a Lei do Teto, o Brasil acaba”. Estamos desde 2015, desde Joaquim Levy, depois Temer e Bolsonaro com essa política fiscal maluca e de cortar tudo. Corta gastos públicos, investimento público, acaba com a legislação trabalhista, ferra com a Previdência e diz que se fizer tudo isso a economia volta

à tona porque vai ter um ajuste fiscal, o investidor vai acreditar e voltar a investir.

Só que daí as empresas começam a se mandar e não é por falta de ajuste fiscal, é porque acabou o mercado. Eles liquidaram com os pontos reais que mexem com a economia. Qual é o capital que investe nesse quadro? É só o capital especulativo. O capital que conta, aquele que cria empregos, gera empresas, aumenta a capacidade instalada, esse se mandou ou está se mandando.

Toda essa discussão de política econômica visa, especificamente, os interesses do capital financeiro que não tem o menor interesse em termos de desenvolvimento. Sobre o investimento real, em fábricas e tudo, você não tem um jornal, uma televisão que faça uma abordagem racional.

É interessante esse negócio do prêmio Nobel. Traz de volta um conceito que começa a pegar desde o final dos anos 1980 e que eu usei muito para questionar o Plano Real, a chamada observação empírica. O que é isso? Tenho aqui uma teoria que diz que se eu fizer isso, a economia vai fazer aquilo, a economia são os agentes econômicos. O que deve fazer o jornalista econômico? Não é preciso conhecer a alta teoria. O jornalista deve ir até o agente econômico – que é o empresário, o trabalhador – e conferir se ele está fazendo isso. Se não está fazendo, é porque a teoria está errada. Pega as metas inflacionárias do Armínio Fraga – se aumentar os juros, cai a demanda por crédito e financiamento e a inflação cai. Aí você faz as contas, dois pontos da taxa Selic, um baita impacto que você tem na dívida pública, o que significa para o crédito ao consumidor em que você paga 3% ao mês? Nem arranha. Ora, se não arranha o financiamento tem alguma coisa errada. Aí vem os economistas e dizem que têm comprovação estatística de que seis meses após o aumento de juros a inflação vai cair, então você busca outra razão, a inflação cai porque aumenta os juros, começa a entrar capital especulativo e começa a apreciar o câmbio. Então, você derruba a inflação através



da apreciação do câmbio. Mal comparando, isso significa a mesma coisa que utilizar sanguessuga para derrubar a febre do paciente.

Um dos artigos que fala sobre o prêmio Nobel diz que a economia hoje está pior do que a medicina no final do século XIX. A economia ainda acredita em sanguessuga. Quem dá essa dimensão política para economista de mercado é a mídia, o jornalismo econômico.

*Essa agenda dos cadernos de economia ainda é ligada às ideias do Consenso de Washington. Agora, os EUA estão querendo construir um Estado forte. Como vai ficar a situação das grandes empresas de comunicação no momento em que ocorre essa mudança geopolítica?*

O grande problema aí é que o chamado tripé virtuoso do Fernando Henrique que foi mantido depois, criou uma nação de rentistas. Por que quiseram derrubar a Dilma? O que está por trás disso é você abrir as fronteiras para a financeirização de todos os setores da economia. Hoje, esse capital financeiro quer entrar na saúde, na educação e não apenas. Esse capital financeiro está comprando terras. Se você pega aqueles negócios que eram de pequenos empresários, barzinhos em postos de combustível, padarias, estão sob o controle do capital financeiro.

Pega a Escola Politécnica [USP-SP], berço da engenharia, nove em cada dez propostas de estágio são do capital financeiro. Pega a publicidade na Globonews, CNN e todos os outros – de cada dez comerciais, nove são planos de saúde ou capital financeiro. E capital financeiro é intermediário. O setor da economia que produz riqueza “foi para o vinagre”, especialmente com a operação Lava Jato.

O último fôlego dele foi o PAC, que acabou amaldiçoado, e a própria indústria comprou essa maluquice do combate a investimentos públicos. A financeirização entrou na cabeça das pessoas. A elite intelectual brasileira está indo inteira para o mercado financeiro e o sonho dela é trabalhar por 15 anos, ficar rico, se aposentar e não trabalhar mais. Os pequenos negócios de *startups*, fica todo

mundo tentando e a *startup* que dá certo o capital financeiro compra, o criador ganha dinheiro e vai viver de renda. A gente voltou ao esquema da monarquia e da República Velha, é contra qualquer forma de trabalho. Aqui, o trabalho deprecia.

Quando você pega a parte improdutiva do país – Justiça, Ministério Público e tudo – a rapaziada que entra, faz com o mesmo espírito *yuppie*. Não batalha por aqueles setores que geram emprego e tributação. Eu me lembro de uma entrevista de um desses donos de curso de inglês, ele disse que vendeu o curso por 1 bilhão de reais. Falou que levou a vida inteira para acumular esse valor, mas que em um ou dois anos no mercado dobrou o patrimônio. Nós criamos uma nação de rentistas. E hoje, quando a mídia fala para a juventude de classe média, ela incute esses valores.

### *Uma distorção de valores.*

Falando especificamente sobre a publicidade dos bancos, elas dizem: “Vamos ajudar no seu sucesso”. Então você acabou com a noção de país, de valores cívicos, de valores públicos. É um horror. Com esse desmonte que teve, cada qual trabalha o seu interesse pessoal e o interesse coletivo não tem quem trabalhe.

Você pega hoje o *Financial Times*, o *Wall Street Journal* – apesar de ser daquele Murdoch –, essas bíblias do capitalismo estão discutindo geral. Aqui, não. Veja o Supremo Tribunal Federal, endossando esse negócio da legislação trabalhista. Acaba com a formalização e as empresas acham positivo porque não vão pagar INSS, FGTS e tudo. Mas o que acontece com o coletivo, o trabalhador sem essas redes de proteção e sem a carteira de trabalho – a carteira verde-amarela não é nada? Ele não tem estabilidade e previsibilidade na sua renda. Sem isso, não consome, não consegue crédito e o mercado desaba. Prejudica todo mundo. Mas você não tem aquelas instituições, mídia e tudo, que consigam entender o conjunto para defendê-lo.

*Business...*

É por isso que vão privatizar a Eletrobras. O custo da energia vai subir, mas não existe um grupo para defender que o custo da energia seja barato. É a mesma coisa com relação à permissão que o Supremo dá para a venda de subsidiárias da Petrobras sem analisar a lógica das petroleiras e a importância de se ter uma estrutura de apoio quando a prospecção estiver ruim. Por isso que se permite aumento de combustíveis, porque a coisa mais sagrada é distribuição de dividendos, não é a função estratégica da empresa. É por isso que colocam na Eletrobras um executivo que corta todos os investimentos essenciais para o país, e assim o balanço melhora e aumenta a distribuição de dividendos.

*E assim a crise energética se apresenta.*

E a imprensa anuncia o cara como um grande executivo que melhorou a Eletrobras. É uma fase de insanidade, a parte menos insana do país é o Bolsonaro com as suas loucuras. Usa-se o alibi Bolsonaro, mas se ele sair fica toda essa herança que mata. A crise energética é desse modelo. O desmonte do SUS começou com o Henrique Mandetta. Quando ele acabou com o Mais Médicos, foi celebrado. Disseram que haveria chance para os médicos brasileiros... E um mês depois, 70% desses médicos tinham desistido e não sai notícia sobre isso. O [Fernando] Haddad falou outro dia que os dois maiores problemas do país são cartel financeiro e cartel de mídia. E ele está correto.

*E vai dar para sair dessa encalacrada?*

Vai dar um trabalho danado, mas dá. O Brasil é maior do que isso. Se você olha para 1930, o Brasil também era um país totalmente sem rumo. Eu até fiz um artigo a partir de um dos meus gurus, que é o Manoel Bonfim, um historiador do começo do século que se decepcionou com o Brasil um pouco antes da Aliança Libertadora. Daí veio o maior estadista brasileiro, um caboclo chamado “senhor

crise” e quebrou o Brasil. Daí o Getúlio [Vargas] teve que impedir o livre fluxo de capitais. Aí o dinheiro teve que ser investido no Brasil e nós começamos a virar uma nação. O próprio Lula, em 2008, quando veio a crise, saiu debaixo do tacão do mercado. Até então ele estava no tacão do mercado com câmbio apreciado e juros altos. Quando vem a crise, tem aquele *insight* de estadista e o Brasil sai da crise na frente de todo mundo porque fugiu das algemas do mercado, apesar do Henrique Meirelles.

### *Qual o impacto da agenda do Guedes na sucessão?*

Vamos pegar o melhor paralelo ao Bolsonaro, que foi Hitler. O Hitler pegou uma Alemanha quebrada e tinha um ministro da Economia genial, que resolvia problemas. A economia estava quebrada e ele fazia barganha, trocava equipamentos por alimentos, por insumos e a Alemanha deu um salto tão grande que o Hitler virou o senhor absoluto da guerra. Se tivesse um ministro da Economia aqui que fosse competente e a situação econômica estivesse melhor, Bolsonaro estaria com outro nível de aprovação, inclusive da mídia e tudo. Se você põe dois temas para o Guedes administrar simultaneamente, ele se perde. É um marqueteiro. Já vem desde o governo Temer esse corte indiscriminado de despesa, então eles cortaram todo o orçamento para estoque regulador. Aí entra o Guedes e, coincidentemente, você tem uma explosão das *commodities* internacionais... Guedes então permitiu que o câmbio fosse lá para cima, duplicando o saldo que ele tinha de dólares lá fora. Nem ele, nem o presidente do Banco Central, utilizaram as reservas para administrar o câmbio. Os preços internacionais também subiram. Quando você junta os dois, esses aumentos se refletem internamente e explode a inflação. Quando explode a inflação, desestrutura tudo.

Então, aquela ideia inicial deles de que se tiver câmbio desvalorizado e taxa de juros baixa a economia deslancha, foi utilizada sem analisar a realidade. Grande parte das empresas brasileiras de máquinas

e equipamentos depende de importação, nesses anos todos de desindustrialização o Brasil virou um país maquiador. E segundo, quando a inflação explode não pode mais segurar a taxa de juros porque tem o dogma das metas inflacionárias e ele é obrigado a aumentar os juros novamente. Desde o final do ano passado isso estava nítido, a estagflação. Ela ainda foi um pouquinho administrada por mérito do Congresso, quando foi criado o auxílio emergencial. O que ocorre lá atrás: os custos sobem com câmbio e preços internacionais, as empresas conseguiam repassar num certo momento por conta do auxílio emergencial, mas quando esse auxílio acaba, as empresas não conseguem mais repassar. Sem esse repasse, num primeiro momento tem o fenômeno da maquiagem: entregar produtos de menor qualidade. Depois, não tem mais saída. Hoje, as empresas estão com aumento de custo e sem conseguir repassar porque a renda foi para o vinagre. Isso cria o fenômeno da estagflação, que vai se repetir o ano que vem também.

*Você é um crítico severo da imprensa há muitos anos. Mesmo quando estava na Folha de S.Paulo, você nadava contra a corrente. Agora você lançou O caso Veja. Isso começou em 2008 e lá se vão 13 anos. Você tinha visão otimista, dizia que o país acordaria para o tamanho da burrada em três ou quatro anos. Só que não...*

Eu sempre me perdi pelo excesso de otimismo, viu? No livro *O jornalismo dos anos 1990*, eu já criticava essa coisa horrorosa que é unanimidade e o linchamento que dá margem a toda sorte de manobras. Mas eu terminava o livro falando que com a vinda da internet haveria mais competição e os jornais seriam obrigados a se aprimorar, o que seria a lógica. Você pega os grandes jornais mundiais, para competir com a internet eles aumentam a dose de parte analítica, da qualidade do seu produto. Mas aqui, não. Aqui a imprensa conseguiu acabar com o meu otimismo.

A partir de 2005, houve uma mudança radical. A imprensa quebra em 1999... Os anos 1990 foram os anos de ouro da imprensa.

Nunca se ganhou tanto dinheiro, nunca teve tanto prestígio como após a campanha do *impeachment*, nunca se teve tanto poder. A tiragem chegou a níveis inéditos na história do país... E fizeram um monte de investimento achando que o crescimento continuaria. Por causa daquela baita crise, os jornais ficaram endividados em dólar e quebraram. Ao mesmo tempo, a internet ganhou dimensão e o poder de negócio da mídia passou a ser questionado. Aí em 2005 vem aquela maluquice, o Roberto Civita vem dos EUA e traz o modelo Murdoch de apostar na ultradireita. Murdoch fez isso e conseguiu a maior audiência de TV a cabo lá que era a Fox News. Ele ganhou poder político, se tornou o cara mais influente do Partido Republicano. Com o poder político que conseguiram, mais a audiência, Civita pensou, vamos ser o poder político e usar a Presidência para segurar a invasão, e não é das FARCS e do bolivarianismo, mas das empresas de telefonia no começo e depois das redes sociais. E aí toda a mídia fez essa aposta maluca.

Acontece que nos EUA você tinha “anticorpos” para a Fox News que eram CNN, *Washington Post*, *New York Times*. Mas aqui, não. No Brasil tudo virou uma grande Fox News e assim começou-se a desarrumar todo o sistema de informação e análise do país.

### *Desarranjou tudo, né?*

O Supremo passa a ter ministros que querem reescrever a Constituição nos seus votos. O Ministério Público passa a ser pautado diariamente pela imprensa. A política passa a ser exorcizada. E com os mesmos recursos que continuam usando agora. Você pega episódios pontuais de corrupção da Petrobras e diz que aquilo é generalizado. Todos esses recursos para criar unanimidade foram utilizados e, com todo mérito da CPI da COVID, continuaram sendo utilizados.

Desarrumaram todas as instituições brasileiras e tudo em cima de discurso de ódio, de mirar um inimigo e ter que destruir esse inimigo. Acaba com o debate político embaixo das instituições. O

objetivo é liquidar o inimigo. E o que está acontecendo hoje é a volta da curva. Apesar de Bolsonaro e tudo, hoje o clima é menos pesado do que foi em 2013, 2014 e 2015. Eu fui ameaçado na rua várias vezes. Se você saísse com uma camiseta vermelha, você era ameaçado. O que eles fizeram foi destruir pessoas com aquele discurso de ódio, destruir professores que defendiam redução de danos na política de drogas.

Atuavam como grandes perfis de redes sociais, criavam mentiras aqui e jogam nas redes com discurso de ódio. Com isso, potencializaram as denúncias e ganharam seguidores contra os inimigos. Isso ocorre ao mesmo tempo em que o Lula leva o PT para a social-democracia, o PSDB fica sem discurso e vai a reboque da mídia. Então, a mídia pautou os partidos políticos nesse período todo, pautou o Judiciário, o Ministério Público e com discurso de ódio. Jornalismo de guerra. E aí chegamos ao Bolsonaro. Era a lógica.

*Quer dizer, a mídia brasileira ajudou a prejudicar a democracia?*

Totalmente. É a principal responsável. Você tinha na época lá, quando começou esse discurso de ódio que começa na *Veja* com um rapaz que foi meu contemporâneo, o Tales Alvarenga. Ali foi o primeiro sinal. E aí você descobre um outro componente forte que é o preconceito social que surge inicialmente por meio do programa do Jô Soares e o Arnaldo Jabor. Eles começam com o preconceito social, mas quando deflagra o processo eles param e entram pessoas com muito mais condição de baixaria como os *influencers* e tudo. E a mídia achando que controlava a manada, quando percebe, vem a Lava Jato. Essa foi o primeiro movimento autônomo de rede social. Tinha Twitter, WhatsApp. Os lavajatistas se organizaram e começaram a ganhar consistência. Aí vem o bolsonarismo com assessoria profissional do Steve Bannon e toma conta. E todo o instrumental que a mídia usava contra os adversários, passa a ser utilizado pelos bolsonaristas contra a mídia. Vivemos tempos bicudos.



## Silvio Almeida

*Por Alberto Cantalice e  
Pedro Camarão*

Autor de *Racismo estrutural*, livro que transformou a discussão e a perspectiva sobre o racismo no Brasil, Silvio Almeida apresenta nesta entrevista um diagnóstico detalhado e exato sobre o que levou Jair Bolsonaro ao poder, mas também sobre as características desse período que causam tanto sofrimento a todos os brasileiros. Essa dor não é por acaso, é fruto do sequestro do Brasil por Jair Bolsonaro, de acordo com o professor de Direito e doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo, a USP. “Jair Bolsonaro está mantendo o Brasil em cativeiro”, afirma o professor e pesquisador, um dos mais importantes pensadores atuais do país. O resultado desse cárcere é o sequestro do nosso presente. Jair Bolsonaro impede que o passado e o futuro sejam discutidos. Só conseguimos falar sobre essa figura que já teve o nome mencionado diversas vezes neste pequeno parágrafo: Jair Bolsonaro. Ou falamos sobre como tirá-lo do poder, ou como vencê-lo nas próximas eleições.

A consciência sobre a contingência da realidade, ou seja, da provisoriidade dos significados, permite que Silvio Almeida não se apresente como um intelectual. De acordo com o professor, só é



possível tentar ser um intelectual. Trata-se de um exercício permanente. Fazendo uma nota pessoal, ele afirmou: “ser um intelectual negro é um exercício de você tentar se conectar com o mundo intelectual, mas você tentar também sair dessa armadilha que o racismo coloca, fazendo com que você seja obrigado a falar daquilo que as pessoas esperam que você, como negro, vá falar. E é sempre algo que é rebaixado. É sempre algo que é menor do que aquilo que precisa ser dito. Impressionante”. A partir dessa visão da realidade como algo provisório e em constante transformação, que ele aponta como fundamental a necessidade de construir o Brasil, disputar a significação do passado, do presente e do futuro permitindo um novo entendimento civilizatório ao país. Leia a entrevista a seguir:

*Focus Brasil – Professor, essa entrevista vai ser publicada no final de semana do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. E essa é uma data que ainda provoca revolta entre pessoas identificadas com o bolsonarismo, com o conservadorismo e com a direita de uma maneira geral. O que o senhor pensa sobre essa revolta? Por que ela existe? É somente negacionismo, é o fascismo que existe em todos nós ou é o medo, medo de mudança?*

**Silvio Almeida** – Acredito que todos esses componentes que você estabelece, eles podem servir como vetor de explicação dessa reação em relação ao tema. Mas eu acho que a gente precisa buscar as raízes disso em camadas mais profundas da nossa sociabilidade. Eu acho que pensar o que significa viver nesse momento histórico em que nós estamos posicionados, e eu não falo apenas do Brasil, mas eu falo em relação a todo o mundo, e acho que a gente vive num momento de profunda e acelerada degradação das condições socioeconômicas. Acho que tudo isso se reflete também na capacidade das instituições de dar respostas aos problemas concretos das pessoas. Hoje, nós estamos vivendo uma situação em que a institucionalidade política e aquilo que a gente convencionou chamar de democra-

cia, em termos formais, já não é capaz de dar uma resposta para as angústias, para os problemas, para as insatisfações das pessoas. Acho que esse é um fator importante. Nós temos um problema econômico muito forte, ou seja, de reprodução material da vida. Tem um problema político-institucional que deriva disso e tem uma terceira questão também, que está relacionada a tudo o que eu falei agora, que é a questão ideológica.

Eu acho que a decomposição da vida no sentido econômico, a decomposição das formas de manutenção de uma coesão social com bases institucionais leva também ao que a gente pode chamar de uma crise civilizatória, uma crise de horizontes. Há uma profunda dissonância em relação às projeções de um horizonte comum. A gente perdeu as bases do comum. A gente não consegue mais se ver como comunidade e isso, obviamente, vai acirrando os discursos de ódio. Discursos esses que nunca deixaram de pertencer ao nosso mundo e que nunca deixaram de habitar o nosso cotidiano, mas que certos arranjos institucionais, em determinados momentos históricos, podiam conter. Ou seja, quando você tem a chegada de certas figuras ao poder que, na verdade, são sintomas de tudo isso o que eu falei, você tem, portanto, um campo aberto para que o ódio se manifeste de maneira expressa, para que a insatisfação se dirija a certos grupos sociais que sempre foram discriminados. Você tem também, agora na nossa posição geopolítica, um ódio profundo aos imigrantes, aos latino-americanos, aos africanos, aos asiáticos que passam a ser, portanto, na visão de algumas pessoas, como o problema do mundo.

E isso tem uma outra consequência, que é o fato de que como as pessoas não conseguem ter um horizonte, se firmar em torno de um projeto comum de sociedade, você tem também o surgimento de um discurso que retira da humanidade a possibilidade de, minimamente, organizar a sua vida, que são os discursos fanático-religiosos. Você tem os discursos que vão apelar para um certo misticismo que

também vai se voltar a um profundo conservadorismo, no pior sentido que essa palavra pode ter. Resumindo, essas reações são sintomas. Elas não são a causa do problema. A subjetividade das pessoas não é uma causa original, ela é sempre uma causa sintomática. Ou seja, a ideologia como sintoma de um mundo em decomposição. Esse é o mundo do neoliberalismo que vai levando a uma série de outras deformações do ponto de vista social e político.

*No seu livro Racismo estrutural, você fala dentre outros temas sobre racismo e política, e aponta a questão da sub-representação do negro brasileiro no Parlamento. Gostaria que você fizesse uma análise sobre isso. Mas também gostaria de lhe perguntar sobre a participação dos negros na política, a partir do contingente populacional que nós somos. Os negros brasileiros são 56% da população, já nos EUA os negros são 15%. E você é grande conhecedor sobre a realidade da luta do movimento negro americano. Você não acha que há uma certa síndrome de colonizado no movimento aqui no Brasil por querer, de certa maneira, copiar o movimento negro americano? Quando na verdade, aqui no Brasil, na minha concepção, até por ser maioria da população, a pauta negra deveria estar numa situação muito mais de disputa de transversalidade das políticas sociais e públicas, das instituições? A discussão aqui não está um pouco rebaixada ou isso é fruto do racismo estrutural nosso que é mais mascarado do que lá?*

A sua pergunta tem uma série de camadas. Vamos desmistificar algumas coisas que você coloca e que fazem todo sentido, tanto na pergunta quanto nas possíveis respostas que você apontou. Vamos problematizar, né. Primeiro, a questão demográfica que eu acho que é importante. Você fala que no Brasil são 56%, nos EUA está em torno de 15%. E isso faz muita diferença porque ao contrário do que se pode imaginar, que o senso comum pode dizer: “bom, lá eles são minoria e, portanto, deve ter algum elemento na luta política, deve ter algum tipo de ação política e de avanço no movimento

negro que permitiu aos negros americanos, supostamente, avançar mais do que os negros brasileiros”. Esse tipo de resposta não leva em consideração elementos históricos e que são, portanto, políticos e que têm que ser vistos do ponto de vista econômico. Primeiro, os EUA têm um Produto Interno Bruto (PIB) muito maior do que o nosso, muitas vezes maior do que o nosso. Isso faz toda a diferença. Estamos falando de um país industrializado, o que significa que o trabalho lá é organizado de uma outra maneira, as políticas salariais são outras. Apesar de você não ter um sistema de proteção social como o que nós constituímos e que se deve muito ao movimento negro também, é bom que se diga isso. E a posição geopolítica dos EUA também como uma potência militar, econômica, enfim, tudo isso cria uma dinâmica da distribuição da riqueza e da maneira como ela é produzida dentro dos EUA. Isso também tem um efeito na dinâmica racial. De tal sorte que eu posso dizer o seguinte: o tipo de opressão e o tipo de violência por parte do Estado, por parte da sociedade americana contra os negros é diferente daquela que é feita aqui no Brasil.

Eu diria o seguinte, até de maneira contraintuitiva, a violência sofrida pelos negros aqui no Brasil, dado que são maioria, tem que ser muito mais sofisticada e muito mais incisiva do que aquela que é sofrida nos EUA. A violência direta, aparentemente, ela é mais contundente, mais visível. Mas ela não é mais sofisticada. Para lidar com casos de violência direta e para manter a estabilidade diante disso, você precisa de muito mais energia. Aqui no Brasil, os instrumentos de dominação têm que ser muito mais sofisticados, tanto do ponto de vista político como do ideológico. Gosto sempre de trazer à mente uma imagem. Vocês imaginam que numa manifestação como a que houve no ano passado do *Black lives matter*, um policial no Brasil daria as mãos para os manifestantes e se ajoelharia junto com eles? Não. Isso não há possibilidade. Inclusive, a sociedade brasileira instigaria o policial a atirar no negro e uma outra parte

da sociedade sequer se chocaria com isso saindo nos jornais. Nós incorporamos a violência cotidiana contra os negros, naturalizamos de tal forma que os americanos não têm dimensão do nível de violência que os negros brasileiros sofrem. Todos os negros. No nível da violência física e no nível, também, daquilo que a gente poderia chamar de violência simbólica – do ponto de vista de uma naturalização e o lugar do negro na sociedade.

Isso leva a uma segunda questão também relacionada a sua pergunta. O movimento negro brasileiro é de uma originalidade, de uma capacidade e de uma sofisticação que não tem comparação com o que acontece nos EUA. E falo isso porque os movimentos sociais negros, assim como todos os movimentos sociais, eles têm um caráter histórico próprio. Ou seja, eles são o resultado das condições materiais e da luta contra as condições que justificam sua própria existência. Eu costumo dizer que todo o movimento social, de maneira paradoxal, luta para que ele possa ser superado, luta para que ele tenha fim. Ele existe por conta das reivindicações e das bandeiras que carrega. Ou seja, o movimento social negro luta para que não haja mais movimento social negro. Uma vez superado o racismo, não existe mais o porquê desse tipo de reivindicação e, portanto, esse tipo de agrupamento. Agora, a gente olhando historicamente o Brasil vemos o seguinte, o movimento negro no Brasil se organiza desde o final do século XIX e depois ele vai também se adaptando a todas as transformações socioeconômicas e culturais que o Brasil tem.

Nos anos 1930, a Frente Negra Brasileira está em conexão com o que foi o surgimento da sociedade industrial no Brasil. Assim como nos anos 1950, o Teatro Experimental do Negro. Olha o que foi o Brasil dos anos 1950 e 60, no pré-ditadura militar, nos Anos Dourados. Ou seja, todo aquele debate sobre o desenvolvimento no qual se tem a ideia de que é possível pensar uma nova existência, uma nova condição do negro. É um Guerreiro Ramos,

é Abdias do Nascimento, é Florestan Fernandes... ou seja, todo mundo estava discutindo a questão racial a partir desse prisma, da criação de uma nova condição existencial para o negro. O Teatro Experimental do Negro é, justamente, nesse sentido. Você tem a ditadura e depois os movimentos que surgem nos final dos anos 1970, o MNU [Movimento Negro Unificado]... vinculados à luta internacional, já dialogando com o marxismo de maneira muito forte, enfim, é o final dos anos 1970, e o movimento *black power*... aí você fala, “bom, a gente está copiando o movimento dos EUA?” Eu diria para você que não existe essa coisa de cópia, até porque as lutas são muito diferentes.

Tem um conceito que estou utilizando agora que chama “gramáticas da diáspora”. Os movimentos sociais, de uma maneira geral, e o movimento negro não é diferente disso, estabelecem uma comunicação e, portanto, uma troca de experiências e uma troca conceitual que faz com que as lutas, apesar de separadas pelos contextos históricos distintos, elas se unifiquem de alguma forma. Exemplo, nós estamos no mês da consciência negra. O conceito de consciência negra foi forjado na luta contra o *apartheid* na África do Sul. São os textos de Steve Biko e, particularmente, o seu texto “Eu escrevo o que quero” é onde ele vai trazer a formulação mais bem acabada do que é a ideia de consciência negra. Uma ideia que depois também vai se juntar à luta dos negros dos EUA, ou seja, estou falando de África. A luta de África vai influenciar também e ser influenciada dentro das gramáticas diaspóricas. A luta nos EUA, o *black power*. Olha o final dos anos 1970, *black power*, mas *black is beautiful* também. É a reconstrução de uma identidade orgulhosa de si que é forjada na luta contra o racismo, mas que levanta a cabeça e, portanto, tem orgulho de si mesmo. No final dos anos 1970, você tem a ideia da consciência negra, do *black power* e você tem um resgate. Tem algo mais brasileiro do que isso, você resgatar dentro dessa ideia de reconstrução de uma identidade negra, a figura de Zumbi dos Palmares que se torna

um símbolo de libertação, não só para os negros brasileiros, mas um símbolo de libertação para o Brasil?

E você se lembra em 1988, gosto de lembrar daquele samba da Mangueira: “Sonhei que Zumbi dos Palmares voltou, / A tristeza do negro acabou/ Foi uma nova redenção/ Senhor, oh, Senhor!/ Eis a luta do bem contra o mal/ Que tanto sangue derramou/ Contra o preconceito racial... Veja, você junta consciência negra, Zumbi dos Palmares, *black power* [fala com o punho esquerdo erguido], escola de samba, macumba, religião de matriz africana... cara, isso é Brasil. Isso é Brasil. Nós fomos forjados no leito do Atlântico. Somos da América Latina. Somos “amefricanos”, quilombismo, *black power*, consciência negra... é gramática diaspórica. A gente não copia nada de ninguém. Quem tem *copywriter* é o capitalismo. Nós estabelecemos trocas e não tem cultura sem troca, já nos ensinou Marcel Mauss. A troca que se dá no capitalismo, a troca mercantil, não é necessariamente a troca que se dá a partir do leito do Atlântico que é esse leito da contradição, que forjou a morte, mas que ao mesmo tempo permitiu a vida. A minha vida e a nossa vida, de todos nós que estamos aqui.

Hoje, você tem uma discussão que eu acho muito séria e acho que esse é o ponto que te pega, provavelmente, como um velho militante que é, justamente, essa importação que não é uma importação. Na verdade, são as trocas promovidas pela lógica do capital. Você está falando sobre aquilo que se chama “identitarismo” que é a forma como a lógica neoliberal vai também se infiltrando dentro das lutas pela afirmação de grupos sociais historicamente discriminados e que vai fazendo com que haja uma atomização da luta, que a luta negra, por exemplo, pela sua própria existência se confunda com uma luta por uma afirmação meramente estética, que também é importante, mas não pode ser só isso porque o estético é ético e o ético é político. Mas eu acho que você está se referindo a essa dimensão que é moldada pelo individualismo dentro da lógica neoli-

beral, da competitividade, da concorrência, da vida como empresa e que vai fazendo com que nós, de um jeito ou de outro, estejamos dentro dessa lógica identitária. Só que eu sempre costumo perguntar o seguinte, essa lógica do “identitarismo” ou das políticas de identidade tal como falam os americanos, que esquece a dimensão estrutural – inclusive, o meu livro é para resgatar essa dimensão estrutural do problema das identidades, dentre outras coisas. É, justamente, um grito para dizer que ser negro significa estar dentro de certas condições políticas, econômicas, sociais, ideológicas que forjam a minha identidade. Eu não sou o que quero, sou aquilo o que o mundo fez de mim e misturado com as decisões que vou tomar a partir do momento que a minha vida faz algum sentido no interior desse contexto. Então, acho que entender a ideia do “identitarismo” é entender também as armadilhas da identidade, como diz o Asad Hayder.

### *O que são as armadilhas da identidade?*

Não são só as minorias, negros, mulheres, LGBTQIA+, enfim, que ficam todo o tempo afirmando a sua identidade, sem se conectar com as questões estruturais. Mas é também o branco que não entende que ele é resultado também dessas mesmas condições. Porque quem começa com o “identitarismo” são os brancos e de extrema direita. A extrema direita é identitária. Eles querem afirmar a sua identidade contra o resto do mundo. Há algo mais identitário do que o fascismo? Há algo mais identitário do que alguém dizer assim, “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”? Isso é “identitarismo”, no mais alto grau. O sujeito fala isso justamente para não ter que pensar na miséria das condições econômicas das quais ele faz parte, das quais ele é o dínamo. Então, o “identitarismo” é um problema que nasce no “colo” dos brancos de extrema direita e que, porque todos estamos aqui inseridos nesse meio, nós, de alguma maneira, somos atravessados por isso. Então veja, o problema não é a gente de



alguma maneira afirmar a nossa identidade, não é a gente ser capturado pela lógica das redes sociais, porque uma hora ou outra somos capturados. Por isso que somos seres no mundo, não estamos fora do mundo. O problema é a gente tentar pensar criticamente tudo isso e criar... e pensando na formação de estruturas, políticas e de mudanças nas relações econômicas que nos tirem dessa armadilha. Sabe uma coisa que está acontecendo muito comigo? É algo muito interessante. Tem algumas pessoas que, ao me criticar – confesso que eu não dou muita bola para isso, não...

*...Sequer leram o que você escreve.*

Pois é. Dizem, “o Silvio é identitário”. Mas sabe o que é isso? É que ninguém ainda falou isso para mim, diretamente. Porque o dia que falarem “você é identitário”, eu vou falar “você é racista. Sabe por quê? Porque você está falando que eu sou identitário não é pelo que eu escrevo, mas porque eu sou negro e toda vez que um negro abre a boca é como se ele só pudesse falar de si mesmo”. Não é? Parece que eu estou sempre falando de mim mesmo. Não. Outro dia alguém falou assim para mim: “você, quando for falar tal coisa, você tem que falar sobre cotas”. Eu falei, “não. Não tenho que falar sobre cotas. Eu não sou doutor em cotas. Eu sou doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo”. Eu posso, eventualmente, falar porque eu ajudei a construir alguns programas. Outro dia falaram: “o Silvio é especialista em racismo”. Eu falei, “não. Quem é especialista em racismo são os brancos. Eu sou especialista em Filosofia e Teoria Geral do Direito”. Tem algumas coisas que são muito curiosas.

Uma nota pessoal. Ser um intelectual... tentar ser. Porque ser intelectual é sempre uma tentativa. Você nunca está pronto. Todo dia você precisa ler alguma coisa e tentar... ser um intelectual é sempre um exercício. Eu estou tentando todos os dias fazer isso. Mas ser um intelectual negro é um exercício de você tentar se conectar com

o mundo intelectual, mas você tentar também sair dessa armadilha que o racismo coloca, fazendo com que você seja obrigado a falar daquilo que as pessoas esperam que você, como negro, vá falar. E é sempre algo rebaixado. É sempre algo que é menor do que aquilo que precisa ser dito. Impressionante.

*Temos na presidência da República um homem que é tratado por alguns antropólogos e outros especialistas como uma figura geradora e propagadora de ódio. Ele não apenas detém um discurso odioso, como também fomenta o ódio de todos quando faz com que o odeiem e expressem esse ódio por ele. O Bolsonaro é alguém que ascendeu ao poder por causa dos elementos presentes no discurso dele, como minimização do racismo, crítica às políticas de cotas e ainda trouxe para o poder uma figura como o Sergio Camargo, o presidente da Fundação Palmares que afirmou esta semana que “nenhum preto no Brasil sente dor nenhuma”. Quanto esse grupo político que está no poder conseguiu gerar retrocessos no debate social e no debate racial?*

Conseguiram, claro que conseguiram. Tanto que conseguiram que a gente, primeiro, não consegue discutir a questão racial sob uma perspectiva ampla. O Brasil está interrompido. O Brasil está em transe. Então, a gente não consegue discutir essa questão e quando discute é sempre nessa dimensão restritiva e que se torna necessária porque a gente precisa salvar as nossas vidas. O governo colocou o Brasil e também, por óbvio porque está no Brasil, a questão racial em estado de emergência. A gente sempre faz as coisas na emergência porque há um medo permanente da morte, é o medo permanente da miséria, é o medo permanente de perder a dignidade. Então, diante de uma situação como essa, obviamente que todo discurso político, todo projeto de futuro, tudo o que a gente precisa debater com mais profundidade está agora no campo da superfície, da emergência.

Nós somos, talvez, o país da América Latina – e as nossas independências foram todas muito próximas – que está às vésperas

do bicentenário da sua Independência e que não conseguiu fazer nenhuma discussão importante sobre isso. Principalmente, no campo da esquerda. Nós estamos totalmente capturados por isso. E a direita está discutindo. Vocês acham que é à toa que existe um revisionismo histórico em torno do que foi o Império? O revisionismo histórico em torno do que foi a escravidão, que é uma bandeira permanente da extrema direita? Eles estão, portanto, fazendo algo que nós teríamos que fazer, mas não estamos tendo as condições para fazê-lo, que é aquilo o que o Walter Benjamin falava: “disputar os mortos”. Nós somos um país que precisa disputar o passado. A gente não está disputando só o futuro, nós estamos disputando o passado também. Os sentidos do Brasil. A gente está hoje, por conta desse governo – falo do “governo” porque não quero ficar só na figura do seu principal nome, todos ali fazem parte desse projeto de destruição do país e de inviabilização de qualquer Brasil possível –, nós estamos presos no presente. Tudo o que a gente pensa ou discute hoje, é discutir Bolsonaro. É discutir como tirar o Bolsonaro ou como minimizar os efeitos da desgraça que esse homem está fazendo na nossa vida.

A gente não consegue espaço para discutir o futuro do Brasil. Isso é muito ruim. De novo, nós estamos às vésperas do bicentenário da Independência, o que parece uma coisa menor, mas nós não estamos com tempo para disputar os mortos e discutir o passado. Aliás, nós não estamos com tempo para disputar e para ressignificar os mortos do último ano. O Brasil é um país em que morreram mais de 600 mil pessoas e que nós não tivemos luto. A gente não tem futuro possível se a gente não ritualizar a morte. A gente não consegue ritualizar a vida. A gente vai ter que, de alguma maneira, abrir uma agenda para pensar essas dimensões que não são só simbólicas, são as dimensões da ressignificação da vida. A nossa vida está sem sentido hoje, porque nós não estamos disputando os mortos e nem conseguindo pensar no futuro. O Bolsonaro sequestrou o Brasil.

Ele colocou o Brasil em cativeiro. Ele é um sequestrador da alma nacional. É isso o que ele é.

*E não é só o Bolsonaro, o advento das redes sociais on-line, isso mudou a relação espaço-tempo dos indivíduos com o mundo.*

Claro, com certeza. Perfeito. Nós estamos numa outra matriz. O Bolsonaro é um sintoma de uma degradação do capitalismo, da sua face... nunca foi bom, mas o neoliberalismo conseguiu superar todas as expectativas da desgraça possível. Alguns autores e autoras, no caso da Wendy Brown, ela vai dizer que “nós estamos vivendo a crise da crise”. Ou seja, nós estamos nas ruínas do neoliberalismo. O que significa que o que se apresentava como uma possibilidade do multiculturalismo, da diversidade, das identidades possíveis... isso tudo ruiu. Nós estamos vivendo agora um neoliberalismo na sua face autoritária, em que você tem uma fusão entre fascismo e livre mercado. Uma coisa que parece inusitada. Agora, as redes sociais elas mudam também a matriz espaço-temporal, colocam a gente diante da urgência. Tudo é circunstancial, tudo é recortado. E as redes sociais impulsionam e são impulsionadas pelo ódio, pelo conflito, pela impossibilidade da formação de consenso.

*E elas ganham dinheiro com isso.*

Sim. O ódio sempre gerou dinheiro. Isso não é novidade. Mas agora cada um tem um espacinho para odiar, que é um espaço particular. É o seu infinito particular de puro ódio e de criação de conflito. Acho que na próxima quadra histórica, nós não vamos fugir de dois assuntos: vamos ter que discutir democracia, no sentido de como a gente compatibiliza democracia com o mínimo de ordem social e política. Veja o drama. Como vamos garantir a participação ampla política e a liberdade sem a gente cair nas armadilhas da desordem neoliberal? O neoliberalismo é uma desordem em nome do lucro. Você desorganiza a vida das pessoas em nome de uma certa racionalidade da concorrência, da competição, do ódio; e o outro assunto

vai ser desigualdade. Como é que a gente dá conta disso. Esses são os nossos dois grandes dramas e a gente vai ter que rever, inclusive, o que significa viver num mundo em que a nossa comunicação com as pessoas se dá a partir de empresas privadas que ganham dinheiro com ódio. Isso vai ser um problema.

*O Direito brasileiro, no que concerne principalmente o Direito Penal brasileiro, ele continua na mesma lógica que é formada as polícias, o “controle social dos indesejáveis”, como eles chamam. E no Brasil, historicamente, os “indesejáveis” são os pobres, os negros... o que o campo progressista pode fazer para que num futuro, não tão longínquo, a gente possa efetivamente democratizar o Poder Judiciário brasileiro que, na verdade, é a expressão máxima do que é o Estado, porque é o único Poder que não é transitório? Você acredita que num período de curto ou médio prazo é possível mudarmos essa concepção do Judiciário Brasileiro, principalmente, na área penal? Publicamos uma entrevista com o professor Lenio Streck que afirmou que as faculdades de Direito são formadoras de conservadores, de neofascistas...*

Acho que o Lenio tocou num ponto importante, mas quero expandir isso. O espírito do que ele afirmou é que o juiz não vira juiz dentro da toga, depois que ele passa no concurso. Ele já vem sendo formado antes, já está sendo recrutado por uma sociedade que é desigual, discriminatória, que se forma a partir do racismo, que naturaliza a subalternidade das mulheres. A questão de gênero é absolutamente fundamental para que possamos entender como se formam os mecanismos de violência do Estado de uma maneira geral. A questão é: não se muda o Poder Judiciário sem que se mude a sociedade que dá sentido e que dá forma para esse Poder Judiciário. Quem são os clientes preferenciais? Você já falou, são as pessoas pobres que moram nas periferias, nas favelas, são pessoas negras. Essas pessoas estão nessa condição não é por causa do Poder Judiciário, mas é por causa, por exemplo, de um país que não oferece as

mínimas condições para que as pessoas morem de maneira decente, tenham um emprego decente, ganhem o suficiente para poder viver de maneira digna. Tem todo um cenário que dá sentido para esses atores que fazem parte, inclusive, do sistema de Justiça Criminal.

Ou seja, se você mudar o cenário, você vai ter que dar um outro papel para os atores. Então, se a pessoa não mora nessas condições, se a favela não é vista como ela é vista, se não é um lugar de exclusão, de precariedade, se a periferia de São Paulo é um lugar em que o Estado chega não apenas para bater e para matar, mas chega também para oferecer as condições existenciais que essas pessoas precisam ter e merecem ter, obviamente que o Poder Judiciário vai chegar de outro jeito. Aí, depois a gente entra na questão das faculdades de Direito, que é uma outra questão, e são uma derivação desse tipo de distorção social que a gente alimenta o tempo todo. Então, eu não vejo possibilidade de mudança na atuação do Sistema de Justiça Criminal como fiador da desigualdade e do racismo... e eu gosto de dizer que não existiria racismo tal como ele existe, se não fosse a atuação do sistema de Justiça Criminal. Ele azeita as estruturas do racismo. Ele exerce um papel institucional, fundamental para a criação do negro.

As pessoas falam sobre como a guerra às drogas é forjada para discriminar, violentar os negros, os pobres... e numa palestra eu invertei um pouco essa fórmula para dizer, com base na leitura da Michelle Alexander e de tantos outros estudiosos, que essa figura do negro, existencialmente, como alguém que não tem a mesma dignidade dos brancos e que pode ser preso e pode ter o seu corpo marcado, torturado, violentado e destruído, é formada pela guerra às drogas. É ela que forma também o negro, que cria essa visão sobre o que é ser negro, que cria esses territórios que serão terras de ninguém e que podem ser, a todo tempo, violadas, invadidas, abandonadas pelo Estado. Veja, a gente não pode mais se dar ao luxo de não tratar das complexidades, o que não quer dizer que a gente não tenha que

lidar com as questões imediatas. Só que não adianta a gente ficar tentando enxugar o chão com a torneira ligada. É isso o que estamos fazendo. A gente cria a política de cotas e eles destroem as universidades. Percebe? Eles estão destruindo os programas, destruindo a possibilidade de as pessoas permanecerem nas universidades, estão acabando com as bolsas de estudo para pós-graduação. Não existe mais política educacional no Brasil.

A gente está lutando pelos espaços institucionais, lutando pela vida, lutando para que a gente possa criar as condições para uma luta mais efetiva. A gente conseguiu uma vitória importante para que haja uma maior representatividade negra nos partidos políticos que, inclusive, os partidos de esquerda não fazem o seu trabalho de maneira decente em torno disso. Portanto, nós estamos disputando o Estado, as instituições estatais, as universidades, as empresas... lutar por condições dignas de trabalho, criar mecanismo para que as pessoas não sejam violentadas dentro do seu trabalho. Agora, nós temos que pensar o que torna possível todas as mazelas que queremos enfrentar. Então, o diagnóstico do Lenio não está errado, as faculdades de Direito formam algumas das piores pessoas, mas é porque existe já um tipo de sociedade que vai receber essas pessoas de braços abertos e que vai gerar essa demanda que as faculdades vão acolher.

*Existe a possibilidade de um novo governo progressista a partir de 2023, espero que seja do presidente Lula...*

Esperamos. Esperamos. Todos.

*O que o senhor espera, o que acredita que deva ser prioridade para esse novo governo? Imaginamos que a reconstrução vá ser demorada.*

Na verdade, eu não acho que vá ter reconstrução, acredita? Eu acho que vai ter que ser uma construção, porque o Brasil que a gente conheceu não existe mais. Acabou. Vamos nos conformar com isso? Em certos pontos, ainda bem. Porque não estava bom também,

antes, né... é aquela velha história, “nada está tão ruim que não possa piorar” e piorou muito. Eu quero me lembrar aqui dos termos usados pelo professor Wanderley Guilherme dos Santos sobre o governo Bolsonaro. É um governo de ocupação, não é um governo normal. É um governo da desordem, do caos. Governo, para essas pessoas que estão lá, é justamente instalar o caos. É a destruição de todas as leis institucionais possíveis e imagináveis, e eles nunca mentiram em relação a isso. Lembram daquele famoso jantar nos EUA em que ele falou “a gente vai ter que destruir muita coisa para poder construir”? Eles vieram para destruir. Destruir, inclusive, a nossa sanidade mental. Destruir a nossa capacidade de se manter hígido diante do mundo.

Então, eu espero de um próximo governo de esquerda, um governo progressista, um governo que se reconecte com a população... e eu estou dizendo isso porque eu espero um governo nesses moldes... porque tem muita gente se apresentando como diferente do que aí está, mas que na verdade são só pessoas que parecem ser mais educadas, mas que têm o mesmo projeto. Então, são várias armadilhas, como a luta contra a corrupção que começa a movimentar um certo moralismo político e que serviu muito às propostas de destruição do Brasil. Eu estou esperando, primeiro, a construção de um desenho político-institucional no Brasil que pudesse se colocar a partir de três eixos que eu chamo de tendências estruturais do Brasil. O primeiro eixo é o da dependência econômica. Nós precisamos pensar num projeto econômico para o Brasil que seja consistente, que mude as bases da economia nacional, que seja de industrialização do Brasil e que permita ao país não mais ser refém da banca internacional, do capital internacional, que consiga proteger a economia e o povo brasileiro. Um sistema de financiamento sólido para os direitos sociais e pensarmos a economia como desenvolvimento, mas pensarmos também o desenvolvimento como trazer para dentro do orçamento aqueles que mais precisam. Esse é o primeiro eixo.



O segundo eixo é o político, que vai atacar o problema que podemos chamar de falta de democracia, de autoritarismo, de falta de participação política. Precisamos ampliar os espaços da democracia, cada vez mais fazendo com que algumas decisões fundamentais do Brasil passem pelo povo brasileiro, nós precisamos organizar institucionalmente o país para permitir esses canais de participação política permanente. Porque é isso o que vai nos defender contra esses grupos que estão instalados, inclusive, na burocracia do Estado – como estávamos falando –, e que muitas vezes eles se colocam como os arautos do povo brasileiro e, na verdade, não são. São burocratas que não têm nenhuma conexão com o povo, mas que se assenhoram dos destinos do Brasil muitas vezes.

E o terceiro eixo, acho que a gente não pode escapar disso, é a gente pensar na questão do racismo. A gente vai ter que pensar nisso, vai ser inevitável. A gente mostrar como o racismo é um elemento fundamental, estrutural portanto, que compromete a nossa possibilidade do desenvolvimento econômico, que compromete a nossa democracia, que compromete também a emergência de uma energia popular que poderia, inclusive, nos proteger, do ponto de vista cognitivo, contra o autoritarismo. Veja, ficamos anos construindo no imaginário social brasileiro a importância do Sistema Único de Saúde, da vacina... tanto que eles não conseguiram destruir o SUS, não conseguiram fazer com que o povo brasileiro não se vacinasse. Olha só o que é ter uma defesa cognitiva. Então, precisamos valorizar o que a cultura popular tem de mais potente da resistência do povo brasileiro, da luta contra o racismo. Nós precisamos criar desenhos institucionais em torno disso.

E eu termino dizendo o seguinte, por isso que vamos precisar não só de ter boa vontade, a intenção e a vontade de tirar esses horrores que nos governam, mas a gente vai ter que pensar o mundo... que, inclusive essas pessoas não estarão ou estarão na cadeia que é onde elas devem estar na próxima quadra. Elas têm que ser respon-

sabilizadas por isso. E precisamos também fazer uma grande homenagem às pessoas que foram vítimas desse período. Nós precisamos fazer monumentos, lembrar das pessoas que morreram nessa pandemia. Isso vai ser um elemento civilizatório para nós. E eu acho que o grande elemento simbólico seria a gente colocar, por exemplo, o SUS como um elemento vital da civilização brasileira. A reconstrução dos direitos trabalhistas no Brasil. Olha só o mote que a gente tem. Precisamos reconstruir os direitos trabalhistas no Brasil. Nós precisamos civilizar o Brasil de um jeito que ele nunca foi civilizado, porque civilização para nós sempre foi sinônimo de destruição do meio ambiente, de destruir os povos originários, matar preto... isso foi a civilização que nós entendemos. Temos que construir uma civilização que englobe a utilização das energias do povo brasileiro para fazer um desenho institucional que possa nos colocar em direção e em linha com o futuro. Acho que é isso. Tem muita coisa para fazer e a gente vai precisar de inteligência para fazer isso.

Eu acho que a gente está numa nova fase, inclusive, com relação à questão da luta política e dos movimentos sociais. A gente além de ter que fazer a reivindicação, o discurso, o protesto que é fundamental, vamos também ter que construir tecnicamente as soluções e apresentar essas soluções. Vamos ter que “manjar” de economia, vamos ter que conhecer de política, de direito, saber como a gente cria as estruturas que permitirão desmontar essas outras estruturas que nos oprimem. Então, a gente vai ter que juntar agora uma altíssima inteligência conectada com o futuro do país, com uma vontade imensa de transformar o Brasil num país melhor. Acho que é isso.

## O pêndulo da história e a direção do Brasil e da América Latina<sup>1</sup>

*Aloizio Mercadante*<sup>2</sup>

A esquerda precisa saber negociar e construir diálogo social porque esse é o caminho das transformações que nós teremos pela frente. Antes de começar a minha explanação, eu estava aqui falando de democracia e igualdade a José Maria Pizarro – que faz aniversário hoje –, e no meio de sua fala, diz assim: “meu pai foi assassinado aos 45 anos...”. Aí, olho para a plateia e vejo o José Carlos Pizarro cujo pai foi assassinado na ditadura da Argentina. Olho o meu companheiro, amigo, parceiro fundamental na construção do Grupo de Puebla, o

---

<sup>1</sup> Trecho de discurso na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em março de 2022, durante o Encontro Internacional “Democracia e Igualdade – Para um novo modelo solidário de desenvolvimento”, com o Grupo de Puebla realizado no Teatro Odylo Costa Filho e na Concha Acústica Marielle Franco, campus Maracanã.

<sup>2</sup> Professor licenciado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), formado em Economia pela Universidade de São Paulo, doutorou-se pela Universidade de Campinas (Unicamp). Fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), foi ministro da Educação (2021-2014), da Ciência, Tecnologia e Inovação (2011-2012) e da Casa Civil (2014-2015) durante o governo Dilma Rousseff (PT). Foi senador da República (2003-2010) e deputado federal (1991-1995, 1999-2003) por São Paulo. Atualmente, é presidente da Fundação Perseu Abramo (FPA).

nosso querido Marcos Enríquez-Ominami, que o pai foi assassinado pela ditadura do Chile. Eu vejo a minha mulher ali, e me lembro que tenho um genro (pai dos meus netos) cujo pai foi assassinado. Bolsonaro, esses torturadores vão para a lata do lixo da história, nós vamos levantar a democracia nesse país. Não vai ter volta. Não vai ter volta [a plateia interrompe aos gritos de “fora, Bolsonaro”].

Antes de começar a minha reflexão, precisava fazer esse desabafo porque vejo o meu genro há 40 anos tentando encontrar o corpo de seu pai. Ele nasceu dentro de um presídio. E eu passei boa parte da minha vida convivendo com essas histórias, dos gritos na tortura, das cicatrizes de quem saía do cárcere, da clandestinidade, sonhando com um tempo de liberdade, liberdade partidária, liberdade de expressão, liberdade para vir na Universidade poder falar o que a gente pensa, que cada um defenda as suas ideias e que todas as ideias possam circular.

Um pouco antes dessa pandemia, havia um constrangimento porque diziam que se eu ou o [Fernando] Haddad visitássemos uma Universidade federal, estaríamos fazendo balbúrdia e iriam cortar o orçamento daquela instituição de ensino. Balbúrdia estão fazendo vocês com as universidades e a educação do Brasil. Nós vamos recuperar o MEC [Ministério da Educação] que não pode passar a vergonha que está vivendo nesse momento. Nós precisamos reconstruir a educação pública. Começo desabafando porque essa é a minha nona participação na coordenação de uma campanha presidencial. Foram nove campanhas sucessivas. A minha primeira foi com o Lula, em 1989. Eu andava com ele pelo Brasil e quando começamos a campanha, Lula nunca tinha votado e visto uma campanha presidencial. Nem eu. [José Luis Rodríguez] Zapatero, nós ficamos 24 anos esperando para ter uma campanha. Nunca tínhamos vivido uma campanha e eu achava que os meus filhos não iriam mais ver retrocessos e golpes. Eles já viram. E eu sonho que os meus netos não vejam mais ditaduras, esse é o significado maior do que estamos discutindo aqui.

Há uma extrema direita se articulando. Vejam o que foi a eleição nos EUA, o que aconteceu na eleição da Bolívia e o que pode acontecer no Brasil. Há uma extrema direita que não acredita, não valoriza e que não veio para construir democracia. Nós temos um desafio gigantesco e é sobre isso que quero falar. É mais do que um seminário acadêmico, nós estamos a seis meses de uma disputa decisiva aqui na América Latina, como temos na Colômbia. Não estamos disputando só uma eleição. Estamos numa encruzilhada histórica e temos que fazer muito mais do que fizemos para poder resgatar um país, seus valores civilizatórios e consolidar a democracia no Brasil e na América Latina.

Quais são os grandes desafios? O primeiro é que estamos assistindo um pêndulo econômico da história. A economia está migrando... O polo econômico, dinâmico, o motor econômico propulsor da economia caminha para a Ásia. Sobretudo para a China, que há 30 anos é o país que mais cresce e avança para ser a primeira economia mundial. Isso tem implicações muito relevantes para entender a crise que os EUA vivem, o gigantesco desafio da União Europeia que conseguiu construir uma obra civilizatória, democrática e institucional fantástica. Vinte e sete países depois de duas guerras mundiais se juntam e conseguem construir uma institucionalidade, uma convivência, a busca por uma diplomacia comum. E [é um desafio] para a nossa querida e sofrida América Latina que carrega quatro séculos de colonização e mais de 300 anos de escravidão. Portanto, uma economia que foi primária e exportadora durante séculos e se industrializou tardiamente.

Não vivemos a primeira, não vivemos a segunda e só fomos começar a nos industrializar na 3ª Revolução Industrial. Não é simples o desafio desse atraso tecnológico, de recuperar o atraso histórico. Nessa mudança de pêndulo, 80% dos engenheiros que estão sendo formados vão trabalhar na Ásia. Oitenta por cento! Um parêntese, encontrei um companheiro que está ali e é tradutor. Ele disse:

“olha, Mercadante, eu era do programa que vocês fizeram, o Ciência Sem Fronteiras”. Vou contar uma coisa para você [se dirigindo à pessoa], nós mandamos 100 mil estudantes, os melhores do Brasil para as melhores universidades do mundo. Um ano de graduação, doutorado e pós-doutorado. E trouxemos também pesquisadores, inteligência para o Brasil. Ele ali passou um ano na Espanha, hoje é tradutor, e veio agradecer pelo programa Ciência Sem Fronteiras. Ele nasceu quando o [Barack] Obama veio ao Brasil. Eu estava conversando com a presidenta Dilma [Rousseff] para ver o que lançaríamos naquela ocasião e os chineses tinham 80 mil bolsistas de doutorado nos EUA. Em Harvard eram 1.700 e nós tínhamos 25. Então, lançamos o Ciência Sem Fronteiras para colocar 100 mil nas melhores universidades e recuperar o atraso histórico, poder avançar no sentido da nossa formação.

Há um pêndulo da história. Enquanto a China era a fábrica do mundo, a manufatura do mundo, mas não disputava patentes, não promovia inovações, não disputava o valor agregado mais significativo da produção, a convivência era uma. Mas agora, não. Há uma tentativa crescente de se criar uma nova guerra fria e uma polarização econômica, política, diplomática e militar que não nos interessa. Não interessa ao planeta, não interessa à América Latina e nós não podemos assistir a tudo isso sem pensar alternativas, políticas estratégicas e novas parcerias para reverter esse quadro.

A mudança geopolítica é muito profunda e ela é muito exigente para a região, para a América Latina. E nessa mudança geopolítica, acredito que Zapatero colocou aqui uma questão – e o presidente vem falando disso em toda parte –, a de que nós precisamos de uma nova governança global. Precisamos construir mecanismos que sejam capazes de evitar, efetivamente, as guerras. Não é possível entrar no século XXI já com um milhão de pessoas mortas em guerras. Iraque, Líbia, Síria e agora a Ucrânia. Precisamos reverter esse caminho da escalada militarista que está avançando. E a ONU

não pode ter um Conselho de Segurança de 1948, que já não reflete os desafios e a realidade, que não tem capacidade de atuar. Dos cinco países do Conselho de Segurança, três, seguramente, desrespeitaram a legislação internacional sobre guerra com ações militares unilaterais e não respeitaram sequer o Conselho que eles têm a responsabilidade de participar. Eu diria que se incluir a França já são quatro. Só a China não o fez até agora e na minha visão, seguramente, não fará. Nós precisamos de uma nova governança, precisamos pensar o mundo com mais cooperação.

## Sobre os organizadores e a ilustradora

**Alberto Cantalice** é formado em Direito. Foi militante do PCB até 1990. No início dos anos 1980, cursou formação política no Instituto de Estudos do Marxismo, na antiga União Soviética (URSS). Foi presidente do diretório estadual do Partido dos Trabalhadores do Rio de Janeiro por dois mandatos e membro da Executiva nacional por três mandatos. Membro do diretório Nacional é, atualmente, diretor de Comunicação da Fundação Perseu Abramo (FPA).

**Pedro Simon Camarão Telles Ribeiro** é jornalista formado na PUC Campinas. Trabalhou por dez anos desempenhando diferentes funções em emissoras de TV afiliadas ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e à TV Record. É mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É analista e jornalista na Fundação Perseu Abramo (FPA) desde 2017.

**Nathalie Nascimento** é designer e ilustradora. Iniciou sua carreira produzindo ilustrações amadoras em 2008, formou-se designer gráfica pela Universidade Estácio de Sá (Unesa) em 2014. Colaborou com o Partido dos Trabalhadores (PT-RJ) como designer de 2017 a 2020 e, atualmente, atua como designer gráfica na revista *Focus Brasil*.



Este livro foi composto com fonte Adobe Garamond Pro, corpo 11/15, em maio de 2022. Foi composto para versões eletrônica e impressa (com tiragem de 1000 exemplares em primeira edição), ambas com distribuição gratuita.

“O que faz a força do trabalhador da cultura, ou de qualquer outro setor, é a união em torno de um sindicato. Vamos reconstruir, vamos sobreviver à pandemia e a esse apagão mental que deu no Brasil.”

***Paulo Betti***

“A democracia não é uma forma de governo, é a forma de sociedade, de criação e realização de direitos.”

***Marilena Chaui***

“Se nada for feito, caminharemos para uma estagnação secular, isto é, mais outras décadas de um país parado, com consequências sociais terríveis.”

***João Manuel Cardoso de Mello***

“Numa sociedade democrática, há política - campo em que adversários lutam. Quando aparece o ódio, vira uma guerra.”

***Luiz Carlos Bresser-Pereira***

“Criamos uma nação de rentistas. É um horror. Com o desmonte, cada qual trabalha o seu interesse pessoal e o interesse coletivo não tem quem trabalhe.”

***Luís Nassif***

“Quem começa com o identitarismo são os brancos e a extrema direita. Querem afirmar sua identidade contra o resto do mundo.”

***Silvio Almeida***

**N**este livro, você encontrará vozes diversas e, ao mesmo tempo, uníssonas no propósito de superar os males vividos no Brasil desde o golpe de 2016.

É urgente a luta contra o arbítrio, a intolerância, a violência política e o desmonte do País. Reconstruir é possível e está ao nosso alcance. Vamos à luta!

ISBN 978-65-5626-016-7



9 786556 126016 7